



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

CELINA ELIANE FRIZZO

**MANUTENÇÃO, PRESERVAÇÃO E PERDA DO BILINGUISMO:
PORTUGUÊS/GUARANI/KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA- RS**

**CHAPECÓ
2017**

CELINA ELIANE FRIZZO

**MANUTENÇÃO, PRESERVAÇÃO E PERDA DO BILINGUISMO:
PORTUGUÊS/GUARANI/KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA- RS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação do Profº Dr. Marcelo Jacó Krug.

**CHAPECÓ
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Frizzo, Celina Eliane
MANUTENÇÃO, PRESERVAÇÃO E PERDA DO BILINGUISMO:
PORTUGUÊS/GUARANI/KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA-
RS/ Celina Eliane Frizzo. -- 2017.
144 f.

Orientador: Marcelo Jacó Krug.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2017.

1. Crenças e Atitudes Linguísticas. 2. Bilinguismo
Indígena. 3. Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional.
4. Terra Indígena Guarita. 5. Kaingang e Guarani. I.
Krug, Marcelo Jacó, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

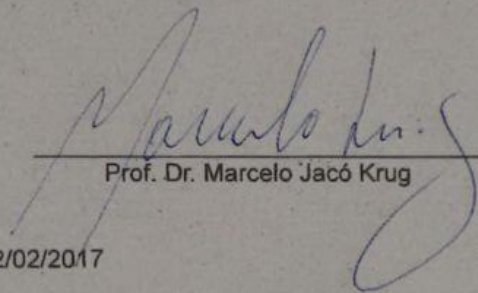
Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CELINA ELIANE FRIZZO

**MANUTENÇÃO, PRESERVAÇÃO E PERDA DO BILINGUISMO:
PORTUGUÊS/GUARANI/KAINGANG NA TERRA INDÍGENA GUARITA- RS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 22/02/2017.

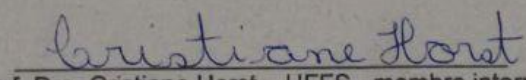
Orientador (a):



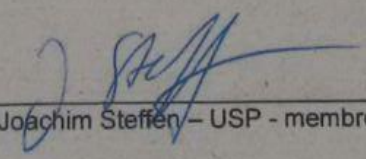
Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Aprovado em: 22/02/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Cristiane Horst – UFFS - membro interno



Prof. Dr. Joachim Steffen – USP - membro externo

Prof. Dr. Harald Thun - Cristian Albrechts Universität zu Kiel – Alemanha –
membro externo.

Chapecó/SC, fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

À Deus por tudo.

A meu orientador, pelo conhecimento compartilhado, pela dedicação, empenho e paciência com que conduziste o trabalho.

À minha família pelo apoio, pela força e pela compreensão dos dias e horas que dediquei aos estudos e não pude estar entre eles.

Aos amigos, pela força, pela parceria, pelo apoio... em especial à Loren.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Em especial, aos informantes desta pesquisa, pois sem eles esta pesquisa não teria se realizado.

Também a Equipe da Unidade Indígena de Tenente Portela, pela ajuda na seleção de informantes, especialmente ao chefe da equipe na época, Valdir Soares, e a Daniel e Diego que me conduziram até a casa dos informantes.

À Noeli Falcade pelas dicas, ajuda e ensinamentos.

À FUNAI local, regional e nacional.

Ao Cacique Valdonês e Cacica Teresa por autorizarem a realização da pesquisa na Terra Indígena Guarita.

Aos amigos Elisangela, Daniel e Bianca pela hospedagem em Tenente Portela durante a realização das entrevistas.

À minha amiga Fabiane Pereira, pelo companheirismo, pelos conselhos, pela amizade...

Aos meus colegas pelas trocas de ideias e experiências, em especial à colega, amiga e companheira, Fernanda Wepik.

A todos os professores do PPGEL da UFFS, pelo conhecimento compartilhado.

A todos que de uma ou outra maneira contribuíram de forma direta ou indireta, meu agradecimento!

RESUMO

Manter e preservar uma língua é preservar a cultura de um povo, mais do que isso, a língua é uma questão de identidade dentro da sociedade. Partindo desta afirmação, realizamos uma pesquisa com os índios Guarani e Kaingang da Terra Indígena Guarita, maior terra indígena do Rio Grande do Sul, que abrange os municípios de Erval Seco, Redentora e Tenente Portela, no noroeste do estado, onde atualmente encontramos 6.001 indígenas. Temos o objetivo de levantar e descrever as principais crenças e atitudes linguísticas que levam os Guarani e Kaingang a abandonar suas variedades linguísticas e usar o português como idioma de comunicação. Para isso, selecionamos um total de 24 informantes a partir dos moldes teóricos metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (8 informantes Guarani, 8 informantes Kaingang e 8 informantes não indígenas), metodologia utilizada para essa pesquisa. Foram consideradas as dimensões diatópica (na qual analisamos as crenças e as atitudes quanto ao uso que cada comunidade faz de sua variedade), diastrática, (definidas a partir do contexto de cada um dos grupos, como: topodinâmicos (Td), e topostáticos (Ts). O grupo Td fica posicionado nas células superiores da cruz utilizada na metodologia, e Ts nas células inferiores), diageracional (Geração II (GII), informantes com 52 anos ou mais, e Geração I (GI), informantes de 18 a 36 anos) e diasssexual (informantes do sexo masculino e feminino). Usamos alguns requisitos na seleção dos informantes: primeiramente, os informantes precisavam contemplar as particularidades de cada uma das dimensões, além de terem nascido na TIG e nas cidades de Tenente Portela e Redentora ou ter vivido pelo menos $\frac{3}{4}$ da vida e residir nesses locais atualmente. Para a coleta de dados aplicamos um questionário aos informantes, além de solicitar a eles que lessem alguns textos em português, Guarani e Kaingang, além disso, tivemos uma conversa livre com os informantes. O caderno de campo também foi utilizado para anotarmos todas as observações que fizéssemos enquanto observávamos os grupos. Após análise dos dados, percebemos que no grupo Kaingang são os homens que mais preservam a língua indígena e no grupo Guarani a preservação da língua coube ao grupo Ts. Além disso, também constatamos que todos os informantes, tanto indígenas quanto *fóg/juruá*, acham importante ensinar os filhos a falar a língua indígena, mas nem todos os indígenas procedem dessa maneira. Ademais, para o grupo *fóg/juruá* falar a língua indígena é um fator de identidade, é através dela que se mantém e se preserva a cultura do povo indígena. Ainda, em relação às crenças e atitudes, constatamos que para os informantes indígenas é importante que se fale a língua indígena; que a escola ensine a variedade indígena aos alunos e, além disso, a língua identifica os indivíduos indígenas. Contudo, é a língua portuguesa que vem ganhando maior espaço na vida de muitos indivíduos indígenas, ao ponto de ser, ela, a única língua que alguns indígenas falam, colocando em risco o bilinguismo indígena.

Palavras-chave: Bilinguismo. Língua Indígena. Atitudes Linguísticas. Dialetoologia Pluridimensional.

ABSTRACT

Maintaining and preserving a language is preserving the culture of its people; more than that, language is a matter of identity within society. Based on this assertion, we conducted a research involving the Guaraní and Kaingang Indians of the Guarita Indigenous Land, the largest indigenous land in Rio Grande do Sul, it encompasses the municipalities of Erval Seco, Redentora and Tenente Portela, in the northwest of the state, where we currently find 6,001 indians. We aim to identify and describe the main linguistic beliefs and attitudes that make the Guaranis and Kaingangs abandon their linguistic varieties and adopt Portuguese as their communication language. To do so, we selected a total of 24 informants based on the theoretical methodological models of the Pluridimensional and Relational Dialectology (8 Guaraní informants, 8 Kaingang informants and 8 non-indigenous informants), methodology which guides our research. The diatopic dimensions (in which we analyze the beliefs and attitudes regarding the use that each community makes of its variety), diastratic, (defined from the context of each of the groups, such as: topodinamic (Td), and topostatic (The Td group is positioned in the upper cells of the cross used in the methodology, and Ts in the lower cells), diagenational (Generation II (GII), informants with 52 years old or more, and Generation I (GI), informants from 18 to 36 years old) and diasexual (male and female informants). Some requirements were used to select the informants: first, they had to contemplate the particularities of each one of the dimensions, besides being born in the TIG and in the cities of Tenente Portela and Redentora, or to have lived at least $\frac{3}{4}$ of their life in those cities and to reside there at the moment. In order to collect the data, we applied a questionnaire and asked the natives to read some texts in Portuguese, Guaraní and Kaingang; we also had a free conversation with the informants. In addition to that, we made use of a field notebook to jot down any observations we made while observing the groups. After analyzing the data, we verified that in the Kaingang group men are the ones who most preserve the indigenous language, and in the Guaraní group this role belongs to the Ts group. Besides this, we also verified that all informants, both indigenous and *fóg/juruá*, think it is important to teach the indigenous language to their children, not all indigenous people, however, have taught the language to their children. Furthermore, speaking the indigenous language is a factor of identity for the *fóg/juruá* group, it is through it that the culture of the indigenous people is preserved. In relation to beliefs and attitudes, we verified that for the indigenous informants, it is important to speak the indigenous language; to teach it at school, moreover, the language identifies the indigenous individuals. However, it is the Portuguese language that has been gaining more space in the lives of many indigenous individuals, to the point of being the only language that some indigenous people speak, putting at risk the indigenous bilingualism.

Keywords: Bilingualism. Indigenous language. Linguistic Attitudes. Pluridimensional Dialectology.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADDU – Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay
ALCF – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira
ALGR – Atlas Linguístico Guaraní - Románico
ALiB – Atlas Linguístico do Brasil
ALMA – Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata
Ca – Classe Alta
CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
Cb – Classe Baixa
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP – Conselho Nacional de Ética em Pesquisa
DP – Dialectologia Pluridimensional
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
F – Feminino
FUNAI – Fundação Nacional do Índio
GI – Geração 1
GII – Geração 2
GTDL – Grupo de Trabalho sobre Diversidade Linguística
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico
km – Quilômetro
LANG – Atlas of New England
M – Masculino
NORMs – Nonmobile older rural males
RS – Via asfáltica do Estado do Rio Grande do Sul
SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena
SPI – Serviço de Proteção aos Índios
Td – Topodinâmicos
TI – Terra Indígena
TIG – Terra Indígena Guarita
Ts – Topostáticos

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

GLOSSÁRIO

Termos em Kaingang:

Fóg: não indígena

Fuva: alimento preparado pelos indígenas Kaingang

Acupli: alma que se transforma em demônio

Kamé e *Kañerucré*: metades exogâmicas

Kofá: velho

Termos em Guarani:

Juruá: não indígena

Tekoá Ka'aguy Porã: nome da aldeia Guarani

Karaí: pagé

Nhanderu: Deus Guarani

Petygua: cachimbo

Tekoá: aldeia

Teko: jeito de ser guarani

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da TIG.....	20
Figura 2 - TI Guarita.....	21
Figura 3 - Espaço Variacional e Disciplinas da Variação	52
Figura 4 - Cruz presente nos mapas produzidos pela DP	54
Figura 5: Cruz adaptada de Thun (1996, 1998, 2010).....	58
Figura 6 - Modelo de Cartograma.	64
Figura 7: Cartograma da pergunta 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? Sugerência: A) Guarani? B) Kaingang ..	107
Figura 8: Cartograma da pergunta 24: Quem fala melhor português, o Kaingang ou o Guarani, ou os dois?	109
Figura 9: Cartograma da pergunta 21: O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões.....	110
Figura 10: Cartograma da pergunta 27: Existem situações em que você tem vergonha de falar Kaingang/ Guarani?	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dimensões de Análise da DP	53
Quadro 2: Pergunta 01: Que língua costuma falar em família?	66
Quadro 3: Pergunta 04: Em que língua mais gosta de conversar?	67
Quadro 4: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam Kaingang dos pais? Por quê?	68
Quadro 5: Pergunta 05: De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou o português?	69
Quadro 6: Pergunta 06: Quando vem visita, que língua prefere usar?	70
Quadro 7: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang/ Guaraní, mas insistia em só falar português?	71
Quadro 8: Pergunta 33: Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?	74
Quadro 9: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?.....	75
Quadro 10: Pergunta 19: Como chamam as pessoas que não são de origem indígena?	76
Quadro 11: Pergunta 13: Como se sente: mais índio ou mais gaúcho?.....	76
Quadro 12: Pergunta 01: Que língua costuma falar em família?	78
Quadro 13: Pergunta 04: Em que língua mais gosta de conversar?	80
Quadro 14: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam o Guaraní dos pais? Por quê?.....	82
Quadro 15: Pergunta 05: De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou português?	83
Quadro 16: Pergunta 06: Quando vem visita, que língua prefere usar?	84
Quadro 17: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Guaraní, mas insistia em falar só português?	85
Quadro 18: Pergunta 33: Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?	86
Quadro 19: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?.....	87
Quadro 20: Pergunta 19: Como chamam as pessoas que não são de origem indígena? (na língua indígena e no português?).....	88
Quadro 21: Pergunta 13: Como se sente mais? Índio? Gaúcho?.....	88
Quadro 22: Pergunta 01: Que língua costuma falar na família? Que língua o índio costuma falar na família?.....	91
Quadro 23: Pergunta 04: Em que língua você acredita que o índio mais gosta de conversar?	91
Quadro 24: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam Kaingang/Guarani dos Pais?.....	92
Quadro 25: Pergunta 05: De modo geral, o índio costuma falar mais a língua indígena ou português?.....	93
Quadro 26: Pergunta 06: Quando o indígena recebe visita, que língua ele prefere usar?	94
Quadro 27: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com um índio que sabia o português, mas insistia em só falar a sua língua indígena Kaingang/ Guaraní?.....	95
Quadro 28: Pergunta 33: Quando fala português, o índio mistura com a língua indígena? Se sim, o que ele mistura e por quê?	97

Quadro 29: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, o índio mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?	98
Quadro 30: Pergunta 21: O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões.	98
Quadro 31: Pergunta 13: Como o indígena se sente: mais gaúcho ou mais indígena?	99
Quadro 32: Cruzamento dos dados I	115
Quadro 33: Cruzamento de dados II.....	117
Quadro 34: Cruzamento dos dados III.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pergunta 10: Como aprendeu o português? (Grupo Kaingang)	73
Gráfico 1: Pergunta 10: Como aprendeu o português? (Grupo Guarani).....	81
Gráfico 1: Pergunta 10: Como o índio aprende o português? (Grupo fóg/juruá).....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 TERRA INDÍGENA GUARITA.....	19
2.1 KAINGANG.....	23
2.1.1 Cultura Kaingang.....	23
2.1.2 Escola	27
2.2 GUARANI.....	29
2.2.1 Cultura Guarani	29
2.2.2 Escola	32
2.3 FÓG/JURUÁ	33
2.3.1 Cultura Fóg/Juruá	34
2.3.2 Escola	35
2.4 CULTURA TRADICIONAL E CULTURA ATUAL	35
3 ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES.....	38
3.1 BILINGUISMO.....	38
3.2 BILINGUISMO E CULTURA.....	40
3.3 CRENÇAS LINGUÍSTICAS	43
3.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	45
3.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	50
4 METODOLOGIA.....	55
4.1 PERFIL E SELEÇÃO DE INFORMANTES	55
4.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE	56
4.2.1 Dimensão diatópica	56
4.2.2 Dimensão diastrática.....	57
4.2.3 Dimensão diageracional	58
4.2.4 Dimensão diassexual	59
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	59
4.3.1 Leitura.....	60
4.3.2 Questionário	61
4.3.3 Conversa livre.....	62
4.3.4 Caderno de campo	62
4.4 PROCEDIMENTOS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	63
5 ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL DOS DADOS	65
5.1 KAINGANG.....	65

5.1.1 Análise a partir da dimensão diastrática	65
5.1.2 Análise a partir da dimensão diassexual	69
5.1.3 Análise diageracional.....	74
5.2 GUARANI.....	78
5.2.1 Análise a partir da dimensão diastrática	78
5.2.2 Análise a partir da dimensão diassexual	83
5.2.3 Análise a partir da dimensão diageracional	86
5.3 FÓG/JURUÁ	90
5.3.1 Análise a partir da dimensão diastrática	90
5.3.2 Análise a partir da dimensão diassexual	93
5.3.3 Análise a partir da dimensão diageracional	97
5.4 ANÁLISE DIATÓPICA E CRUZAMENTO DOS DADOS	100
5.4.1. Análise diatópica	101
5.4.2 Cruzamento dos dados.....	115
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	134

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, sendo um dos países mais multilíngues do mundo, apresenta realidades bilíngues diversas. Devido a este importante e esquecido fato, esta dissertação tratará do tema “bilinguismo indígena: sua manutenção, preservação e perda”, nos grupos indígenas Kaingang e Guarani¹, da Terra Indígena Guarita e de um grupo de não indígenas oriundos das comunidades urbanas, localizadas próximas à terra indígena. O OBJETIVO GERAL da pesquisa é levantar e descrever as principais crenças e atitudes linguísticas que levam os Guarani e Kaingang da Reserva Terra Indígena Guarita a abandonar suas variedades linguísticas e usar o português como língua de comunicação.

Em seus mais de 500 anos de história, o Brasil, desde sua ocupação pelo imigrante europeu, apresenta uma história de contatos, não apenas contatos linguísticos, mas, inclusive, contatos entre culturas (MELLO; ALTENHOFEN; TOMMASO, 2011). O primeiro contato realizado foi com indígenas Tupinambás, na costa leste do território brasileiro; nesse, portugueses e indígenas buscavam comunicar-se de alguma forma, seja por meio de gestos, seja tentando compreender a língua um do outro (MOORE, 2011). Como fruto dessa interação, temos, além dos filhos gerados entre índias e portugueses, os chamados mestiços, a origem da Língua Geral² ou Nheengatú³ (Nhengatu), “uma língua Tupí-Guarani originalmente falada na costa litorânea que foi modificada por efeitos do substrato e empréstimos do Português” (MOORE, 2011, p. 217). Contudo, através do Diretório dos Índios, Marquês de Pombal proíbe a língua geral em 17/08/1758, e impõe o português como língua única do país (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011).

Assim como ocorria a extinção da população indígena, (seja por doenças das quais os índios não possuíam defesas imunológicas, seja por atrocidades como tortura, escravidão, a venda ou arrendamento de suas terras), a língua indígena sofreu com o mesmo processo. A partir de 1938, com a política de nacionalização do Estado Novo, foi proibido falar qualquer língua que não fosse o português em território brasileiro. Essa lei atingiu principalmente as comunidades de línguas alóctones⁴, mas, de certa forma, atingiu também a língua indígena,

¹ Desde 1953, ficou estabelecido entre os antropólogos, que o substantivo gentílico referente aos povos indígenas seria grafado em maiúsculo e nunca pluralizado, pois muitas vezes o substantivo já está no plural na língua indígena de referência, além do mais, designa um povo (KONDO & FRAGA, 2014, p. 415; BECKER, 1976).

² Segundo Rodrigues, a expressão língua geral era chamada, nos dois primeiros séculos de colonização, de Língua Brasília. O linguista também afirma, que no século XVIII era chamada de Tupinambá.

³ O Nhengatu ainda existe na região do Amazonas, e é uma das línguas cooficiais do município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011, p. 204).

⁴ Línguas que vieram de fora do país (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

pela falta de reconhecimento e existência. Somente com a Constituição de 1988 são dados às comunidades indígenas “alguns” direitos, como por exemplo, nas questões de terras, no reconhecimento de sua cultura e o respeito a sua organização social. Em vistas à língua indígena, o artigo 210 da Constituição assegura que as comunidades indígenas possam ministrar as aulas em suas respectivas línguas maternas, artigo este potencializado na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, em seu artigo 32, que garante que o ensino fundamental seja ministrado na língua materna das comunidades indígenas. Assim sendo, no Brasil, as comunidades indígenas são as únicas que, por direito, possuem educação bilíngue em esfera pública.

Apesar disso, a esfera governamental agiu tarde, quando as línguas indígenas de muitos grupos já estavam bem comprometidas, muitas delas quase alcançando a “morte”. Segundo Mello; Altenhofen; Tommaso (2011, p. 19) “as línguas desapareceram pela aculturação dos ameríndios em contato com a sociedade ocidental: a língua ameríndia acaba perdendo aos poucos domínios sociolinguísticos”. Também podemos afirmar, segundo os mesmos autores (2011), que a morte de muitas línguas indígenas pode ter origem quando uma língua de maior prestígio, no caso o português (língua oficial do país), faz-se mais importante ou apresente maior procura em ambientes de trabalho ou até mesmo para ter acesso a bens de uma sociedade, regida por essa língua/cultura. No caso dos povos indígenas, ter um bom domínio do português, pode significar maior aceitação pelo *fóg/juruá*⁵.

Muitas comunidades indígenas buscam pela revitalização de suas línguas, pois a manutenção de uma língua está intimamente ligada à manutenção da cultura. Todavia, nos exemplos bem-sucedidos de revitalização de línguas indígenas, ocorrem atitudes positivas por uma parte dos falantes (GARCIA, 2009). A revitalização ou a preservação da língua indígena é uma das preocupações dos falantes da Terra Indígena Guarita (doravante TIG), localizada no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, que abriga etnias Guarani e Kaingang. A TIG possui cerca de 24.000 hectares de extensão e abrange os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco. Segundo muitos membros da comunidade, a cada dia que passa, a língua indígena reduz o número de falantes⁶. Desta forma, partir do pressuposto da

⁵ O vocábulo *fóg* é um termo Kaingang que se refere ao não indígena, assim como o vocábulo Gurani *juruá* tem o mesmo significado. Contudo, percebemos que durante as entrevistas, enquanto falam o português, o termo “branco” e “os de fora” são utilizados para se referir ao não indígena. Nesta pesquisa vamos utilizar os vocábulos das línguas indígenas quando nos referirmos aos não indígenas na maioria das vezes, evitando a palavra “branco” para que o leitor indígena, identifique-se com esse estudo e identifique sua língua representada no meio acadêmico.

⁶ Esse fato foi constatado através do relatório oriundo da Emater Ascar, escritório Indígena.

importância das atitudes linguísticas na revitalização de línguas indígenas e da preocupação oriunda da própria comunidade, juntamente com a análise oriundas das crenças linguísticas existentes, é que se faz possível constatar a existência do bilinguismo nessa comunidade indígena, em ambos os grupos.

Mesmo sob a afirmação de Moore, Galucio e Gabas Júnior (2008), de que o Brasil apresenta iniciativas governamentais que o coloca entre os progressistas na questão de proteção da diversidade linguística, sabemos que muito ainda há de ser feito. Segundo Rodrigues (2005), há 500 anos, eram faladas cerca de 1.200 línguas indígenas no Brasil. Atualmente, de acordo com o censo do IBGE 2010⁷, são faladas 274 línguas e 305 etnias. Todavia, segundo a Organização das Nações Unidas – Unesco, dessas 274, 190 estão ameaçadas de extinção⁸ (ALTENHOFEN & MORELLO, 2013, p.19).

Para a realização da pesquisa, seguiremos a teoria e metodologia da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, que combina a dialetologia areal e a sociolinguística, analisando um elevado número de variáveis linguísticas e extralinguísticas no maior número de pontos (locais) possíveis (THUN, 1996, 2010). Selecionaremos 24 informantes, 8 informantes da etnia Guarani (4 homens e 4 mulheres), 8 informantes da etnia Kaingang (4 homens e 4 mulheres) e, ainda, 8 informantes não indígenas (4 homens e 4 mulheres).

A presente pesquisa está inserida no projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* (ALCF) e foi aprovada pelo sistema CEP/CONEP, da Universidade Federal da Fronteira Sul, no dia 19 de abril de 2016, sob CAAE 49494715.8.0000.5564. Os dados foram coletados através de uma conversa livre, entrevista e leitura de um texto, que estão gravados em áudio.

A pesquisa levou em consideração as seguintes dimensões: *diatópica*, *diastrática*, *diageracional* e *diassexual*, e, segundo essas dimensões, organizamos nossos objetivos específicos:

1. Constatar quais são as línguas usadas na TIG e nos municípios de Tenente Portela e Redentora;
2. Verificar quais são as variedades linguísticas indígenas usadas na comunicação intra e intergrupar da TIG;

⁷ Site IBGE Indígena: <http://indigenas.ibge.gov.br/>.

⁸ D'Angelis (2014) acredita que as 274 línguas contabilizadas pelo IBGE não correspondem com o número real, contudo, é um dado pelo menos informativo.

3. Identificar quando, como e onde a variedade linguística indígena é usada pela comunidade, assim como quando, como e onde é usada fora da comunidade;
4. Analisar, através das dimensões diassexual, diastrática e diageracional, as perspectivas dos falantes da língua indígena, quanto à importância da mesma em suas vidas e, principalmente, para sua cultura, no que se refere à manutenção e preservação;
5. Verificar qual a consciência que os indígenas têm, referente à perda da língua materna e qual a consciência do não indígena referente a essa perda no que tange as dimensões diassexual, diastrática e diageracional;
6. Levantar, a partir da visão dos informantes, e através da dimensão diatópica, diastrática, diageracional e diassexual, o real percentual de indivíduos falantes da língua indígena;
7. Identificar as principais crenças e atitudes dentro da dimensão diatópica, analisando as variações dessas crenças e atitudes de um grupo para o outro.

A teoria metodológica utilizada para a realização da pesquisa trabalha com hipóteses, a partir de cada um dos objetivos específicos elaborados. A ordem das hipóteses elaboradas segue a mesma ordem do correspondente objetivo específico, ou seja, a hipótese 1 corresponde ao objetivo específico 1, e assim por diante. Para alguns objetivos, pode haver mais de uma hipótese, que aparecem em ordem alfabética.

1. Dentro da comunidade se fale as línguas Guaraní Mbyá⁹ e Ñandeva, Kaingang e Português;
2. Que nas relações intra grupais seja usada a variedade indígena, e que nas relações intergrupais ocorra um uso geral da língua portuguesa (mesmo que limitada), devido ao movimento feito pelos indígenas entre zona urbana e rural para a venda de produtos artesanais e compra de alimentos segundo conversa com membros da comunidade;
3. a) Utilizam a língua indígena em suas casas através de conversas rotineiras e na escola onde as crianças são alfabetizadas em Kaingang e Guaraní;
b) Utilizam a variedade portuguesa com *fóg/juruá* quando “negociam” com esses, e, entre indivíduos indígenas, usam a variedade indígena mesmo estando fora de seu território;
4. Os índios sentem a necessidade de manter viva sua língua materna e percebem que esta já não é mais usada pelos indivíduos da comunidade, segundo informações oriundas do Relatório Diagnóstico da Situação da Comunidade – TI¹⁰ Guarita (2014). Assim, acreditamos que em todas as dimensões, Diassexual (homem e mulher), Diastrática

⁹ Também encontramos o termo Mbyá Guaraní em algumas bibliografias.

¹⁰ TI: Terra Indígena.

(topodinâmicos, doravante (Td) e topostáticos, doravante (Ts)) e Diageracional (GII e GI) encontraremos atitudes que revelem a preocupação em relação à língua segundo anotações do caderno de campo;

5. Os indígenas têm consciência de que sua língua faz parte de sua cultura e procuram preservar esses dois elementos. Contudo, muitos preferem viver sua língua e cultura em contextos familiares. Diante de pessoas de outras culturas, se mostram tímidos em ambas as dimensões. Já o não indígena acredita que no momento em que o indígena deixa de falar sua língua, ele não é mais visto como índio, nas palavras de Kondo & Fraga (2013);
6. a) Nas localidades próximas à zona urbana, os falantes bilíngues, ou seja, que falam português e uma língua indígena, sejam em menor número, enquanto que em comunidades mais isoladas, o número de bilíngues seja maior;
b) Na dimensão diastrática, acreditamos que o grupo de informantes (Td) por possuir maior contato intra étnico use menos a variedade indígena, ao passo que, os informantes do grupo (Ts) por terem menos contato intra étnico, falem mais a variedade indígena;
c) Já na dimensão Diageracional, a expectativa é que a geração mais velha (GII), de 52 anos ou mais, use mais a língua indígena, enquanto que a geração nova (GI), de 18 a 36 anos de idade, use sua língua materna em menor porcentagem, especialmente as que se localizam próximo a áreas urbanas;
d) Em relação à dimensão Diassexual, cremos que as mulheres façam um maior uso da língua majoritária, pois são elas que costumam utilizar as variantes de maior *status*, comparado aos homens (CHAMBERS & TRUDGILL, 2004). Normalmente, são as mulheres que começam a substituição linguística (PILLER & PAVLENKO, 2004);
7. a) De um modo geral, acreditamos que a principal crença seja de que todos os indígenas devem preservar suas línguas, mas que nem todos usem a língua quando observamos a atitude, uma vez que segundo Kaufmann (2011) nem sempre agimos da forma que pensamos. Da mesma forma, acreditamos que outras crenças apareçam, entre elas, o fato de que ensinar a língua indígena para as crianças seja importante, mas que muitas crianças não saibam falar a variedade indígena;
b) Segundo Rodrigues (1986, p. 17) os índios são diferentes entre si, esperamos que suas crenças e atitudes também sejam diferentes, pois são dois grupos distintos, assim como seus hábitos e costumes;

c) Por viverem no mesmo território os grupos tenham algum conhecimento sobre si, e que o grupo dos *fóg/juruá* também tenha, pois o trânsito de indígenas pela cidade é intenso e alguns setores ficam localizados muito próximos da cidade;

O trabalho está dividido da seguinte forma: uma introdução, onde expomos o que será apresentado neste trabalho. O Capítulo 2, procura apresentar o local, o contexto e algumas características dos grupos que participam da pesquisa. O capítulo 3, por sua vez, trata dos conceitos teóricos pertinentes ao tema, objetivo da pesquisa e explica, também, a teoria metodológica que seguimos. No capítulo 4, explicamos a metodologia, ou seja, como ocorreu a seleção de informantes, coleta de dados entre outros. O capítulo 5, traz a análise dos dados, e, finalizamos o trabalho, no capítulo 6, as considerações finais, no qual apresentamos os principais resultados obtidos.

2 TERRA INDÍGENA GUARITA

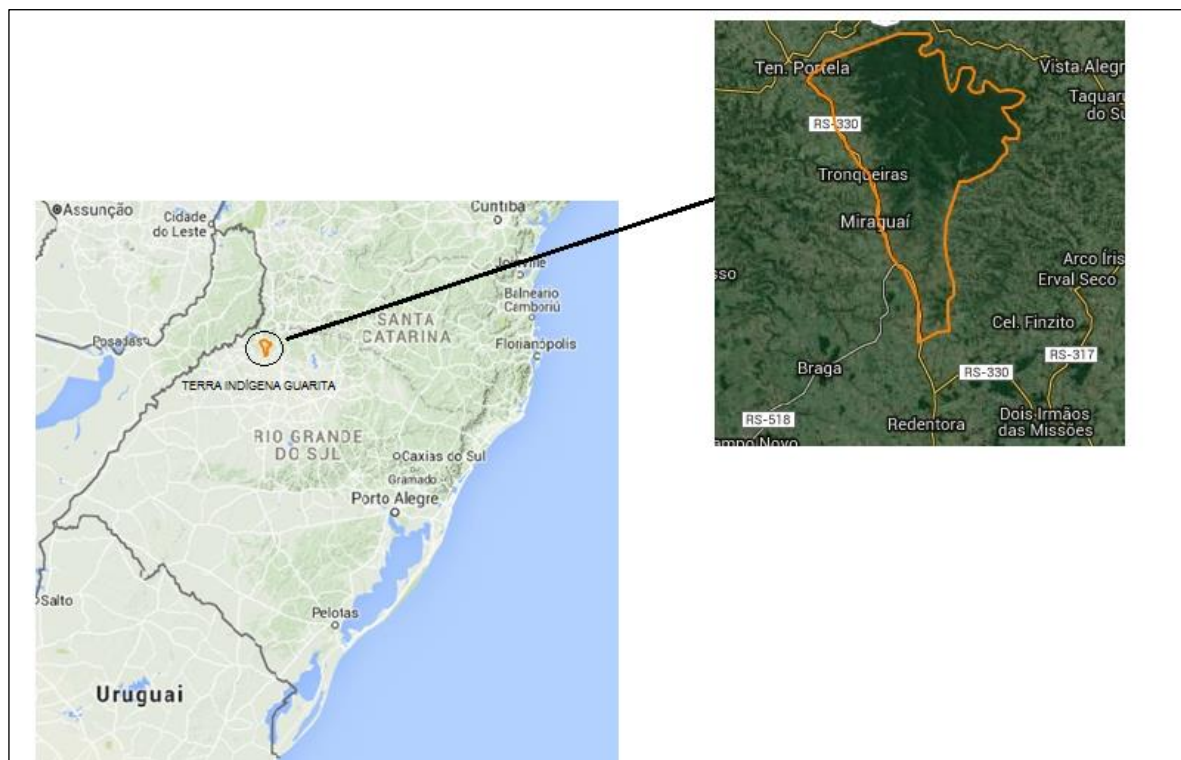
Compreender o universo na qual a pesquisa está inserida colabora na interpretação de nossos dados. Desta forma, buscamos apresentar, neste capítulo, o contexto onde o estudo ocorreu, seus dados históricos, constituição populacional, bem como as percepções obtidas através da realização das entrevistas, além da observação durante atividades envolvendo os informantes e questões pertinentes à aculturação.

A pesquisa realizou-se, em sua maior parte, na TIG, a qual está localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul e abrange os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco, tendo um total de 23.406 hectares¹¹ e sendo a terra indígena mais populosa do estado, com 6.001 habitantes, segundo o IBGE (2010)¹², porém, para o cacique do grupo Kaingang, são cerca de 7.000 índios que habitam a Guarita. Nela encontramos as etnias Kaingang, em sua maioria, e Guarani, em menores proporções.

¹¹ Do total da área, 12.000 hectares aproximadamente são áreas de mata preservadas, o restante é de capoeira e lavouras.

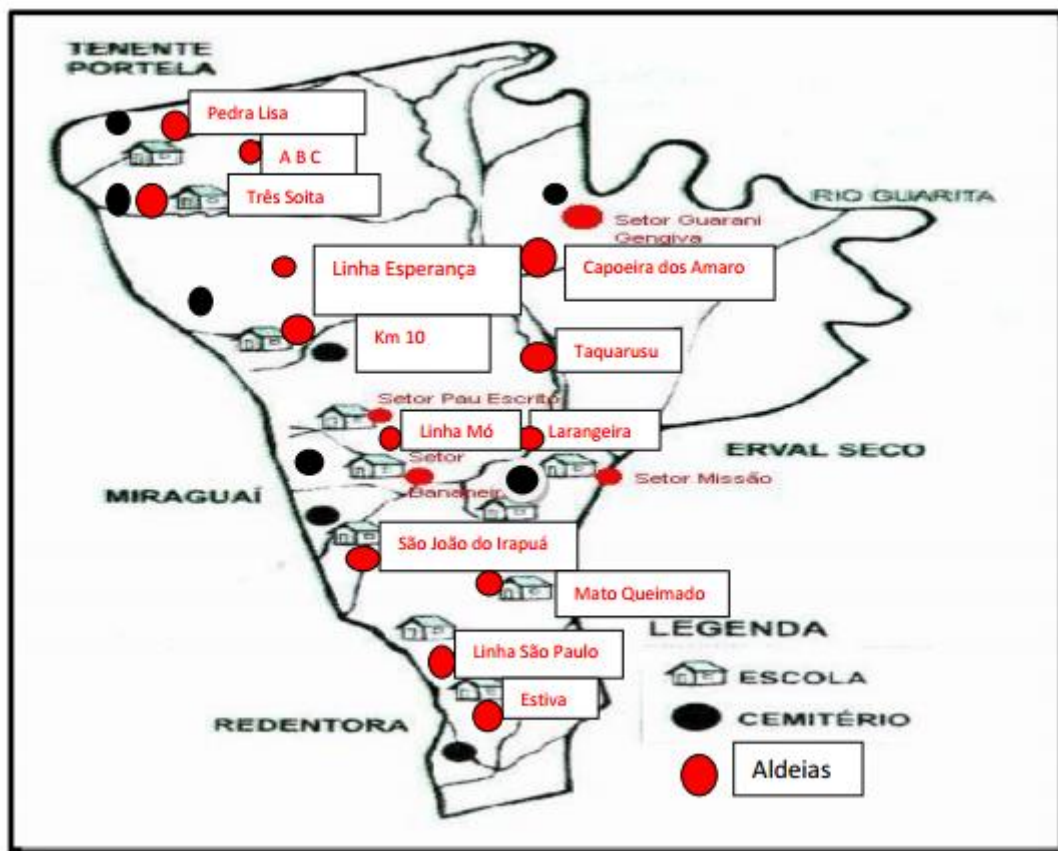
¹² Segundo censo de 2010 do IBGE, desses 6.001 indígenas, 5.933 se declaravam indígenas; 63 não se declaravam indígenas, mas se consideram indígenas e 5 não se declaravam indígenas nem se consideram indígenas.

Figura 1 - Localização da TIG



Fonte: Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/#!/pt-br/terras-indigenas/3680> - os mapas foram adaptados (06/04/2016)

Figura 2 - TI Guarita



Fonte: Claudino, 2015.

A TIG, assim como a maioria das terras indígenas, é o resultado do avanço dos índios Kaingang para o oeste no século XIX, devido à colonização que ocorreu a partir de 1824 com a chegada dos alemães¹³ no Rio Grande do Sul. O Aldeamento do Guarita, fundado entre 1848 e 1850 pelo Pe. Parés, abrigava índios liderados pelo Cacique Fongue (BECKER, 1976). Devido ao desejo do governo de criar em Nonoai, um único aldeamento, em 1854, os índios da Guarita, estavam transferidos para Nonoai. Contudo, pouco tempo depois, ocorre o retorno dos mesmos índios ao antigo aldeamento, que, por sua vez, é extinto novamente em 1880, devido à reivindicação de fazendeiros de que os indígenas eram agressivos, causando perturbações. No ano de 1910, o aldeamento reaparece, sendo formalmente criado em 1911. Graças à Diretoria de Terras e Colonização¹⁴, órgão do governo do estado, em 1918 a TIG é demarcada oficialmente, durante o governo de Borges de Medeiros. O posto de atendimento

¹³ A colonização alemã, foi mais intensa e direta ao povo Kaingang e demais grupos indígenas, que andavam livres pelas matas, diferentemente dos Guarani, que estavam praticamente extintos com o fim das reduções (BECKER, 2006; BECKER, 1976).

¹⁴ O governo do estado se antecipa na demarcação de terras, de forma a evitar que o governo federal tomasse ponta nesta ação (WISNIEWSKI, 2011).

do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) chega a Guarita no ano de 1941, instalando-se onde hoje é o atual setor/comunidade¹⁵ de São João do Irapuá¹⁶ (BECKER, 1976; BECKER, 2006, GASPARETO, 2006; WISNIEWSKI, 2011).

Sob denúncias de destruição da fauna e flora e irregularidades cometidas (as quais constam no Relatório Figueiredo como, principalmente, os arrendamentos, maus tratos aos índios aldeados, que ficaram, de certa forma, sob regime de escravidão) o SPI encerra suas atividades em 1967. No mesmo ano, o governo cria a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), contudo, a realidade pareceu não mudar (GASPARETO, 2006, p.28-29), e os índios continuam sob a tutela desta instituição até os dias atuais. Por convergências políticas, a FUNAI está localizada no município de Miraguaí¹⁷.

Segundo Gaspareto (2006) muitas terras indígenas perderam parte de seus territórios e algumas até foram extintas, devido a uma política anti-índigena e de reforma agrária do governo de Leonel Brizola (WISNIEWSKI, 2011). Contudo, a TIG não sofreu com essa ação e apresenta, atualmente, um amplo território, onde os indígenas se organizaram em pequenas vilas, pois, de acordo com D'Angelis e Veiga (2003), “a FUNAI consagrou, nos anos 70, o enfileiramento de tais casas padrão ao longo das estradas de acesso às áreas...”¹⁸, no caso da TIG a RS-330. Desta forma, as vilas, ou setores, como são chamados na TIG, que se desenvolveram neste espaço, são: Pedra Lisa, ABC, Três Soitas, Linha Esperança, Km 10, Pau Escrito, Linha Mó, Bananeira, Irapuá, Linha São Paulo, Mato Queimado, Estiva, Laranjeira, Missão, Capoeira dos Amaros, Katiu Gria e Gengibre. Alguns setores ficam muito próximos da cidade de Tenente Portela, como é o caso de Pedra Lisa (1km de distância), Três Soitas e Km 10. Já na cidade de Miraguaí, temos o setor de Irapuá.

As duas etnias indígenas que se encontram na TIG apresentam algumas diferenças entre si, que, em seguida, descreveremos. Mesmo que no passado tenha ocorrido, de forma geral, algumas desavenças entre o povo Guarani e Kaingang (SCHMITZ, 2006), o relacionamento atual entre os dois grupos é aparentemente pacífico.

¹⁵ Utilizaremos o termo “setor”, com o mesmo sentido de “comunidade”, pois no contexto dos grupos estudados, o termo setor é bastante utilizado, referindo-se às diferentes localidades que compõe a TIG. Exemplo: Setor Três Soitas, Setor do Irapuá.

¹⁶ Atualmente conhecido mais por setor do Irapuá.

¹⁷ O município tem suas fronteiras políticas estabelecidas pelos limites da TIG, uma vez que este emancipou-se anos após a demarcação da TIG, desta forma, o município é bastante visitado pelos indígenas, principalmente o setor de Irapuá.

¹⁸ Outra questão que trouxe os índios para próximo à cidade, foi a questão da energia elétrica que era mais acessível nesta localização.

2.1 KAINGANG

Segundo Becker (1976; 2006) o Kaingang que habita a Guarita é descendente dos antigos Guaianá. Sua língua pertence ao tronco Macro-Jê, família Jê. Aproximadamente, são cerca de 1.500 famílias Kaingang, que vivem da produção do artesanato, do plantio de pequenas hortas, da planta de batata-doce, mandioca, em sua maioria; uma parte pequena se dedica ao plantio de soja, trigo e milho. O trabalho assalariado vem ganhando espaço na renda das famílias Kaingang, empregando-se no frigorífico Mais Frango, na cidade de Miraguaí-RS. Além disso, a maioria são beneficiários do programa Bolsa Família e os idosos recebem aposentaria, o que, possivelmente, passa a ser a renda principal de algumas famílias.

É importante salientar que muitos jovens indígenas estão tendo a oportunidade de frequentar uma universidade e, depois de formados, em alguns casos retornam a TIG. Encontramos professores, enfermeiros, psicólogos, engenheiros agrônomos, entre outros profissionais, que trabalham em instituições como SESAI e escolas. Tivemos conhecimento de jovens que estão concluindo cursos nas áreas de direito, assistência social e nutrição e que pretendem retornar e trabalhar em prol e na comunidade Kaingang.

O atual cacique Kaingang foi eleito pelo povo indígena, e seu mandato tem período indeterminado. Assim, uma nova eleição se realiza, a pedido da população indígena em caso de insatisfação. Devido à extensão da TIG e das várias localidades, o cacique conta com o apoio dos capitães, distribuídos entre as comunidades. Ao cacique, a comunidade Kaingang deve total submissão (BECKER, 1976, p. 112).

2.1.1 Cultura Kaingang

A partir dos relatos obtidos por nossos informantes e também daquilo que vivenciamos, descreveremos o universo da cultura indígena Kaingang. Logo que chegamos na cidade de Tenente Portela, encontramos indígenas pelas ruas da cidade, principalmente na região da Praça do Índio; percebemos, inclusive, que alguns chegavam até a cidade dirigindo seus próprios carros ou motos, e, outra parte, de ônibus, o que faz a rodoviária apresentar, em alguns horários do dia, um alto número de indígenas.

Ao visitarmos a TI, primeiramente percebemos muitas moradias próximas à RS-330. Essas moradias, em todo o espaço da TI, caracterizam-se por serem, em sua maioria, de alvenaria, contando com sala e cozinha conjugados, dois quartos separados por divisórias e uma área coberta que dá acesso à casa. Segundo relato de um de nossos informantes, quando

se iniciou a construção das casas, havia casos em que o futuro proprietário da casa pedia para que a moradia fosse feita no chão batido, sem o piso em cimento. Também mencionou que alguns vasos sanitários foram arrancados e as necessidades fisiológicas eram feitas no buraco deixado pela remoção do vaso sanitário, isto porque os indígenas não eram habituados a usar banheiro. A existência de casas de madeira também fora constatada, e apresenta as mesmas características das casas de alvenaria. Essa constatação corrobora com o que nos diz D'Angelis e Veiga (2003), de que atualmente os índios Kaingang não vivem mais em casas subterrâneas ou nas grandes casas, agora ocupadas pelas grandes famílias, típicas ao período anterior do contato com o *fóg*. O que percebemos atualmente, inclusive, é que cada família vive em uma moradia, mas que procuram viver próximos do núcleo familiar, por exemplo, quando os filhos casam, os pais providenciam uma moradia próxima a sua. Assim, os avós permanecem, na maioria das vezes, próximos aos netos e auxiliam na criação.

No início das entrevistas, visitamos um casal que possuía um comércio de alimentos basicamente de produtos industrializados. No período de duas horas que estivemos no local, muitas crianças e jovens procuraram a venda, adquirindo salgadinhos, refrigerantes, bolachas recheadas, chicletes, entre outros produtos. Observamos, além do mais, que a busca por alimentos em mercados próximos a TI pareceu ser grande, principalmente por indígenas que vivem nas proximidades destes mercados. Percebe-se que este tipo de comércio é algo que não fazia parte da cultura indígena, alterando, conseqüentemente, a atitude dos indígenas em relação aos alimentos consumidos no passado e aos da atualidade.

De acordo com Becker (1976), a alimentação do Kaingang era basicamente de produtos naturais, oriundos das matas, como mel, frutas e raízes, ainda, milho, abóbora, batata-doce e pinhão. As carnes eram oriundas da caça e da pesca. Atualmente, existe pouca mata entorno dos locais onde vivem os Kaingang, o que dificulta a caça e a pesca. Além disso, a extinção dos animais e peixes na região fez com que os Kaingang mudassem de hábito. Alguns indígenas não possuem terra para produzir alimentos como milho, abóbora, batata-doce e amendoim. Alimentos como *fuva*¹⁹, prato típico do indígena, também apresenta-se escasso no ambiente, devido ao uso de agrotóxicos na e próximo a TIG. Desta forma, os

¹⁹ O *fuva*, (*Solanum americanum*), popularmente conhecida como maria-pretinha, é um prato típico da culinária Kaingang. Para seu preparo é necessário: uma panela de água fervendo, onde são adicionadas as folhas, por cerca de 40 minutos. Quando o fuva é mais velho (amargo) é necessário cozinhar mais que uma vez, trocando a água, para que o fuva fique mais fraco. Depois de cozido, o fuva é colocado em uma panela com banha quente, por cerca de 2 a três minutos e temperado com sal. Pode ser servido com outros pratos da culinária. Para a coleta do fuva, é preciso escolher brotos novos e sem terem florescidos. As folhas devem ter coloração verde ou avermelhadas (quando forem mais maduros). As folhas devem ter tamanho de mais ou menos um palmo.

Kaingang veem-se obrigados a preparar e consumir alimentos oriundos da cultura do *fóg*, deixando os pratos típicos da cultura Kaingang para dias de festa. Não percebemos a criação de animais, como porco ou gado, que pudessem servir como alimento.

Outro aspecto a ser descrito é a questão do vestuário. Quando os colonizadores chegaram ao Brasil, os índios não tinham o hábito de usar vestes ou roupas e andavam nus, principalmente os homens, pois, em alguns grupos, as mulheres usavam mantas, deixando descobertos os ombros e braços. Em outros grupos, também se verificou o uso de tangas, tanto por homens, quanto por mulheres (BECKER, 1976). Atualmente, na TIG, percebe-se que tanto homens quanto mulheres usam roupas como as que são usadas por *fóg*. Os homens usam calças de vários tecidos, camisas sociais ou camisetas; as mulheres, por sua vez, preferem as saias um pouco abaixo do joelho e blusas que cubram os ombros e em tons coloridos. No entanto, os mais jovens parecem optar por estilos mais modernos, sendo que alguns se vestem tal e qual os jovens *fóg* da cidade. As meninas usam saias e shorts jeans curtos, ou mesmo calça jeans, bem como blusas condizentes com a moda atual, enquanto os meninos usam calças e shorts jeans, com camisetas e aderem muito ao uso do boné. Não percebemos se existe um vocabulário Kaingang para denominar as peças de roupas ou se usam os termos do português. A respeito dos jovens, são eles que, aparentemente, usam mais o celular.

Em relação à religião, de acordo com Becker (1976), não se constatou, no passado, a existência ou submissão a um ser supremo. O que a autora encontra em seus estudos é a existência de um ritual aos mortos, pois os Kaingang acreditavam na imortalidade da alma e que algumas delas se transformavam em demônios que chamavam de *acupli*. Por isso, vigiavam a sepultura dos mortos realizando a renovação de sua cobertura, além de executar um rito em memória ao falecido, desta forma, havia a existência de sepultamentos e cemitérios na cultura antiga Kaingang. Com o passar dos tempos, os Kaingang se integram ao cristianismo, mas sem deixar de crer, ao que parece, na imortalidade da alma conforme faziam no passado. Percebemos que existe um cemitério por setor na TIG. Atualmente, na TIG, a Igreja Católica e Luterana estão em segundo plano, pois igrejas como Só o Senhor é Deus e Assembleia de Deus, tem apresentado maior número de adeptos, principalmente esta última, a qual no ano de 2015 realizou aproximadamente 16 festas dentre os setores da TIG. Contudo, optamos por não levantar dados referentes a religião pois, se tornaria um campo bastante complexo, apresentamos apenas alguns relatos que partiram dos próprios informantes.

Segundo o informante Kaingang TdGI-M, os Guarani da TIG preservam a espiritualidade oriunda da sua cultura, enquanto os Kaingang deixaram de realizar seus cultos religiosos e deram abertura para a entrada de outras religiões, ou igrejas, na comunidade. Nas palavras do informante Kaingang TdGI-M, *“Aqui nós temos algumas igrejas que proíbem alguma cultura nossa. A igreja proíbe de fazer uma apresentação, isso complica bastante”*. Ao que parece, algumas religiões afirmam que as danças são na verdade rituais, e por isso não são permitidos. No que se refere ao uso linguístico, o informante nos relata que *“Ai na igreja parece que você se sente obrigado a falar o português, porque o Kaingang é sempre deixado de lado na igreja...”*

O Kaingang, em seus casamentos, é monogâmico, tendo apenas o cacique, o direito de ter mais de uma mulher. Para o casamento era necessário o consentimento do cacique e eram respeitadas o enlace entre as metades exogâmicas *Kamé* e *Kañerucré*²⁰, mas essa prática parece não se fazer mais presente nos costumes dessa comunidade Kaingang. Antigamente, quase não ocorriam casamentos entre índios e mestiços/*fóg*, (apesar da política integracionista incentivar o casamento entre indígenas e *fóg/juruá*) e quando ocorriam, parecia ser, na maioria, entre mulheres índias com homens não índios, no caso dos Kaingang. Contudo, um dos informantes se mostra preocupado com o futuro do casamento, pois para ele, que sempre prezou pelo casamento intra-étnico, o fato de seus filhos e de muitos outros jovens terem que sair da TI para cursar a universidade, facilita o relacionamento com *fóg*, o que pode gerar casamentos interétnicos. Um de seus filhos, inclusive, já se casou com uma *fóg* e o casal tem uma filha.

Algo que nos chamou atenção foi o fato de que, ao questionarmos se o informante era casado ou solteiro, muitos informantes, principalmente os mais velhos, esclareceram, que na cultura do “branco”²¹, eles eram ajuntados, pois não possuíam registro de casamento, mas que, para a cultura indígena, eram casados. Na realidade, poucas são as famílias que tem condições de realizar uma festa de casamento e o ritual que ocorre, onde o cacique e um conselheiro, que seria um sábio *Kófa*²², firmam o casamento, aconselhando e abençoando o novo casal diante da comunidade.

No quesito saúde, atualmente os setores apresentam uma espécie de mini posto de atendimento à saúde. Neste posto, o atendimento de médicos, dentistas e enfermeiros não é

²⁰ Segundo a cultura Kaingang *Kamé* e *Kañerucré* ou *Kajrukrê* são irmãos, cujas almas criaram os elementos da natureza, após a Terra ter sido inundada nos tempos passados.

²¹ Termo utilizado pelos índios para se referir aos não indígenas.

²² “Velho” em Kaingang.

regular. Se ocorrer uma emergência é preciso se dirigir até a cidade. Os medicamentos fornecidos são os mais básicos como para febre e dor, segundo um dos informantes. Os indígenas Kaingang, pareceu-nos, não utilizam os chás para o tratamento de doenças, como faziam no passado. De acordo com o relato do informante *fóg/juruá* TdGII-M, o abandono do uso dos chás no tratamento de enfermidades pode estar relacionado a certas políticas ou programas que pregavam a necessidade do uso de medicamentos alopáticos²³, considerando o uso dos chás um tratamento curativo ineficiente. Contudo, muitas são as atividades realizadas pelas escolas e comunidade para reavivar o uso dos chás. Os indígenas, de forma interessante, estabelecem uma relação diferenciada com a terra, pois enquanto para o *fóg* uma criança está suja de terra, para o Kaingang a criança brinca na terra, pois a terra não suja.

Os profissionais que atuam na área da saúde, devem ser, preferencialmente, índios. Porém, nem sempre a SESAI²⁴ (Secretaria Especial de Saúde Indígena) consegue atender esse pré-requisito, por não haver índios formados nessas áreas, e acaba-se, então, contratando *fóg* para o trabalho.

2.1.2 Escola

A TIG conta com 11 escolas de Ensino Fundamental e 01 de Ensino Médio, que são frequentadas por estudantes Kaingang. Essas escolas estão sob responsabilidade do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 21ª Coordenadoria de Educação, a qual não possui um responsável pela educação indígena neste local, tem-se apenas um coordenador na capital Porto Alegre. Os professores são, na maioria, contratados, e são aprovados ou indicados pelas lideranças indígenas. Existe um grande número de professores *fóg*, inclusive diretores de escola, pois a demanda de profissionais é maior que o número de professores indígenas existentes. Muitos indígenas estão buscando formação no Magistério, na cidade de Miraguaí, porém, este curso é oferecido em uma escola, onde o público-alvo não são os indígenas. O estado oferece um curso de Magistério voltado aos indígenas em outra TI. No entanto, por haver divergências entre os caciques e também por ser distante, os indígenas optam por estudar na escola de Miraguaí. Em nível de Universidade, muitos indígenas estão se formando na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que possui um curso especialmente voltado à formação de professores indígenas.

²³Medicamento feito de substâncias processadas. Fonte: <http://www.portaleducacao.com.br/farmacia/artigos/61692/principais-tipos-de-medicamentos>

²⁴ Órgão responsável pela saúde indígena.

A procura por esta graduação é grande por parte dos indígenas, contudo, um de nossos informantes se dizia preocupado, pois, segundo ele, chegará um momento em que o número excedente de professores formados ficará sem emprego, pois a sociedade do *fóg* não aceitará indígenas dando aula em suas escolas. Ouvimos deste informante e através de outros diálogos, que as escolas indígenas são carentes na questão pedagógica, e que os índios ainda têm dificuldades em dirigir uma escola. Além do mais, existem poucas ações e programas por parte do governo, que auxiliem ou forneçam material didático em língua indígena.

Uma professora *fóg* que trabalhou por anos com a Educação Infantil, relatou a dificuldade que muitos professores não indígenas têm em se adequar à cultura indígena, querendo, muitas vezes, impor a sua cultura, o que gera atritos. Ela nos contou uma história a respeito da construção de uma cerca em torno da escola onde ela trabalhou. Segundo ela, os pais aprovaram a construção da cerca em reunião, porém, enquanto os postes eram erguidos em um dia, no outro amanheciam derrubados. Várias foram as tentativas, até que um dia a diretora resolveu que a obra se realizaria em um só dia. E assim aconteceu. Mas, com o passar dos dias, as cercas estavam com furos enormes. Em um momento de reflexão entre os professores e direção, concluíram que, para o índio, não existem cercas ou fronteiras, e que, por esse fato cultural, a comunidade reagia de tal forma. Desistiram do conserto, e a escola permaneceu sem cercas. Ela ainda acrescentou que, para um professor não indígena poder trabalhar na TIG, é preciso que ele entenda o universo dos indígenas, saber que, por exemplo, a higiene dos índios não é como a do *fóg*; que, por vezes, você dará aula e de repente entra um cachorro na sala, sendo que não há nada de anormal nisso, pois faz parte de uma cultura diferente da nossa.

No que se refere à questão linguística, praticamente todas as escolas trabalham inicialmente com o Kaingang até o 4º ano. Algumas trabalham juntamente o português e o Kaingang. A partir do 4º ano, é dada maior enfoque à língua portuguesa. Pela falta de professores habilitados, o ensino da língua Kaingang fica à mercê da redistribuição dos professores entre as escolas. Como nos fora relatado por um informante, no setor da Missão, o ensino de Kaingang quase foi extinto por haver grande dificuldade em encontrar professores habilitados a trabalhar com o idioma.

No diálogo com um dos professores desta escola, compreendemos que a presença da televisão e do rádio nas moradias dos mais jovens da comunidade Kaingang, faz com que as crianças cheguem à escola com maior conhecimento da língua portuguesa, o que não acontecia no passado. Em relação ao passado, durante nossas entrevistas, também

constatamos que a GII, que frequentou a escola na infância ou adolescência, não teve o ensino da língua Kaingang por não haver professores, desta forma, a aula era ministrada em português (CLAUDINO, 2015).

2.2 GUARANI

Na TIG vivem também cerca de 30 famílias²⁵ do povo Guarani Mbyá²⁶, que vivem no setor do Gengibre, pertencente ao município de Erval Seco, sendo o setor mais isolado e com pouco contato com os demais setores e com a cidade (GASPATERO, 2006, p. 30). A comunidade se chama *Tekoá Ka'aguy Porã*²⁷, em português, “Lindas Matas” (BENITES; FALCADE; LUCKMANN, 2014) e pertence ao tronco linguístico Tupi, da família Tupi-Guarani (ROGRIGUES, 1986), sendo que, neste local, se fala o Guarani Mbyá.

O índio Guarani, da Guarita, divide-se em grandes famílias nucleares e compõe o local de trânsito tradicional Guarani (BENITES; FALCADE; LUCKMANN, 2014). A principal família, da cacica²⁸ e do *Karaí* ou pajé, é oriunda da Argentina, uma vez que este país, juntamente com Brasil e Paraguai, compõe o espaço transitado por índios desse tronco.

2.2.1 Cultura Guarani

Uma das principais características do povo Guarani é sua mobilidade, a qual colabora para a “produção de novos saberes, circulação maior de bens, de sementes... além de ervas medicinais” (BENITES; FALCADE; LUCKMANN, 2014, p. 145). Segundo Schmitz (2016), os Guarani se consideram parentes e mantêm intercâmbio e laços de solidariedade entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Rodrigues (1986, p. 33) afirma que esta característica migratória já existia desde os antepassados e é observada também após a colonização. Essa migração se dá do sudoeste do Brasil, do noroeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançar o litoral atlântico, o qual passam a acompanhar em direção ao nordeste. Devido a esta mobilidade, os Guarani da TIG falam também um pouco do espanhol, segundo o que nos afirma um dos informantes, contudo, cabe ao homem o domínio do português e do espanhol

²⁵ Becker (1976, p. 67) afirma serem cerca de 100 a 120 índios Guarani.

²⁶ Pode-se encontrar também a denominação Mbyá Guarani.

²⁷ Também chamada/denominada de Estiva.

²⁸ Na comunidade do Gengibre a liderança é de uma mulher, e ela é chamada de “cacica” pela comunidade em geral, desta forma, usaremos este termo, encontrado inclusive, em bibliografias que falam sobre a comunidade.

para manter comunicação com as demais sociedades, ao passo que a mulher e as crianças falam a língua nativa²⁹.

Na visita realizada à comunidade *Tekoá Ka'aguy Porã*, observamos a existência de casas de alvenaria, em sua maioria, mas não tivemos acesso ao interior delas. Nas moradias da comunidade Guarani, a área aberta que dá acesso à casa é feita em forma oval, o que as diferencia da moradia Kaingang, que possui uma área quadrada ou retangular, dependendo do corpo da casa. Existe também algumas construções de pau a pique próxima às moradias dos Guarani, inclusive a casa de reza, a *Opy*.

No que diz respeito à alimentação do Guarani, tivemos o prazer de chegar quase na hora da refeição, onde, no fogo de chão, hábito indígena, estava sendo preparado uma espécie de ensopado de tatu, pois, segundo a cacica, ainda se consegue caçar animais pelas matas em torno da comunidade. Além disso, assim como no passado, se dedicam à agricultura (SCHMITZ, 2006) e alimentam-se do fruto da produção, como a mandioca, batata-doce, amendoim e feijão; e é a mulher Guarani mais velha que zela e cuida das sementes (MARKUS, 2009). Ainda, alimentam-se com o milho, o qual guarda um valor especial, segundo Markus (2009), pois de acordo com o plantio, cultivo e colheita do milho, é que se define o calendário religioso e cultural da aldeia. No inverno, alimentam-se com o pinhão. Algumas famílias possuem pomar e criam galinhas. Não percebemos a presença de produtos industrializados na comunidade.

Em relação à agricultura, dentre as vezes que visitamos o Gengibre, encontramos a cacica capinando a terra próxima a sua casa, bem como um de nossos informantes praticando a queimada, para futura plantação, juntamente com sua esposa. Aliás, de acordo com Markus (2009), é a mulher Guarani que escolhe a época para plantar, bem como a terra a ser plantada, para que a colheita seja boa. Além disso, é a mulher que também colhe e prepara o alimento, enquanto o homem fica responsável pelo preparo e limpeza da Terra.

Schmitz (2006) explica que, no passado, quando os recursos de um determinado lugar se acabavam, os Guarani procuravam outro local, onde abriam clareiras e reconstruíam suas aldeias. Mas, da forma como estão organizados atualmente, com suas moradias fixas, acreditamos que isso não ocorra mais, contudo, o que ainda ocorre é a mudança de uma aldeia para outra. Para o Guarani, quando não está bom onde se encontram, procuram outros lugares.

²⁹ Essa informação é oriunda de um texto que a EMATER/ASCAR nos forneceu, mas o texto não possuía a primeira página, o que nos impediu de saber sua fonte e autor.

Bem como a agricultura, os Guarani se dedicam a produção de artesanato que faz parte da cultura Guarani, sendo que, no passado, era apenas para uso e consumo próprio da aldeia. Nos dias atuais, a produção do artesanato é uma renda econômica para a comunidade que produz colares, pulseiras (os quais usam sempre que vão a cidade, como uma forma de identificá-los), cestos, balaies e o entalhamento de diversos animais, como corujas, onças, tucanos, entre outros (KUARAY PEREIRA, 2015, p.11-12). Todavia, como nos informa a cacica, a venda do artesanato é feita apenas aos visitantes da aldeia³⁰, pelo menos o que é produzido pela sua família.

Quanto ao vestuário, assemelham-se ao grupo Kaingang; os homens mais velhos usam calças de diferentes tecidos ou bermudas e camisas, enquanto que as mulheres vestem saias e camisetas. O que se difere dos Kaingang, no entanto, é que os mais jovens seguem a vestimenta dos mais velhos.

Em relação a religião “...constata-se que a tradição religiosa Guarani acontece nas ações diárias das pessoas. As orações e ações estão interligadas aos rituais e símbolos da cultura Guarani” (BENITES; FALCADE; LUCKMANN, 2014, p. 149), assim, os Guarani mantêm preservada sua religião, e, inclusive, a casa de reza, a *Opy* e o seu pajé, o *Karaí*. A *Opy* é a mais valiosa das casas da aldeia, mesmo sendo uma construção simples. É um espaço que fornece força às pessoas, onde ocorrem as cerimônias mais importantes e o onde o *Karaí* recebe as revelações de *Nhanderu* (o Deus Guarani), a verdadeira sabedoria dos deuses. As cerimônias são realizadas à noite, e em segredo. A entrada de pessoas de outras culturas não é permitida (BENITES; FALCADE; LUCKMANN, 2014).

A *Opy* da aldeia Gengibre foi construída novamente em meados de 2012, e a antiga fora queimada. Foi preciso preparar a taquara, madeiras, barro e, no período de 2 meses, com a ajuda dos parentes vindos da Argentina, a nova *Opy* fora construída. Para Benites, Falcade e Luckmann (2014), além da *Opy* ser um local que une as pessoas, o cachimbo, chamado de *Petygua* também gera união entre a comunidade e é sempre utilizado pelo *Karaí* quando este está no interior da *Opy*.

Em relação ao casamento, a única informação que obtivemos seria de que os casamentos são matrilocais. Constatamos que na família da cacica os casamentos são entre o povo Guarani, já a família do vice-cacique, a maioria são casados com *jurua*³¹, tanto por parte

³⁰ O vocábulo aldeia é utilizado nas bibliografias e nos pareceu que é mais utilizado entre os Guarani. Talvez por ser um grupo menor, utilizem também este termo que tem o mesmo significado, em tese, de comunidade.

³¹ Relembrando que em português significa, branco/não-indígena.

dos homens quanto das mulheres. Ainda, pareceu-nos que se casam muito cedo, devido aos casais bem jovens existentes na aldeia.

Na questão da saúde, soubemos que existe um posto de saúde na aldeia, mas não sabemos dizer com que frequência é o atendimento de médicos, dentistas e enfermeiros. O que nos fora contado por um dos informantes, é que na aldeia as pessoas ficam pouco doentes, o ar é puro, o alimento é saudável, contudo, em um dos dias que chegamos para realizar as entrevistas, alguns membros estavam engripados e um deles estava no mato, pois tinha ido buscar “remédio” (chá), isso nos leva a crer que na aldeia as doenças ainda sejam tratadas com ervas e conhecimentos medicinais.

Alguns membros da comunidade viviam inicialmente no setor Capoeira dos Amaros. Passado algum tempo, e sem descobrirmos o motivo, pois segundo um dos informantes nem ele sabia o porquê, se mudaram para o Gengibre. No Gengibre vive a família do *Karaí*, que é o pai da cacica. Este, ao chegar da Argentina, não quis se estabelecer na Capoeira dos Amaros, pois segundo a cacica, era um lugar muito baixo e ficava muito próximo aos Kaingang, então foram para onde hoje é o Gengibre. A comunidade pareceu não ter muito contato com os Kaingang. Na cultura Guarani “Sem *Tekoá* não há *Teko*”, ou seja, o *Tekoá* é o espaço, a aldeia, e sem ela não há o *Teko*, que é o jeito de ser do povo Guarani (MARKUS, 2009).

A respeito dos *juruá*, durante uma conversa com um dos informantes, percebemos que, pelo que o *juruá* representou no passado, este não é bem-vindo ao local. E não somente por fatos do passado, pois um dos informantes, durante a conversa livre, nos contava que o *juruá* quando vê um Guarani na cidade, “*se joga longe, parece que tem medo, que tem nojo, que semo sujo*” e que são poucos *juruá* que conhecem os Guarani. Essa “desconfiança” em relação ao *juruá*, refletiu em nossas entrevistas, pois enquanto no grupo Kaingang a conversa livre acontecia de forma mais natural, no o grupo Guarani era necessário forçar perguntas para obter informações que nem sempre eram reveladas.

2.2.2 Escola

Na aldeia *Tekoá Ka'aguy Porã*, existe apenas uma escola de ensino fundamental, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Sepé Tiaraju. A diretora da escola é *juruá*, e é casada com o vice-cacique. Na escola, a língua Guarani é trabalhada exclusivamente até o 4º ano, depois disso, o português é acrescentado e as aulas de Guarani continuam, porém, em

menores períodos. Os professores, ao que pudemos perceber, são da própria aldeia, um deles com formação na UFSC e outro iniciaria neste ano a graduação, e outro apenas com ensino médio. As merendeiras da escola também são da comunidade.

2.3 FÓG/JURUÁ

Os *fóg/juruá* que vivem em contato com os indígenas são, na sua maioria, descendentes de alemães, italianos e poloneses. A maioria deles vive na área rural dos municípios, mas os informantes desta pesquisa vivem, na maioria, na área urbana³². Os municípios de Tenente Portela e Redentora são municípios pequenos onde praticamente todos os habitantes tem ligação ou dependência com a agricultura. Tenente Portela possui 13.719 habitantes³³, enquanto Redentora possui 10.222 habitantes³⁴. Apresentam uma boa estrutura habitacional, em que encontramos a grande maioria das casas em alvenaria, nos mais variados tamanhos e formatos, e algumas de madeira. As ruas são bem definidas com avenidas centrais, normalmente enfeitadas com flores ou pequenas folhagens.

A região noroeste, onde se localizam as duas cidades, faz parte da região das Colônias Novas ou Mistas, colônias povoadas por diversos grupos étnicos. Devido à escassez de terras e o grande crescimento demográfico nas primeiras colônias a região foi sendo povoada por diferentes descendentes de imigrantes e também por novos imigrantes que chegavam ao estado (RÜCKERT, 2013, p. 217). Nas colônias mistas, os colonizadores eram organizados em propriedades com cerca de 25 hectares na grande maioria (MANTELLI & CANABARRO, 2009, p. 04). Segundo Altenhofen (2011, p: 33),

É interessante ressaltar a motivação do governo da República para a criação de colônias mistas, ou ao menos a tentativa de diversificar os grupos de imigrantes em cada assentamento. Acreditava-se, com isso, acelerar o processo de assimilação do português, pressupondo que os diversos grupos de imigração seriam forçados a utilizar a língua comum de circulação. Seguindo o mesmo raciocínio, procurou-se traduzir para o português, no decorrer da política de nacionalização, diversos topônimos alóctones.

A colonização dessa região ocorreu de forma lenta e preocupava a Assembleia Provincial pela existência de índios Kaingang, os quais com o decorrer do tempo foram

³² Por serem cidades pequenas, caracterizadas como rurais, optamos por informantes que vivem na cidade, pois facilitava nosso deslocamento.

³³ Sendo 8.847 da zona urbana, 4.872 da zona rural dos quais 1.997 são indígenas.

³⁴ Sendo eles 3.002 na zona urbana e 7.220 na zona Rural e destes 4.033 são indígenas.

aldeados em diversos grupos como Nonoai e Guarita, sendo que as terras do Alto Uruguai, na qual fica a região Noroeste, podem ser classificadas como terras indígenas (RÜCKERT, 2013, p. 217).

2.3.1 Cultura *Fóg/Juruá*

Os *fóg/juruá* apresentam uma alimentação típica do Rio Grande do Sul, como feijão, arroz, massas e carnes, bem como batata e mandioca, e, aos finais de semana, preparam o churrasco. Também ocorre o preparo de pratos típicos da cultura italiana, como a polenta, e da cultura alemã. Como diferentes doces.

Consomem produtos industrializados, e, ao mesmo tempo, caseiros, uma vez que se encontram várias padarias e confeitarias nestas cidades. Nesses locais é possível encontrar pratos oriundos da cultura alemã e italiana. Por exemplo, a produção de cucas, tortas, *grostolli* e vários outros produtos que muitas vezes, recebem “um toque” colonial no preparo. Outros, receberam outros nomes, como o caso do *grostolli*, que de forma geral é chamado de “calça-virada”.

No vestuário, os homens mais de idade usam calças de alfaiataria e camisas e os mais jovens usam jeans e camisetas. As mulheres, de forma geral, vestem calças, blusas da estação, vestidos, além de shorts ou bermudas jeans. Contudo, em relação aos indígenas, percebe-se que os *fóg/juruá* se vestem de forma mais moderna, pelo fato de possuírem maior poder aquisitivo e acabam influenciando a forma dos indígenas se vestirem.

A religião predominante é a católica, seguida da luterana e de outras com menor número de adeptos. Os casamentos ou as uniões estáveis não seguem um critério específico, contudo, poucos são os casos de casamentos entre *fóg/juruá* com indígenas.

Ambos os municípios contam com uma secretaria municipal da saúde. Já na questão de hospitais, Redentora conta com um hospital de pequeno porte, enquanto Tenente Portela vem se tornando um centro de referência no tratamento de problemas traumatológicos, na cardiologia e oftalmologia, contando com um grande hospital e clínicas especializadas, e tem gerado um grande desenvolvimento ao município.

De forma geral, é um grupo que possui uma grande capacidade de produzir seu sustento e armazenar o excedente, o que difere do modo de vida indígena. Talvez, essa seja a grande diferença que exista entre indígenas e *fóg/juruá* e o motivo que exclua os indígenas na sociedade do *fóg/juruá*.

2.3.2 Escola

Os municípios contam com escolas municipais e estaduais, que atendem desde a creche até o ensino médio. No município de Tenente Portela, existem 11 escolas municipais, que atendem cerca de 1.200 alunos, e três escolas estaduais. Em Redentora, existem seis escolas municipais, que atendem cerca de 900 alunos, e uma escola estadual. Uma informação curiosa que obtivemos, é de que em Tenente Portela, algumas crianças indígenas que residem mais próximas à cidade estão frequentando as escolas municipais no meio urbano, ao invés de estarem frequentando a escola indígena da comunidade. O que também não percebemos, em relato algum, é a existência de professores indígenas nas escolas que os não indígenas frequentam. Em nível superior, não percebemos a existência de campus universitários em ambas as cidades. O que pode haver, são polos de faculdades.

2.4 CULTURA TRADICIONAL E CULTURA ATUAL

Mesmo já tendo feito considerações que demonstrem como é o local onde a pesquisa está inserida e também alguns aspectos ao que se refere à cultura indígena de ambos os grupos, queremos expor aqui algumas considerações que expliquem e demonstrem, de certa forma, o índio de que estamos tratando, pelo menos aqueles com que tivemos contato.

O índio que aparece nesta pesquisa é o indígena contemporâneo, o índio do século 21. Ou seja, diferentemente daquele índio que vimos nos livros de história ou do índio que muitas vezes a mídia nos apresenta. É o índio que procura manter sua **cultura tradicional**, através de seus princípios, principalmente do respeito, aos idosos, às crianças; através de seu modo de ser, através da sua dança e culinária, e, claro, da sua língua, sendo que, para Maher (2007, p. 261), a cultura é uma produção histórica, uma construção discursiva e um processo ativo de construções de significados³⁵.

Os povos indígenas passaram e passam por um processo de aculturação, definido na antropologia como um processo de mudanças que ocorre em determinado grupo social, oriundas do contato com outro grupo social (MAHER, 2007). Para a antropologia, este é um

³⁵ Sendo assim, todas as culturas estão em processo de (re)construção. Contudo, segundo esta autora, as sociedades estão baseadas em *uma lógica cultural autônoma*, ou seja, nem tudo que é de fora é sempre aceito pelos membros de uma sociedade, pois estes ressignificam ou adaptam o novo, ao seu próprio sistema de significação.

processo natural que ocorre com todas as culturas existentes, principalmente ao longo das gerações e que se intensificou nos últimos anos através da globalização.

Desta forma, a **cultura atual** da comunidade indígena que investigamos parece trazer uma mescla da **cultura tradicional** e elementos oriundos de outras culturas. Damos o exemplo do uso do celular, da presença de televisores em algumas residências, com sinal à cabo, inclusive, e do rádio. Falamos desses objetos, pois segundo o que nos diz Kondo & Fraga (2013), o índio não deixa de ser índio, por ter televisor, rádio, celular, e ainda mais, as autoras afirmam que o índio não deixa de ser índio por falar o português, considerando o fato de que muitos povos indígenas foram obrigados a falar somente o português, principalmente com a chegada dos europeus ao território, que passaram a pregar a necessidade de civilizar os indígenas, ignorando a forma de vida que eles haviam desenvolvido ao longo dos séculos.

Desta forma, a **cultura atual** reflete aspectos desse processo de aculturação, ao que parece, um tanto forçado em seus primórdios, mas que afigura colocar as comunidades indígenas entre duas línguas e dois mundos. Segundo Kondo & Fraga (2013) existe uma cobrança que se origina na sociedade do “branco”, de que o índio seja índio, mantendo seus hábitos, sua cultura, sua língua e, ao mesmo tempo, saiba falar bem o português, que saiba lidar com o dinheiro, que domine o uso do caixa eletrônico, entre tantos outros aspectos. Segundo pesquisas realizadas por Kondo & Fraga (2013), o índio aprendeu e necessita dominar o português para se fazer compreender, para buscar por seus direitos e para não depender somente da representação da FUNAI. Ou seja, o índio precisa viver e falar como índio, e saber viver e falar como o “branco”.

Fica claro que o *fóg/juruá* é o principal agente nas mudanças que ocorreram com os costumes indígenas, um exemplo é o caso dos partos. Muitos informantes relatam que nasceram em casa, com a ajuda da avó, pois no passado as indígenas davam à luz a seus filhos sem a ajuda de ninguém em meio ao mato, no parto de cócoras. Atualmente, parece que a maioria, mesmo sendo por parto normal, procura o hospital na chegada do momento do nascimento do filho, tanto na comunidade Guarani quanto Kaingang. Outra questão que, de certa forma, diferencia o indígena do não indígena é a questão do tempo cronológico. As comunidades indígenas, em sua cultura tradicional, não são controlados pela hora, como na cultura do não indígena. Por exemplo, em certa visita que fizemos aos Guarani, em torno de 14h30, o almoço estava sendo preparado. Em alguns eventos que presenciamos, o grupo parece “ir chegando” sem se preocupar com a hora. Mas, essa característica também pode estar ameaçada, pois se projetarmos o que acontece hoje com muitos indígenas, que estão

saindo da TIG para trabalhar, necessitando “cumprir” um tempo de trabalho, o tempo cronológico pode, com o passar dos anos, fazer parte da vida dos indígenas de forma mais intensa.

Contudo, queremos deixar destacado que as considerações que fizemos aqui são sobre o grupo indígena da TIG, e, se pensarmos em outros grupos, essa realidade pode ser modificada³⁶. Rodrigues (1986, p. 17), postula o seguinte:

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofias peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distingue-se também de nós e entre si por falarem línguas diferentes.

Cohn (2001, p.40) faz um comparativo muito interessante ao se referir aos Xikrin³⁷, pois, segundo ela, assim como no passado os gaviões forneciam penas para a fabricação de seus adornos plumários, os Xikrin permanecem retirando do seu cosmos (sendo que agora o ser deixa de ser o gavião e passa a ser o não indígena) elementos que são incorporados como conhecimento, conseqüentemente, a tradição dos povos indígenas vai sendo redefinida por coisas que incorporam do *fóg/juruá*.

De forma resumida, o que queremos dizer é que encontramos indígenas que preparam pratos típicos da sua culinária, e que ao mesmo tempo usam o celular para se comunicar com pessoas distantes. O tradicional e o novo parecem conviver juntos para muitos indivíduos e esta parece ser a nova identidade de boa parte dos povos indígenas que vivem da TIG.

³⁶ Ainda, podemos afirmar que o próprio nível de aculturação não é o mesmo dentro da TIG devido a questões de contato com outros grupos e a localização dos indivíduos.

³⁷ Os Xikrin são um subgrupo Kayapó e pertencem ao tronco linguístico Jê e vivem no sul, no norte e no sudoeste do Pará (Conh, 2000 apud Cohn 2001, p. 42).

3 ASPECTOS TEÓRICOS RELEVANTES

Neste capítulo apresentamos aspectos teóricos pertinentes a esta pesquisa. Além de discorrer sobre a definição de bilinguismo, expomos o que são crenças e atitudes linguísticas e apresentamos a Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

3.1 BILINGUISMO

Muitas comunidades no mundo se encontram em situação bilíngue ou multilíngue. O Brasil, mesmo tendo muitas de suas línguas indígenas ameaçadas de extinção, está entre os países mais multilíngues do mundo (ALTENHOFEN & MORELLO, 2013, p. 19). Um dos contextos nos quais uma língua minoritária é usada para comunicação é o contexto indígena, e mesmo que alguns falantes não dominem essa língua, ela está presente na história do povo indígena e compõe, juntamente com outros fatores como hábitos alimentícios, vestuário entre outros, a identidade indígena.

As comunidades indígenas, bem como as comunidades de imigrantes, de fronteira, surdos, entre outras, são apagadas do cenário nacional, criando a imagem de que somos um país de uma língua apenas, ou monolíngues. O único bilinguismo reconhecido no Brasil, de acordo com Cavalcanti (1999, p. 387), é o bilinguismo de elite; mesmo que conste na Constituição de 1988, o reconhecimento e direito à educação bilíngue às comunidades indígenas, este é ignorado.

Assim, partindo da afirmação de Appel & Muysken (1987, p. 02), “línguas em contato levam ao bilinguismo” e, considerando o contato entre as línguas indígenas e variedades da língua portuguesa³⁸, desde os primórdios da colonização, acreditamos que as comunidades indígenas sejam bilíngues, uma vez que, ao longo da história desses povos, fora-lhes imposto o domínio da variedade da língua portuguesa.

Nas palavras de Jakobson (1953, apud ROMAINÉ, 1995): “o bilinguismo é para mim o problema fundamental da linguística”, e começa a ser discutido no século XX, no qual Bloofield (1933 apud ROMAINÉ, 1995; MACKEY, 1972) afirmava que o bilinguismo seria o controle nativo de duas línguas. Mas, que logo em seguida, o conceito de que bilinguismo seria a capacidade de produzir sentenças significativas completas em outra língua, é proposto

³⁸ Sempre que utilizarmos o termo “língua portuguesa” ou semelhantes como “português” estamos nos referindo a todos os modos e variedades do português, pois segundo Coseriu (1982) os falantes usam uma variedade de determinada língua para se comunicar, e não a língua em si.

por Haugen (apud MACKEY, 1972). Já Macnamara (1969, apud APPEL & MUYSKEN, 1987), propôs que um falante pode ser chamado de bilíngue se possuir alguma habilidade (falar, compreender, escrever ou ler) em segunda língua.

Todavia, em 1972, Mackey afirmou que o bilinguismo é algo relativo. Para ele o bilinguismo é um fenômeno da fala, uma propriedade individual, e o define como o uso alternado de duas ou mais línguas pelo indivíduo. Corroborando esta definição, Grosjean (2010, p. 04 apud BAKER, 2011) afirma que “bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (dialetos) em sua vida diária”. Desta forma, esta é a definição de bilinguismo que aceitamos neste trabalho.

Mackey (1972) ainda explica que o bilinguismo varia em grau, função, alternância e interferência. O grau define o quanto bilíngue é o indivíduo, demonstrado através de testes de compreensão e expressão em ambas as línguas. A função se refere ao uso das línguas e as situações em que as línguas são utilizadas. A função pode ser externa (uso da língua em escolas, igrejas, etc.) ou interna (uso da língua internalizado, como rezar, contar, sonhar, etc.). A alternância, depende da fluência que o indivíduo tem em cada uma das línguas. O assunto que rege a conversa, as pessoas com quem se está conversando, a tensão da situação de fala influenciam na alternância. A interferência é o uso de características pertencentes a uma língua, enquanto fala ou escreve em outra.

O Bilinguismo está associado, ainda, a questões que chamamos a grosso modo, de “misturas entre língua”, que na teoria denominamos de *Code Switching* e *Code Mixing*. Para Gumperz (1982, p. 59 apud Hamers & Blanc, 2004, p. 258) o *Code Switching* pode ser definido como a passagem de um código para o outro, com sistemas gramaticais diferentes. Por muito tempo, fora visto como uma deficiência no domínio de ambas as línguas, no entanto, graças a estudos recentes, como de Poplack (1980 apud APPEL & MUYSKEN, 2005; HAMERS & BLANC, 2004; MUYSKEN, 2011), torna-se claro que o falante que realiza o *Code Switching* possui um alto grau de domínio e conhecimento sobre as línguas, além de ser socialmente motivado. O *Code Switching* é um fenômeno natural e inerente, além de ser uma estratégia de adaptação comunicativa e ocorre quando um falante bilíngue está na presença de outro falante bilíngue (MOZZIOLLO, 2009, p. 186).

O *Code Mixing*, por sua vez, é um fenômeno que pode ser entendido como quando o falante da Língua X transfere elementos ou regras de uma Língua Y para a Língua X, em todos os níveis desta Língua X. Se fosse o contrário, teríamos o caso de empréstimos

(HAMERS & BLANC, 2004 p. 270). Ainda no *Code Mixing*, o falante de incorpora unidades linguísticas como, por exemplo, os sufixos.

Para Hamers & Blanc (2000) “existe um continuum entre *Code Switching* e *Code Mixing*” e não é fácil de distinguir os dois fenômenos³⁹.

3.2 BILINGUISMO E CULTURA

A cultura indígena vem lutando para sobreviver desde a chegada do europeu. Seus hábitos e costumes foram julgados como inferiores e, a todo custo, justo e injusto, cruel e sanguinário, por vezes, procurou-se, por parte do *fóg/juruá*, “civilizar” os povos indígenas. Consequentemente, uma língua lhes fora imposta, eram, então, obrigados a usar o português para se comunicar diante do *fóg/juruá* e dos próprios falantes da língua indígena. Desta forma, o universo indígena passa a ser composto por uma nova forma de (sobre)viver, na qual duas culturas e duas línguas se integram, mas ao mesmo tempo, em uma relação de sobreposição, onde a cultura dita civilizada é mais poderosa e preparada para essa imposição, comparada à cultura indígena, vista, nessa relação, como despreparada e inferior.

À vista disso, apreender o que é cultura perante a língua e a língua perante a cultura, em um contexto, suposto, bilíngue, é capaz de clarear nossa visão e entendimento do que seja o universo linguístico e cultural indígena, afinal, se para Appel & Muysken (2005) muitos aspectos do bilinguismo só serão compreendidos se considerarmos a relação entre língua e etnia, entendemos que essa relação seja feita, inclusive, com a cultura.

O bilinguismo, por ser visto como um elemento essencial nas ligações culturais de comunicação (ROMAINE, 1995), “atravessa” os sistemas culturais de um povo, desta forma, faz-se necessário que entendamos algumas questões ligadas à cultura⁴⁰ indígena, no que tange ao seu contato com outras culturas e outras línguas. Segundo Giles et al.,(1977 apud APPEL & MYUSKEN, 2005), com uma língua um grupo se diferencia dos demais, pois, além de transmitir normas e valores culturais, seu uso enfatiza sentimentos próprios de um grupo e exclui membros externos de suas operações internas. A língua de um grupo carrega

³⁹ Nesta pesquisa, por questões de recorte e de tempo, tratamos somente o bilinguismo como o uso de duas variedades linguísticas pelo mesmo falante. Questões que envolvam o *Code Mixing* e *Code Switching* não serão analisadas na fala dos informantes e sim a partir do que eles dizem a respeito de misturarem as línguas enquanto falam.

⁴⁰ “Cultura para Grosjean (2001, p. 157 apud FAGGION, 2010, p. 101) “é o modo de vida de um povo ou sociedade, incluindo suas regras de comportamento; seus sistemas econômico, social e político; suas crenças religiosas; suas leis; e assim por diante”.

significados sociais e conotações sociais. Desta forma, é possível compreender o grande número de trabalhos e pesquisas que abordam a preocupação com a extinção de algumas línguas indígenas.

Assim sendo, língua e cultura possuem uma relação, que pode ser dependente em alguns casos. Quando uma comunidade deixa de usar sua variedade, aos poucos os costumes e crenças também correm o risco de serem seguidos. Os indígenas sofreram com o processo de colonização⁴¹ do Brasil. Primeiramente, perderam suas terras, em seguida, foram obrigados a usar o português pelas leis e decretos citados na introdução deste trabalho. Atualmente, muitas são as comunidades indígenas que possuem poucos falantes da língua indígena, situação esta que leva muitos *fóg/juruá* a afirmarem e acreditarem que o indivíduo deixa de ser indígena. Em outras palavras, se não sabe falar a língua não é indígena, pois indígena é aquele que aprende e fala sua língua (KONDO & FRAGA, 2013).

Pensar na existência de uma cultura pura, de certa forma, é um equívoco. As culturas, e, conseqüentemente, as línguas, estão em contato constante umas com as outras, o que facilita a influência e interferência umas nas outras (KONDO & FRAGA, 2014). Conseqüentemente, estão se transformando e passando pelo processo que chamamos de aculturação. Como já abordamos na sessão anterior, a aculturação ocorre quando um indivíduo ou um grupo de indivíduos experimenta mudanças em seu comportamento, decorrentes do contato entre culturas (GRAVES, 1967 apud HAMERS & BLANC, 2004). A aculturação pode resultar em alterações em ambas as culturas que estejam em contato, e se torna constante. Contudo, para grupos minoritários, a aculturação ou aquisição de uma nova cultura e também outra língua, pode comprometer sua identidade original (HAMERS & BLANC, 2004).

Assim, acreditar que os indígenas por, talvez, falarem mais o português, tenham “perdido” sua cultura, é uma visão distorcida. Segundo os próprios informantes indígenas desta pesquisa, aprender o português é de suma importância, uma vez que o domínio deste idioma facilita sua relação com indivíduos externos à comunidade, e, principalmente, lhes assegura o poder de buscar e garantir os seus direitos, conseguindo, desta maneira, “defender-se” no contexto não indígena.

⁴¹ Utilizamos o termo “colonização” no sentido de estabelecer colônia, habitar como colônia, segundo o dicionário Aurélio online, disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/colonizar>. Ou seja, no sentido do Brasil como sendo colônia de Portugal.

Para muitas comunidades, aprender o português foi, e ainda é, uma questão de sobrevivência, e, se no passado foi exigido que os povos indígenas falassem a língua do não indígena, hoje se exige que ele fale a língua oriunda de seu povo (KONDO & FRAGA, 2013; 2014). Uma situação no mínimo conflituosa, mas diferente da vivida por outros grupos minoritários, como os grupos de imigração alemã, italiana, polonesa, entre outras, que também buscam pela revitalização e manutenção de suas línguas oriundas dos países de seus ancestrais. No caso das línguas de imigração, nenhum descendente deixa de ser visto como descendente por não dominar a língua de seus antepassados.

A busca pela revitalização de línguas indígenas está sendo motivo de reflexões por parte de membros e lideranças indígenas (através do seu ensino nas escolas, da promoção do uso da língua nos núcleos familiares, nas interações sociais, entre outros), o que gera uma pressão interna e externa nos indivíduos indígenas ao uso de suas línguas, condicionando, assim, possivelmente, uma situação bilíngue e assegurando a cultura do grupo (HAMERS & BLANC, 2004).

As comunidades indígenas, pelo atual estado linguístico em que se encontram, podem ser classificadas como grupos etnolinguísticos⁴², pois a língua desempenha um papel importante na definição de sua identidade cultural ou étnica (HAMERS & BLANC, 2004). Étnica, inclusive, pois nas palavras de Appel & Muysken (2005) embora não existam critérios fixos, um grupo é considerado étnico e com identidade étnica específica quando é especificamente distinto de outros grupos. A etnia é um conceito que se refere a indicadores objetivos comuns de diferenças como raça, religião, língua, entre outras, usados na classificação dos indivíduos. Já a identidade étnica, por sua vez, refere-se à parte do autoconhecimento de um indivíduo no que diz respeito a como ele se relaciona com o seu próprio grupo étnico nativo e com os outros grupos étnicos (PHINNEY, 1990 apud HAMER & BLANC, 2004). Contudo, não existe uma relação categórica entre língua e etnia. Para Fishman (2007) a ligação entre língua e etnia também é variável, pois enquanto para alguns a língua é o principal indicador de expressão de sua etnia, para outros a língua pode ser meramente marginal e opcional.

Do mesmo modo, quando existe um sentimento de pertencimento a um grupo étnico particular que faz uso de determinada língua como importante, podemos dizer que temos aí uma expressão da identidade etnolinguística do indivíduo. A identidade, segundo Silva (2000)

⁴² Também definido por Appel e Muysken (2005) os grupos etnolinguísticos são grupos étnicos que têm sua própria língua nativa.

“não é uma essência, não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura”. A identidade é múltipla e homogênea, é dinâmica, ou seja, sofre mudanças e transformações constantes. Seu dinamismo e multiplicidade provocam reações negativas ou positivas, conforme o contexto e situação na qual o falante se faz presente. A identidade está ligada à diferença e diante do diferente ela se potencializa (KRUG, 2004, p. 15). A respeito disso, Tabouret-Keller (1998, p. 315) salienta que a constituição da identidade não depende apenas de quem eu sou e de que grupo pertenço, mas o que eu não sou do grupo que não pertenço, o que me diferencia do outro mostra o que sou.

A identidade é uma construção, é inconsciente e inacabada (SILVA, 2000) e devido a isso, a identidade construída no núcleo familiar, pode ser desconstruída quando o indivíduo sai desse núcleo, e entra em contato com outras, cujas vivências e experiências são outras (KRUG, 2004, p. 13). Compreendendo a identidade deste modo, “estipula-se que quanto maior o papel da língua como marca de identidade, tanto maior as possibilidades de uso e manutenção da língua minoritária” (KRUG, 2004, p. 03).

Enquanto a maioria dos grupos étnicos de imigração procura preservar pratos típicos, grupos de danças, entre outros, os grupos indígenas parecem preocupar-se com a língua antes dos demais aspectos. Porém, quando o assunto é a subsistência e sobrevivência, a língua minoritária cede espaço à variedade oficial (HORST & KRUG, 2015). Além disso, percebe-se que, aos poucos, emergem grupos de danças organizados por escolas, a busca pela valorização de pratos típicos e pelo retorno do uso e conhecimento sobre ervas medicinais e, por trás disso, temos a variedade indígena como questão central alavancando a cultura popular local.

3.3 CRENÇAS LINGUÍSTICAS

Após a década de 70, pesquisadores como Labov (2008), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Gómez Molina (1998) vêm abordando em seus trabalhos análises sobre crenças e atitudes, pois elas, além dos fatores sociais como idade, sexo, geração entre outros, atestam a importância dos padrões de prestígio sustentados pelas comunidades linguísticas e suas influências no processo de variação ou de mudança (SILVA & AGUILERA, 2014, p. 707). Desta forma, neste trabalho buscamos identificar as crenças e atitudes linguísticas de nossos falantes.

Seguindo o exemplo do trabalho de Botassini (2015) optamos por explicar o papel das crenças, separando-a das atitudes. A maioria dos trabalhos sociolinguísticos trazem as

concepções de atitudes e crenças unidas, mas, na maioria das vezes, apenas o conceito referente às atitudes é que de fato é tratado e explicado com maior destaque. Assim, com o intuito de compreendermos o que são as crenças e de que forma atuam e como estão ligadas às atitudes linguísticas, iniciamos este tópico falando sobre as crenças linguísticas.

Segundo Dutra (2000 apud DALLEASTE, 2015 p.19),

As crenças podem ser descritas como formas de pensamento de um indivíduo isolado, mas, em determinadas condições, refletem o comportamento da comunidade, principalmente quando se olha para a história e a formação cultural. Pode-se dizer que as crenças são cercadas de ideologia, de experiências e de interpretações do mundo.

Para Barcelos (2007 apud BOTASSINI, 2015, p. 107), a crença é tão antiga quanto nossa existência, pois desde que iniciamos nossa forma de pensar nós começamos e acreditar em algo. Desta forma, Barcelos (2007 apud BOTASSINI, 2015, p. 107), define crença como uma forma de pensamento, uma forma de ver e perceber o mundo e seus acontecimentos, construída a partir da realidade de cada sujeito.

Barcelos (2007 apud BOTASSINI, 2015), sinaliza que esta é uma definição mais recente, sendo mais dinâmica, podendo as crenças serem modificadas com o passar do tempo, pois se apoiam em fatos já ocorridos, na opinião de pessoas consideradas importantes, nos assuntos que aparecem na mídia, entre outros. À medida que as pessoas vivem novas experiências e novas interações, suas crenças também são modificadas. Além disso, as crenças podem ser tanto do grupo social quanto do indivíduo (BARCELOS, 2007 apud BOTASSINI, 2015), desta forma, as crenças de um falante podem seguir as crenças do grupo no qual ele está inserido. Fora deste grupo suas crenças individuais podem prevalecer.

Uma crença pode ser fundada em valores religiosos, morais ou ser resultado do senso comum, no entanto, sem comprovação empírico-científica. Pode também estar ligada por uma suposição cognitiva e por um integrante afetivo de precedência social (PASTORELLI, 2001, p.24). Ainda, Busse & Massarollo (2013 apud SELLA et al, no prelo), afirmam que os fatores históricos e geográficos interferem na constituição das crenças.

As atitudes são constituídas de pensamentos e crenças. Compreendendo que as crenças são dinâmicas e podem ser modificadas, essa mudança de crença resulta em uma mudança de atitude (SANTOS, 1996, p. 15 apud MARQUES & BARONAS, 2015).

Definir e conceituar o que é uma crença não é tarefa simples. Mas podemos exemplificar como elas interferem na vida de falantes e também de estudantes, principalmente

nas aulas de línguas estrangeiras quando esses colocam que, se nem português eles sabem falar direito (uma crença) como vão aprender inglês, no caso (outra crença).

Ainda, acreditar que um vocábulo ou uma língua é arcaica e sentir-se mal ao usá-lo acaba levando o falante a não utilizá-lo, é o efeito de uma crença negativa. Já o fato contrário, de saber a importância da língua e sentir-se bem ao comunicar-se através dela, pode levar o falante a utilizá-la em suas constantes intervenções comunicativas, efeito de uma crença positiva.

3.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Neste trabalho tratamos de grupos indígenas e não indígenas, e o que esses grupos pensam uns sobre os outros nos interessa, pois na relação com o outro e sua língua, que segundo Bisionoto (2007, p. 23 apud Sella et al, 2016) atuam elementos de ordem política, psicológica e sociocultural dos falantes, cenário no qual se formam as atitudes dos falantes diante das línguas presentes na comunidade (SELLA et al, 2016, p. 150)

Assim como definimos o que são crenças, faz-se isso agora com as atitudes linguísticas, as quais, visto de uma perspectiva mentalista, são processos mentais que atuam como variáveis mediadoras entre estímulos e respostas. Nas palavras de Kaufmann (2011, p. 122):

Quasthoff descreve atitudes da seguinte maneira, modificando uma definição de Allport: **“uma atitude é um estado mental e neutral de prontidão, organizado através da experiência, exercendo uma influência diretiva ou dinâmica sobre a resposta de um indivíduo a todos os objetos e situações aos quais está relacionado”** (grifos nossos).

O ser humano tem atitudes em relação às coisas, pessoas, eventos, ideias e instituições. As atitudes não podem ser medidas de forma direta, pois são psicossociais. Seria antes uma inferência que se faz a partir de certo comportamento. As atitudes de determinado indivíduo são diretamente influenciadas por fatores ambientais potentes, como a família, o trabalho, a religião, amigos ou educação, até chegar ao ponto de ajustarem suas atitudes em conformidade com aqueles que são mais importantes nos grupos sociais a que pertencem (LASAGABASTER, 2004, KAUFMANN, 2011). Além disso, as atitudes são formadas por pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, igualmente por reações. Desta forma, as atitudes são formadas quando as crenças e os sentimentos são acomodados ao ambiente social (MARQUES & BARONAS, 2015).

De acordo com Kaufmann (2011), em relação à estrutura das atitudes, três são os componentes influentes a serem considerados: (I) o componente cognitivo tem a ver com as convicções e crenças sobre o objeto da atitude; (II) o componente afetivo refere-se a avaliação positiva ou negativa do objeto da atitude e, por fim, (III) o componente conativo, em que “crenças e valores emocionais relevantes são transformados em intenções comportamentais mais ou menos específicas” (DEPREZ/PERSOONS, 1987, p.786 apud KAUFMANN, 2011, p. 122).

Para Kaufmann (2011) na relação entre atitudes e comportamento, não faz sentido algum correlacionar atitudes gerais com um comportamento específico. No entanto, as atitudes linguísticas de um falante, geralmente, concordam com as normas do grupo de pessoas a quem ele convive estreitamente, especificamente quando as funções de escolha da língua falada funcionam como um marcador de identidade (VANDERMEEREN, 2005). Essa identidade, “além de ser subjetiva, é dinâmica e sofre constantes construções e desconstruções decorrentes de fatores sociais e linguísticos (KRUG, 2004, p. 13).

Segundo o ponto de vista de Giles e Johnson (1987 apud VANDERMEEREN, 2005) o comportamento linguístico é um importante marcador de identificação de um falante com um grupo étnico. Para eles, os membros subordinados de um grupo étnico que valorizam a sua língua como um símbolo importante da sua identidade e que se identificam fortemente com o grupo, tendem a manter seus recursos de linguagem distintos. Por outro lado, quando o indivíduo se identifica de forma fraca ou moderada com seu grupo interno, ele será menos propenso a manter a língua que pertence a esse grupo. Desta forma, os autores concluem que as atitudes linguísticas são muito sensíveis à identidade etnolinguística.

A conclusão que Oskamp (1991, apud Lasagabaster (2004)) chega, é de que a atitude é uma preparação para o comportamento, uma predisposição para responder de maneira particular à atitude. Diante do exposto, podemos interpretar essas analogias com o fato de um indivíduo que busca aprender o inglês, por exemplo. Esse indivíduo não gosta dos americanos por esses serem capitalistas, o que provoca desigualdades e afins. Contudo, para obter uma ascensão em seu trabalho, ele sabe que é fundamental dominar a língua inglesa, e, assim, a busca. Esse indivíduo tem uma crença que não confere com sua atitude. Da mesma forma, ocorre, aparentemente, com o grupo indígena, que, não de forma geral, demonstra uma certa desconfiança diante de um *fóg/juruá*, contudo, a grande maioria parece ter a compreensão de que é necessário ter o domínio da língua portuguesa.

No que se refere às normas sociais, Kaufmann (2011) afirma que as atitudes individuais só irão influenciar o comportamento linguístico, caso não haja normas sociais fortes que impossibilitem a aplicação de atitudes individuais. Dentro desta mesma questão de normas sociais, o estudo sobre os menonitas de língua alemã no México e nos Estados Unidos, do mesmo pesquisador, pode ser comparado ao caso dos grupos indígenas, uma vez que Kaufmann (1997, p. 327/328 apud KAUFMANN 2010, p. 293) concluiu que as atitudes individuais só exibem uma covariação forte com o comportamento linguístico de um grupo minoritário, quando este grupo é, de alguma forma, “mais poderoso” do que a maioria do grupo e quando não há restrições internas contra aprender a língua majoritária. Assim, o fato de os americanos serem os mais “poderosos” faz com que os menonitas do Texas tenham de aprender o inglês, independente das suas atitudes, ou seja, “a pressão linguística da maioria substitui qualquer atitude negativa existente para com os membros da maioria, a sua linguagem e sua aquisição⁴³” (KAUFMANN, 2010, p. 293). Essa situação parece ocorrer com os grupos indígenas, principalmente com o grupo Kaingang, que por ter maior contato com não indígenas, detentores da norma mais poderosa, acabam por apresentar um maior número de indivíduos que dominam a língua majoritária, neste caso, o português.

O mesmo não ocorre com os menonitas mexicanos, principalmente com os mais conservadores, que tentam evitar contatos com os mexicanos, mesmo que demonstrem atitudes positivas em relação a eles, não sendo permitido aprender o espanhol, ou seja, “as normas sociais de uma parte de um grupo minoritário “poderoso” também pode substituir as atividades individuais de seus membros⁴⁴” (KAUFMANN, 2010, p. 293). Esse cenário pode ser encontrado no grupo indígena Guarani, no qual a presença e o respeito aos mais velhos é muito forte, e como esses procuram manter e preservar a língua, cultura e religião, bem como não representaram o desejo da presença do *juruá* em seu convívio, por isso, influenciam os mais jovens a usar, perceptivelmente, mais a língua Mbyá Guarani.

Para Aguilera (2008, p. 106) a atitude linguística de um indivíduo é vista como o resultado da soma de seus conhecimentos, afetos, crenças e a propensão de seu comportamento diante de uma língua ou situação sociolinguística. Ainda, segundo a pesquisadora, é a atitude que vai mostrar a direção de uma mudança linguística ou

⁴³ No original: “the linguistic pressure of the majority overrides any existing negative towards majority members, their language, and its acquisition”.

⁴⁴ No original: “social norms of one part of a “powerful” minority group can also override the individual attitudes of its members”

sociolinguística, desta forma, é possível reconhecer uma futura manutenção ou revitalização linguística.

Na mesma perspectiva, Moreno Fernández (1998 apud Selle et al, 2016, p. 152) também aponta as atitudes no processo de variação ou mudança linguística. Segundo ele atitudes favoráveis ou positivas podem fazer com que uma mudança se realize mais rápido, ou seja, se veja na língua portuguesa maiores perspectivas, logo, abandono a variedade indígena, para falar o português. Por outro lado, demonstrar uma atitude negativa ou desfavorável perante a língua indígena pode causar o abandono desta língua.

Não obstante, as crenças e atitudes linguísticas demonstradas por um determinado grupo sociolinguístico, podem revelar a relação que possuem com a língua falada por esse grupo e também com os demais grupos que interage. Nesse momento, são as diferenças linguísticas que irão se sobressair e refletir o poder político, social, geográfico e econômico que se estabelecem entre os grupos (BUSSE & MASSAROLLO, 2013, p. 401 apud SELLA et al, 2016).

As atitudes perante uma língua são fundamentais em processos de revitalizações das línguas (GARCIA, 2009, p. 102). Quanto mais positivas forem as atitudes, mais chances a língua tem de ser passada às futuras gerações. A revitalização e manutenção de muitas línguas indígenas conta com o apoio da descrição e catalogação das línguas, uma vez que a cultura do não indígena dá muito valor à língua escrita e isso pode refletir nas ações de revitalização. Além disso, de acordo com D'Angelis (2014, p. 104) a existência da escrita garante a vitalidade das línguas.

Atualmente, em nível nacional, contamos com o Decreto nº 7387 de 9 de dezembro de 2010, o qual surge da iniciativa e no âmbito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) e do Grupo de Trabalho sobre a Diversidade Linguística (GTDL), que institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como forma de oficializar a identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos que compõe a sociedade brasileira. Existe também o Programa de Documentação de Línguas Indígenas (Prodoclin) que iniciou os trabalhos em junho de 2009 no Museu do Índio/Funai, com o amparo da Unesco e da Fundação Banco do Brasil (FRANCHETTO, 2006/2010). O censo do IBGE de 2010 também ampliou seu questionário, a fim de que a sociedade em geral tenha um maior panorama da situação linguística indígena no país.

Vale ressaltar que nenhuma política linguística, programa ou algo relacionado à revitalização surtirá resultado se isso não for um desejo oriundo dos falantes. Eles são os detentores do poder de preservar ou mesmo revitalizar uma língua ou não. Políticas ou ações nesse sentido, oriundas dos membros da comunidade são chamadas de ações *in vivo*, enquanto que ações realizadas sem a participação dos membros da comunidade, técnicas impostas de fora para dentro, são denominadas *in vitro*. A importância da participação dos falantes na gestão de suas línguas é fundamental, daí a priorização de ações "in vivo" (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011).

Atualmente, um dos maiores exemplos de revitalização de língua e cultura nos é dado pelo povo Māori da Nova Zelândia. Após a colonização do país, a língua e a cultura do povo Māori estavam praticamente extintas, pois as crianças Māori eram incentivadas a aprender o Inglês para ter mais chances de emprego e para poderem sobreviver no mundo dos brancos. Com maiores oportunidades de emprego, muitas famílias Māori deixaram o campo e foram para os centros urbanos, o que enfraqueceu ainda mais a língua e cultura desse povo. Contudo, a partir de 1970, iniciou-se um movimento de fortalecimento da cultura e da língua Māori, que resultou em ações oriundas da própria comunidade, uma delas foi o desenvolvimento do movimento de ninhos de língua que criou escolas infantis (composta de centros de creches e educação infantil, onde as atividades e instruções são dadas na língua Māori e recebem colaboração da família e dos professores) e anos mais tarde escolas de imersão da língua e cultura Māori (indo do nível primário até o secundário, seguindo a mesma filosofia das escolas de educação infantil: família e comunidade). Todas essas ações provocaram a oficialização da língua Māori na Nova Zelândia em 1987.

Vale destacar, que os alunos do sistema de ensino Māori obtém excelentes resultados quando comparados com alunos do sistema regular de ensino da Nova Zelândia, inclusive no Inglês, disciplina ministrada uma vez por semana para os alunos Māori. Ainda, esse modelo de ensino emerge de muitas pesquisas sobre quais políticas linguísticas trariam maiores benefícios (WILTSHIRE; PETRUCCI; MAIA, 2015).

Esse movimento vem sendo reconhecido como um método de iniciativas de revitalização mais efetivos do mundo, inspirando outros povos e grupos minoritários. Esse modelo de ensino emerge de muitas pesquisas sobre quais políticas linguísticas trariam maiores benefícios. No Brasil, o povo Māori tem inspirado pesquisadores a utilizar o exemplo com uma comunidade indígena do Norte do Rio Grande do Sul, A Terra Indígena de Nonoai. Os primeiros passos estão sendo dados para que ocorra a implantação de ninhos de língua na

comunidade. Esse processo terá o apoio do Museu do Índio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além da comunidade já ter recebido a visita de integrantes do povo Māori no ano de 2016.

3.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Feita a colocação dos principais conceitos que regem esta pesquisa, faremos agora a exposição da teoria metodológica em que esta se insere, seus principais conceitos e funcionamento, para, no próximo capítulo, apresentar como esta teoria metodológica é aplicada no contexto de nossa pesquisa.

A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, segundo Thun (1998), “...se entende como parte da ciência geral da variação linguística...”⁴⁵. Devido a essa explicação buscaremos expor a totalidade a respeito da ciência da variação linguística. Inicialmente, o estudo da variação linguística, a dialetologia areal⁴⁶, era monodimensional. No final do século XIX, as pesquisas estavam centradas na questão do “espaço”, o que gerava a busca pelo informante NORMs (*nonmobile, older, rural males*)⁴⁷ (CHAMBERS & TRUDGILL, 2004 [1998], p.29), homens idosos, que vivessem em espaços rurais e sem mobilidade, pois estes eram vistos como os guardiões de dialetos puros (VANDEKERCKHOVE, 2010, p. 315-316). Desta maneira, a dialetologia areal dava preferência a apenas um tipo de informante, que formava um grupo homogêneo, de diferentes localidades (THUN, 1998; 2010), mas que pouco se interessava por fatores sociais determinantes da variação linguística (VANDEKERCKHOVE, 2010, p. 316).

Observando a necessidade de embrenhar maiores descobertas, William Labov, por volta de 1960, inova as formas de pesquisas de variação linguística, e traz para a investigação os fatores sociais, campo este denominado como Sociolinguística. A partir de então, as investigações de cunho sociolinguístico se interessavam em obter dados de diferentes grupos sociais em um espaço compacto.

De acordo com Bright (1966, apud Calvet, 2002, p.29) “não é fácil definir com precisão” o que é a sociolinguística. Afirma, ainda, que os estudos desta área concernem nas relações entre linguagem e sociedade, sendo esta, contudo, uma definição vaga. Bright elucida

⁴⁵ No original: “...que se entiende como parte de la ciencia general de la variación linguística...”

⁴⁶ Também conhecida como dialetologia monodimensional, geolinguística tradicional ou cartografia.

⁴⁷ Ou ainda, “ROM” “rural old man”, utilizado por Trudgill em 1974.

que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlatada às diferenças sociais sistemáticas”.

Desta maneira, de acordo com Thun (2010), a dialetologia areal é caracterizada por mínimas variáveis extralinguísticas (idade, sexo, profissão...), e por um máximo de variáveis linguísticas (variações fonológicas, léxicas, semânticas entre outras), enquanto a sociolinguística é caracterizada pelo máximo de variáveis extralinguísticas e um mínimo de variáveis linguísticas, além de estar voltada para os dialetos urbanos. Separadas historicamente, essas duas disciplinas convergem na Dialetologia Pluridimensional, doravante DP, (THUN, 1998). Contudo, o mesmo autor (2010b), esclarece que a DP “...significa não só a fusão metodológica de princípios da dialetologia tradicional e sociolinguística, envolve, além disso, aspectos e técnicas da análise do contato linguístico”⁴⁸.

Além disso, a dialetologia areal investiga variantes linguísticas, em espaço expandido, mas com um único perfil de informante; por sua vez a sociolinguística investiga um maior número de variantes linguísticas, analisando variantes extralinguísticas, mas em um espaço mais limitado que a dialetologia areal; e a dialetologia pluridimensional, por sua vez, busca investigar um número expressivo de variantes linguísticas, em vários locais (pontos analisados) sempre que possível, constituindo um grande espaço, considerando as variantes extralinguísticas (alojadas em dimensões), além de relacionar os dados encontrados com as dimensões, o que a caracteriza como *relacional*. Assim, as duas primeiras formas de pesquisa são de caráter quantitativo, enquanto a última, tem característica qualitativa, contudo, pelas relações realizadas pela DP, esta produz um número elevado de dados (THUN, 1998; 2009, 2010).

O modelo metodológico da Dialetologia Pluridimensional Relacional⁴⁹ é uma metodologia inovadora de análise qualitativa. Thun (2005) nos explica que a DP...

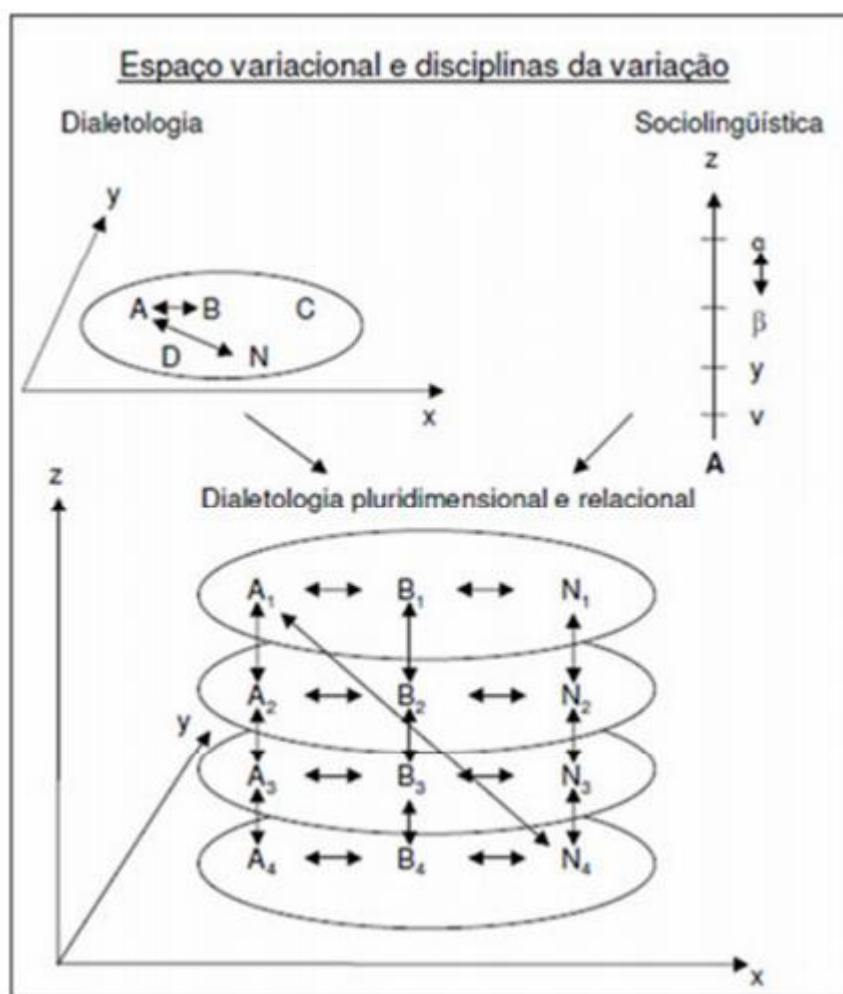
Analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma superfície ($A_1 \leftrightarrow B_1$ e $A_2 \leftrightarrow B_2$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \leftrightarrow B_2$). É assim que se podem focalizar grupos que mantêm redes de comunicação e outros que se comparam só tipologicamente. (THUN, 2005, p. 68)

⁴⁸ No original: “Pluridimensional dialectology...means not only the methodological fusion of traditional dialectology and sociolinguistics principles. It additionally involves aspects and techniques of language contact analysis”.

⁴⁹ Assim também denominada, pelo seu caráter relacional.

Ou seja, a DP analisa inteiramente os planos e todas as relações (THUN, 1998), e chega muito próximo ao ideal de “descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes” (THUN, 1998, p.705). Pela figura a seguir, percebemos as relações possíveis que a DP é capaz de realizar, formando um espaço variacional tridimensional, oriunda da combinação da dialetologia areal com o eixo de diferentes grupos sociais, que analisa todos os planos e todas as relações (THUN,1998, 2010).

Figura 3 - Espaço Variacional e Disciplinas da Variação



Fonte: Thun (1998, p. 705).

O campo de interesse desta teoria metodológica está nas variedades mistas, nos fenômenos de contato entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, variação diafásica, o comportamento linguístico de grupos topodinâmicos contrastado com o comportamento de grupos topostáticos, a atitude metalinguística dos falantes, comparados com seu comportamento linguístico e outros parâmetros. Tem como

objetivo “...ampliar o marco da percepção dos eixos variacionais e resgatar certos fenômenos do despercebimento”⁵⁰ (THUN, 1998).

Segundo Gewehr-Borella (2014, p. 46) “o modelo proposto também é *pluridimensional* por incluir diversas dimensões de análise”, sendo que uma dimensão é, de acordo com Thun (2010, p. 6), “...uma combinação de dois ou mais parâmetros opostos”⁵¹, sendo os parâmetros as variáveis extralinguísticas, como sexo, idade, classe social, entre outros. Apresentaremos, no quadro a seguir, as dimensões juntamente com os parâmetros que as compõem, embasados nos estudos de Thun (1996, 1998, 1999, 2005, 2010, 2010b), GEWEHER-BORELLA (2014) e HORST (2014).

Quadro 1 - Dimensões de Análise da DP

Dimensão	Parâmetros
1. Dialingual	Trata das línguas que são usadas pelos pontos pesquisados, duas ou mais.
2. Diatópica	Analisa os grupos topostáticos , ou seja, locais de inquérito onde os informantes são demograficamente estáveis. No início do programa, para o informante ser classificado como topostático, ele deveria ter nascido e vivido naquela região. Mas, devido a necessidades encontradas durante pesquisas, como a do <i>Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay</i> (ADDU), o informante deve ter vivido pelo menos a metade de sua vida no local, principalmente os últimos cinco anos.
3. Diatópica-Cinética	Grupos topodinâmicos , onde os informantes apresentam mudança de residência, uma adequação feita por Thun em 1996, por não encontrarem informantes para o ADDU, que fossem sedentários no Uruguai, ou seja, topostáticos.
4. Diastrática	Essa dimensão lida com os parâmetros referentes a classe social , sendo a Classe Alta (Ca) composta por informantes que concluíram ou que estão cursando o ensino superior, e a Classe Baixa (Cb) composta por informantes que cursaram a educação básica ou são analfabetos.
5. Diageracional	A idade dos informantes compõe também uma das dimensões da metodologia, tendo como parâmetros a Geração II (GII), composta por informantes acima de 55 anos, e a Geração I (GI), a qual comporta informantes de 18 a 36 anos de idade.
6. Diassexual	A variável referente ao gênero também se faz presente, na qual são analisadas as variações pertinentes a homens e mulheres.
7. Diafásica	Esta dimensão está ligada aos parâmetros de leitura, respostas e conversa dirigida . A leitura de um texto (normalmente “A

⁵⁰ No original: “...ensanchar el marco de percepción de los hechos variacionales y rescatar ciertos fenómenos del despercebimiento”.

⁵¹ No original: “... a combination of two or more oppositional parameters”.

	Parábola do Filho Pródigo”), coleta a fala mais controlada. As respostas são obtidas através de um questionário, (elaborada a partir do objeto a ser analisado) as quais apresentam a fala menos controlada e a conversa livre, por sua vez, apresenta dados de fala espontânea.
8. Diarreferencial	Esta dimensão é relativa aos comentários metalinguísticos ⁵² realizados pelo informante. Os comentários são oriundos da <i>pergunta</i> realizada, da <i>insistência</i> e da <i>sugerência</i> feita pelo pesquisador.
9. Diarreligiosa	A religião é um parâmetro ligado a variação linguística, como no caso de imigrantes alemães, a qual ser católico ou luterano, pode influenciar, na manutenção e preservação da língua alemã.

Fonte: Elaborado pelo autor (a).

A DP, que abrange a área da cartografia, também trabalha com a elaboração de mapas. Os mapas apresentam, além de sua tradicional distribuição areal dos pontos pesquisados, o acréscimo de duas dimensões: a diastrática e diageracional, o que gera a cruz da Dialectologia Pluridimensional. Na parte superior, temos a classe alta (Ca) e, na parte inferior, temos a classe baixa (Cb), o que contempla a dimensão diastrática. No lado esquerdo, temos a geração dos idosos (GII) e, no lado direito, a geração mais nova (GI), compondo a dimensão diageracional. A cruz facilita a leitura dos resultados obtidos em determinados pontos (THUN, 2010). Segundo Krug (2011, p. 78) esse modelo de apresentação e análise dos dados, aumenta o poder de explanação do estudo.

Figura 4 - Cruz presente nos mapas produzidos pela DP

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

Fonte: THUN (1996, 1998, 2010).

⁵² Comentários metalinguísticos, são os comentários a respeito da própria língua, realizado pela informante.

4 METODOLOGIA

A DP é a metodologia usada nesta pesquisa, pois, como vimos, ela abrange um maior número de variantes linguísticas e extralinguísticas, além do mais, Lameli (2010) afirma que a pluridimensionalidade é uma ferramenta promissora para se obter uma interpretação de maior abrangência da linguagem no espaço. Esta também é a metodologia utilizada pelo *Atlas Diatópico Y Diastrático del Uruguay* (ADDU), Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), e Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR).

4.1 PERFIL E SELEÇÃO DE INFORMANTES

Os informantes desta pesquisa não foram selecionados de qualquer maneira, ou de forma aleatória. Existiam alguns critérios a serem seguidos, pois sem esses, não poderíamos relacionar nossos dados, característica da metodologia utilizada.

Primeiramente, todos os informantes indígenas deviam ser residentes na TIG e os informantes não indígenas deviam residir nas cidades de Tenente Portela e Redentora, áreas urbanas próximas à aldeia. Contudo, somente foram incluídos na pesquisa informantes que tivessem nascido no território da TIG (indígenas) e nas cidades de Tenente Portela e Redentora (não indígenas) ou residido pelo menos 3/4 de vida nestes locais.

Os informantes foram indicados pelo chefe da equipe indígena da Emater ASCAR de Tenente Portela, (que há anos reside no município e é muito conhecido e conhece muitos habitantes de Tenente Portela e Redentora, principalmente os indígenas) e por sua equipe, que trabalha diretamente com os indígenas, e, com isso, conhecem o público. Além do mais, os informantes selecionados contemplavam os parâmetros referentes à idade (Geração I: informantes entre 18 e 36 anos e Geração II: informantes com mais de 52 anos) e gênero (masculino e feminino, no caso, homem e mulher) e selecionamos ainda, informantes com o perfil da dimensão diastrática, ou seja, informantes para o grupo topostático e para o grupo topodinâmico⁵³. Além disso, a equipe procurou indicar informantes que fossem mais receptivos diante da presença de pessoas desconhecidas, no caso, os pesquisadores. A equipe explicou que nem todos os indígenas confiam no *fóg/juruá* a ponto de lhes revelar certas informações.

⁵³ Mais informações serão dadas na sessão 4.2.2. Dimensão Diastrática.

No programa pluridimensional, tentamos juntar pelo menos dois falantes que compartilhassem as mesmas características e que conhecessem um ao outro (THUN, 2010, p. 03), desta forma o informante se sente mais confortável para responder às perguntas do questionário e colaborar na conversa livre, obtendo-se, então, informação mais completa e segura (THUN, 1998, p. 788), desse modo, a equipe também auxiliou para que encontrássemos os casais de informantes.

Foram selecionados 24 informantes, divididos em 8 informantes do grupo Guarani, 8 informantes do grupo Kaingang e 8 informantes que não sejam descendentes indígenas (não indígenas), sendo distribuídos em 1 homem e 1 mulher do grupo topostático, geração II, 1 homem e 1 mulher do grupo topostático geração I, 1 homem e 1 mulher do grupo topodinâmico, geração II, 1 homem e 1 mulher do grupo topodinâmico, geração I para cada ponto de levantamento de dados.

4.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE

Nem sempre é possível explorar todos os fatores na mesma profundidade, nem mesmo certas dimensões conseguem ser exploradas em determinados locais. Mesmo assim, a abordagem pluridimensional continua sendo a mais abrangente nos dias atuais (LAMELI, 2010, p. 585). Desta maneira, em nosso trabalho, também selecionamos apenas algumas dimensões para serem analisadas⁵⁴ a partir daquelas que foram expostas no capítulo anterior, sessão 3.5: **dimensão diatópica, dimensão diastrática, dimensão diageracional e dimensão diassexual**. Explanamos, de que forma trataremos cada uma delas.

4.2.1 Dimensão diatópica

Nos mapas ADDU, ALMA, ALiB, normalmente, a metodologia empregada compara dados de cidades, com características semelhantes. No nosso caso, como já mencionado, a TIG possui uma extensão de quase 24 mil hectares e nela temos a comunidade Kaingang e a comunidade Guarani, ambas nossos pontos de pesquisa. O terceiro ponto será composto por amostras oriundas das cidades mais próximas, Tenente Portela e Redentora, que possuem em seu território uma área que faz parte do território indígena. Ou seja, teremos três pontos de inquérito, dois deles compostos por comunidades indígenas e um deles por comunidade não

⁵⁴ Não teríamos espaço, tempo e recursos financeiros para tratarmos de todas as dimensões neste trabalho.

indígena. Habitualmente são analisadas variações linguísticas faladas nos diferentes pontos de inquérito por falantes da mesma variedade linguística, no entanto, nesta pesquisa, nosso foco será analisar as crenças e as atitudes quanto ao uso que cada comunidade faz de sua variedade e não, como é tradicional, analisar e comparar a variação entre estas comunidades. Ou seja, utilizaremos a dimensão diatópica para avaliar quais dos grupos acredita mais e apresenta as atitudes mais condizentes em relação a sua língua.

4.2.2 Dimensão diastrática

Como apresentado na seção 3.5, a dimensão diastrática corresponde às classes sociais alta (Ca) e baixa (Cb), de acordo com o nível de instrução educacional dos informantes. Contudo, assim como Thun (1996), em pesquisas realizadas em Rivera para o ADDU, percebeu que, se procurasse informantes sedentários (dimensão topostática), não os encontraria, pois estes eram bastante móveis, então, elaborou a dimensão topodinâmica, (que contempla os informantes mais móveis), nós também percebemos que, na dimensão diastrática de nossa pesquisa, era necessário que se fizessem algumas adaptações. Os povos indígenas não possuem uma classificação social como classe alta, média ou baixa. Para os indígenas todos são iguais, todos possuem os mesmos direitos. Nas reivindicações feitas por povos indígenas, percebe-se claramente que não há distinção na busca por igualdade, todo o grupo é incluído, o que demonstra não haver diferenças sociais entre eles.

De acordo com as colocações de Becker (1976, p. 140), na organização dos grupos Kaingang, percebia-se três posições, a do cacique, a dos demais índios e dos eventuais prisioneiros. Como, atualmente, não existem mais prisioneiros, a organização social se estabelece com o cacique sendo o detentor de maiores poderes e os demais índios. E isso ocorre inclusive no grupo Guaraní, que, por sua vez, preserva o *Karáí*, que também é muito respeitado, mas ainda é a cacica que governa o grupo.

Ainda, a mobilidade é um fator a ser considerado uma vez que o movimento dos indígenas ainda existe, de forma bem reduzida se comparada com o passado, mas que ocorre entre grupos indígenas de diferentes regiões bem como de indígenas que vão em busca de oportunidades de estudo fora da TIG.

Dessa forma, ao observar e analisar esse contexto diferenciado, optamos por excluir as questões pertinentes a classe social. Todavia, seria impossível de realizarmos as relações entre as dimensões, característica fiel da DP, se excluíssemos essa dimensão, além de ser

impossível de organizarmos os dados em forma de cruz. Como, na metodologia utilizada, temos a dimensão diatópica cinética, que analisa as diferenças entre informantes topostáticos (informantes com residência estabelecida nas localidades que são pontos de inquérito) e topodinâmicos (informantes com mudança de residência recente), incluímos esses parâmetros adaptados ao contexto, em nossa análise, no lugar da classe alta (Ca) e classe baixa (Cb). Assim, classificamos diastraticamente os grupos em: **topodinâmico**, doravante Td, representada pelos informantes que saíram do local e retornaram, seja devido ao estudo ou a trabalho, ou qualquer outro motivo, no caso dos Kaingang. O mesmo critério é usado para o grupo fóg/juruá. No caso do grupo Guarani, por serem mais isolados, topodinâmicos são aqueles que vão com mais frequência para a cidade, e que acabam tendo mais contato com o juruá, ou que já viveram, inclusive, em outro local, que não a comunidade do Gengibre. O outro grupo será o **topostático**, doravante Ts, que será composto por informantes que nunca saíram da comunidade, ou seja, viveram sempre naquele local, ou pelo menos $\frac{3}{4}$ de vida na TIG para o grupo Kaingang. O grupo fóg/juruá é composto por informantes que sempre residiram nas cidades de Tenente Portela ou Redentora, ou que tenham vivido pelo menos $\frac{3}{4}$ de vida nessas cidades. Já para os Guarani, o grupo Ts será composto por informantes que tem pouca mobilidade para outros locais próximos como a ida para a cidade e que têm pouco contato com o juruá. Assim, utilizamos as dimensões topodinâmica e topostática dentro da dimensão diastrática.

Desta forma a cruz que apresentamos na sessão 3.5 passa a ter a seguinte estrutura:

Figura 5: Cruz adaptada de Thun (1996, 1998, 2010)

TdGII	TdGI
TsGII	TsGI

Fonte: Elaborada pelo autor (a).

4.2.3 Dimensão diageracional

Análises relativas à idade dos informantes também são realizadas, nas quais temos a Geração I (GI), que compreende informantes de 18 a 36 anos, e Geração II (GII), na qual

buscamos informantes com idade acima de 52 anos⁵⁵, verificando, assim, se existem diferenças na manutenção, preservação ou perda de uma geração para outra. Algumas questões são pertinentes de serem explicadas, perante a realidade indígena, no que se refere à idade. Quando era perguntado aos indígenas o seu ano de nascimento, muitos informantes demoravam a responder, como se tivessem que “lembrar” o ano que nasceram, ou ainda, recorriam aos documentos de identidade e aos familiares que se faziam presentes. Tivemos um caso em que os informantes, analfabetos, nos ofereceram a documentação e, após verificarmos o ano de nascimento, nos questionaram: “Então, quantos anos eu tenho?”. Também, em conversa com profissionais da Emater, estes nos relataram que durante a realização dos cadastros das famílias no programa que executam, muitos indígenas diziam não saber sua idade. Ocorriam casos em que os filhos tinham pouca diferença de idade dos pais, o que indica que ocorreram erros nos registros, ou que, por terem outra noção do dia, mês e ano, se estipulou uma data, para que o registro fosse feito. Segundo Becker (1976, p. 245),

A avaliação da idade parece não ter sido encarada como nós a fazemos, é mais flexível; a idade de um indivíduo pode ser contada pelas fases de crescimento da taquara, isto é, por um TAQUARÁ ou espaço de tempo que medeia entre uma ou outra floração da taquara, variável entre 25 e 30 anos.

Em outras palavras, os indígenas não lidam com a idade da mesma forma que o não indígena, o que dificultou nossa seleção de informantes. Contudo, acreditamos que encontramos os informantes ideais, no que se refere à dimensão diageracional.

4.2.4 Dimensão diasssexual

Questões relativas ao gênero homem e mulher também serão relacionadas, uma vez que poderemos verificar se existem diferenças na manutenção, preservação ou perda da língua indígena perante os diferentes gêneros. Desta forma, utilizamos a letra M (masculino) para nos referirmos ao homem, e F (feminino), para mulher.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para coletar os dados é necessário que se estabeleça a forma como isso será feito, ou seja, é preciso estabelecer um roteiro para essa coleta, sendo que os módulos não são

⁵⁵ Idade do informante mais próximo aos 55 anos, idade utilizada pela metodologia.

ordenados aleatoriamente, é preciso haver uma progressão, indo de perguntas pessoais às mais específicas (LABOV, 1984). No nosso caso, iniciamos a entrevista com nossa apresentação, dizendo que queremos conversar sobre como é a vida na TIG. Iniciamos com perguntas pessoais e vamos para o questionário utilizado, que já está organizado de forma que partimos de perguntas mais simples indo às mais específicas. Feito isso, oferecemos os textos para serem lidos, e, por último, pedimos que o informante nos fale sobre sua vida. São os diferentes instrumentos de coleta de dados.

Aplicam-se diferentes instrumentos de coletas de dados, pois, segundo Labov (1984, p. 29), “não há falantes de estilos únicos”, e esta “troca de estilos”, é considerada por Labov como qualquer mudança consistente que ocorre nas formas linguísticas utilizadas pelo falante. Os estilos são maneiras específicas de interações linguísticas configuradas pelas tradições sociais (THUN, 2010, p. 03). Assim, buscamos observar estas mudanças de estilos em nossos informantes, através da leitura, das respostas dos questionários, da conversa livre e da observação feita dos informantes e registrada no caderno de campo. Para o registro dos dados foi utilizado um gravador portátil H4n da Zoom com cartão de memória. As entrevistas foram conduzidas pela autora do trabalho, sendo que estas ocorreram durante o período matutino e vespertino, uma vez que fomos conduzidos até a casa dos informantes indígenas por um membro da equipe da Emater, na maioria das vezes. Normalmente, as entrevistas eram feitas ao ar livre, sob a sombra de árvores e na presença de familiares, no caso do grupo indígena.

Fato interessante ocorria, pois no decorrer da entrevista, muitos familiares e vizinhos iam se achegando em nosso entorno, talvez para averiguar o que queríamos, ou quem éramos. Isso mostra que são poucas pessoas *fóg/juruá* que frequentam a TIG. Também ficou clara a importância de estarmos acompanhados de pessoas conhecidas, no caso, os funcionários da Emater – Equipe Indígena, pois isso era um sinal de que podiam confiar nessa pessoa, no caso, os realizadores da pesquisa. Para constar, a entrevista foi feita em língua portuguesa, sendo que, em alguns casos, necessitamos da ajuda de um tradutor para entrevistar alguns informantes que não dominavam o português.

4.3.1 Leitura

A leitura representa a fala mais formal produzida pelo falante, pois esta contempla a variedade de prestígio utilizada pela sociedade; é o estilo exigido pela escola e por locais formais de comunicação, seja falada ou escrita (THUN, 2010). O objetivo de aplicar o método da leitura é verificar se os informantes dominam a leitura em português e em língua indígena

(Guarani e Kaingang), além de colaborar na análise em relação à atitude perante a língua do outro e principalmente da existência ou não de indivíduos bilíngues.

Aos informantes é apresentado o texto “A Parábola do Filho Pródigo”, texto este proposto pela metodologia teórica da DP, em língua portuguesa, Kaingang e Guarani. Além deste texto, também é apresentado um texto oriundo de sua etnia, pois ler um assunto mais familiar pode trazer uma sensação de maior conforto ao informante. Desta forma, também oferecemos ao informante o texto em Kaingang *Nin’su Mré Pénĩ kãmẽ*; e em Guarani *Kaxo*. Ambos os textos foram escritos por pessoas da comunidade, consequentemente, usa-se a variedade local, o que aumenta ainda mais a relação de intimidade com o texto.

4.3.2 Questionário

O questionário é, na verdade, uma entrevista. De acordo com Labov (1984, p. 29), a entrevista face a face é o modo exclusivo de obter a quantidade e a qualidade de discurso gravado que é necessário para a análise. Podemos afirmar que, dentre os objetivos propostos por Labov (1984, p. 33) para a entrevista sociolinguística, nossa entrevista buscava obter um registro de atitudes ostensivas em relação à linguagem, características e estereótipos linguísticos.

O questionário utilizado para a entrevista faz parte do Questionário Pluridimensional do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira, do qual esta dissertação está incluída. Para atingir os objetivos da pesquisa, quanto à atitude linguística e o grau de bilinguismo, adaptamos o questionário para o grupo não indígena, e, também, para o grupo indígena.

Assim sendo, o questionário aplicado ao grupo indígena e grupo *fóg/juruá*, se refere aos Aspectos Metalinguísticos, e está assim dividido: I – Questões de identidade, estando composto pelas perguntas de 1 à 16⁵⁶; II – Identificação de Padrões Identitários (variação e intensidade da identidade), posta que sejam as perguntas de 17 à 24; III – Papel da Língua na Constituição da Identidade (relação da língua com outros ícones da cultura), as quais são 25 à 29; e IV – Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade, sendo as de numeração 30 à 36. Algumas perguntas foram retiradas, como pode ser visto no questionário anexado, por serem cabíveis para a pesquisa. As perguntas feitas a

⁵⁶ Salientamos que seguimos a numeração original do questionário do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira.

este grupo buscam identificar o que eles pensam sobre si, mas, principalmente, o que pensam, ou o que dizem pensar, sobre os indígenas.

4.3.3 Conversa livre

Para a pesquisa sociolinguística, quanto mais amostras do vernáculo⁵⁷ forem encontradas, mais precisos e sistemáticos serão os dados obtidos (LABOV, 2008). Como, através das respostas do questionário e leitura, teremos uma fala mais monitorada, a forma mais indicada de se obter o vernáculo é pela conversa livre, pois, nesta, o informante apresentará o estilo menos monitorado.

Para a conversa livre, seguiremos um roteiro de temas a serem narrados pelos informantes, assim, pedimos ao informante que nos conte um pouco sobre a sua história de vida, onde havia nascido e vivido, se ainda usavam muitos chás para curar doenças e demais questões que foram surgindo, dependendo do grau de participação do informante.

4.3.4 Caderno de campo

Como o vernáculo é encontrado em situações informais, observamos os falantes em seu contexto natural de fala, sem o uso de gravador, utilizando apenas um caderno para tomar notas sobre o comportamento linguístico apresentado. Sem o constrangimento do entrevistador, o falante tende a falar de forma mais natural, e, desta maneira, é possível observar a fala vernácula, superando o que Labov ([1972] 2008, p. 244), chama de *paradoxo do observador*, ou seja, a presença do entrevistador causa no informante um estado de auto monitoramento e constrangimento, e deve ser evitado nas pesquisas sociolinguísticas.

⁵⁷ Segundo Labov (1984, [1972] 2008) o vernáculo é definido como a maneira de falar que é adquirido em anos pré-adolescentes. O que se adquire a partir dessa idade é um estilo mais formal. Cada falante possui um vernáculo, ou seja, sua característica de fala que utiliza enquanto está em situações formais como em uma roda de amigos, com a família, durante um jogo de futebol, por exemplo. Ainda, nas palavras de Tarallo (1986) o vernáculo é a expressão de fatos linguísticos sem a preocupação de formular o que será dito.

4.4 PROCEDIMENTOS DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Para a presente dissertação, os dados coletados foram analisados segundo a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, sendo analisados e relacionados, conforme a figura 2 explicada no capítulo 4. Desta forma, relacionamos as respostas obtidas do informante TsGI-M com as respostas obtidas do informante TsGII-M, por exemplo, e procuramos compreender essa relação, através dos postulados teóricos e das características extralinguísticas. De acordo com Busse (2009) os condicionadores extralinguísticos (variável geracional sexual e nível social) podem atribuir formas e papéis diversos em cada contexto. Ou seja, iremos relacionar as respostas entre a idade do informante, a qual grupo pertence, seu gênero, para, assim, encontrarmos os melhores e mais detalhados dados.

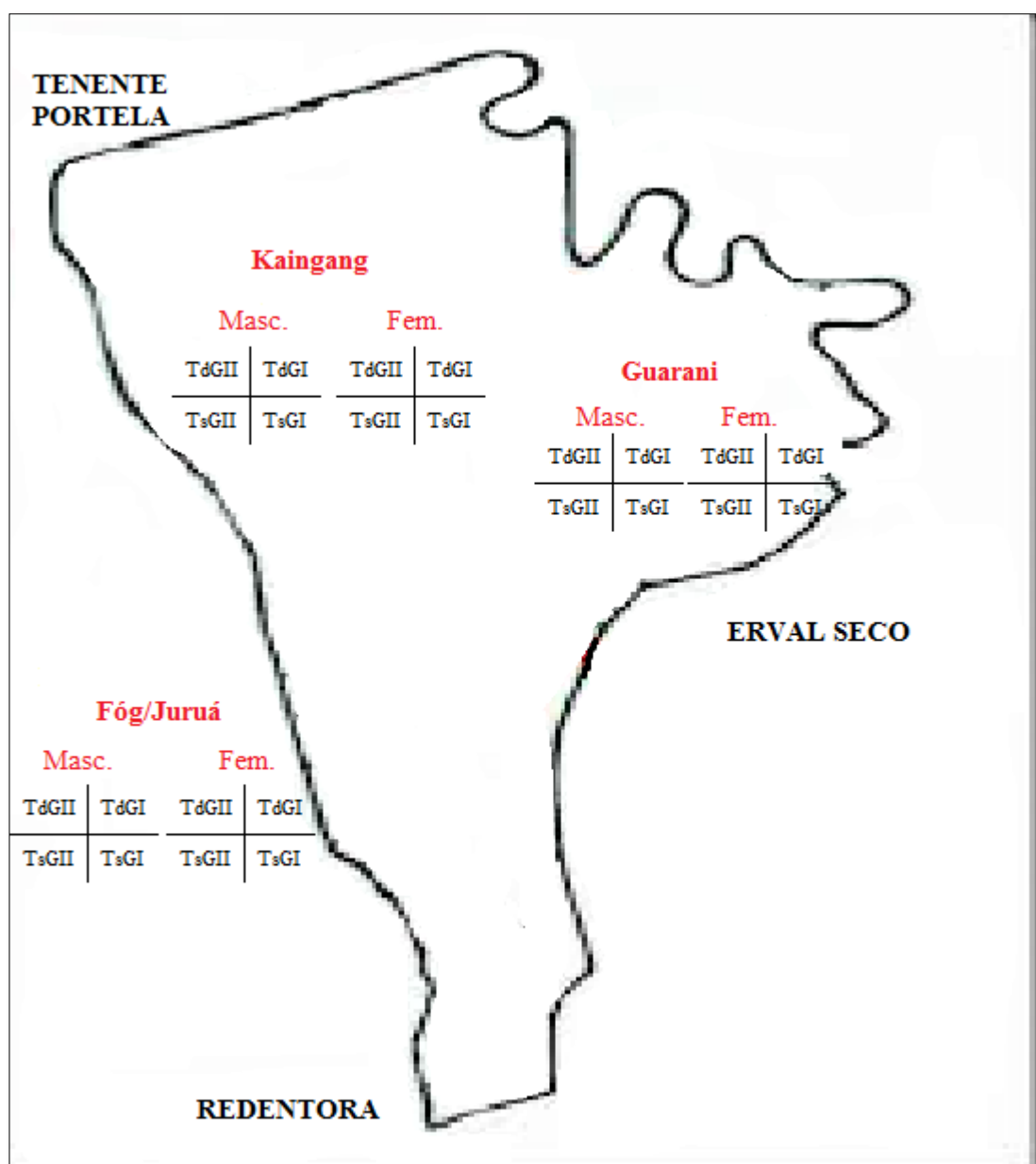
Como as perguntas aplicadas proporcionam respostas abertas, o primeiro passo foi a transcrição dos dados em tabelas. Seguidamente, elaborou-se a representação gráfica através de tabelas, quadros e da representação em cruz adaptada, conforme explicamos no capítulo anterior.

Quando fomos a campo, a intenção era analisar a dimensão diafásica. Contudo, muitos indígenas não leram nenhum dos textos, apenas identificaram a língua em que estavam escritos, ou nem isso. Simplesmente diziam que não sabiam ler, que não tinham ido para escola. Dessa forma, fica impossível de analisar essa dimensão. Contudo, vamos levar em consideração esse dado que obtivemos referente à leitura e alfabetização dos indígenas, além de informações obtidas na conversa livre, a qual também não será analisada, pois não foi possível desenvolver uma conversa com todos os informantes. Assim, tanto as análises da leitura dos textos e da conversa livre não foram exploradas por falta de quantidade de dados, além de tempo e espaço, mas serviram de apoio na interpretação dos dados analisados a partir do questionário.

Para explanação dos resultados, elaboramos quadros com os dados em forma de cruz, sendo que na cruz utilizamos a fonte *Kiel* símbolos, tendo seus significados organizados em forma de legenda. A primeira cruz, da esquerda para a direita, representa o grupo masculino, e a segunda o grupo feminino, como será apresentado na análise. Quando não tivermos resposta de algum informante para a pergunta analisada, a célula da cruz que o representa, estará sem nenhum símbolo. Ou seja, uma célula em branco, sem a presença de símbolo, significa que não temos a resposta desse informante.

Ainda, na análise diatópica organizamos alguns dados, na forma de cartogramas. Para essa cartografia, utilizamos o mapa da TIG adaptado e nele posicionamos os dados na forma da cruz, mais ou menos de acordo com a localização de cada um dos grupos. Desta forma, os dados que estão fora do mapa representam o grupo dos *fóg/juruá*; o mais centralizado e localizado dentro do mapa, representam o grupo dos Kaingang; e os dados mais à direita representam o grupo dos Guarani. Além do mais, a primeira cruz, da esquerda para direita, representa os dados do grupo masculino e a segunda do grupo feminino, conforme modelo abaixo:

Figura 6 - Modelo de Cartograma.



Fonte: Elaborada pelo autor (a) (2016).

5 ANÁLISE PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise de dados coletados por meio da pesquisa de campo, especificamente por meio do questionário, sendo complementado pelas informações apontadas no caderno de campo. Para tanto, organizamos as análises qualitativas em três grupos: Kaingang, Guarani e *fóg/juruá*, cada qual apresenta os resultados das dimensões **diastrática**, **diassexual** e **diageracional**, sendo que a dimensão **diatópica** será analisada em um tópico específico. Logo após a análise das demais, no plano da pluridimensionalidade e ao final, realiza-se o cruzamento e a relacionalidade dos dados de cada grupo.

Foram selecionadas 25 perguntas⁵⁸ pois, primeiramente não tínhamos tempo nem espaço suficiente para analisar todas, e por acreditar que as perguntas que selecionamos tratam das atitudes e crenças e também sobre o bilinguismo, ao passo que as que não foram selecionadas não contribuíram na análise da forma que precisamos.

Para organizar a análise dos dados procuramos elencar uma dimensão e a partir dela iniciar a análise relacionando-a com as demais dimensões que selecionamos para o trabalho. Em cada dimensão procuramos analisar as mesmas perguntas, sempre que possível, em cada um dos grupos. Algumas delas, porém, são trazidas de forma aleatória para completar o dado apresentado ou por existir uma ligação entre as informações.

Assim, na dimensão diastrática trazemos basicamente as perguntas 01, 04, 25, e 26. Na dimensão diassexual as perguntas 05, 06, 09, 08 e 10. E na dimensão diageracional, elencamos as perguntas 33, 34, 19, 13 e 32. Fomos traçando essa ordem pela forma como os dados iam se apresentando. As demais perguntas serão analisadas na dimensão diatópica.

5.1 KAINGANG












5.1.1 Análise a partir da dimensão diastrática

Como descrevemos e explicamos no capítulo 4, subitem 4.2.2. a dimensão diastrática representa, neste trabalho, os informantes topostáticos (Ts) e topodinâmicos (Td) e é a partir

⁵⁸ As perguntas analisadas são as seguintes: 01, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 23, 33, 34. Algumas perguntas não foram analisadas, pois não temos a resposta de todos os informantes. Com alguns informantes a entrevista teve que ser feita de forma breve, e devido a isso não realizamos algumas perguntas. Em alguns casos, os informantes estavam adoentados ou estavam realizando alguma atividade não dispondo de muito tempo livre para a realização da entrevista.

dela que iniciaremos a análise dos dados. Vejamos as respostas dadas à pergunta número 01 do questionário, quadro abaixo:

Quadro 2: Pergunta 01: Que língua costuma falar em família?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Kaingang
					Português / Kaingang
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).








A partir do quadro 2, percebemos que entre os quatro informantes do grupo masculino não ocorre mudança entre os grupos Ts e Td, prevalecendo o uso de Português e do Kaingang, independente da geração, pois, segundo os dados, todos disseram usar tanto o português quanto o Kaingang. Enquanto no grupo feminino, 3 disseram usar o português, duas informantes TsGI-F e TSGII-F e uma TdGII-F, e somente TdGI-F afirmou usar o Kaingang. A partir dos dados, fica visível um maior uso do português no grupo Ts, tanto na GI quanto na GII. Já no grupo Td F, a GII usa o português à medida que a GI usa o Kaingang. Dessa maneira, o fato de um grupo ser Td ou Ts parece não influenciar no uso de uma ou outra variedade.

Já na questão de gênero, o grupo masculino mantém mais a língua indígena em ambas as gerações, enquanto que o grupo feminino parece usar o português somente, pois as três informantes, TsGI-F, TSGII-F e TdGII-F, declararam que costumam falar o português, pois não aprenderam a falar o Kaingang, mas que entendem alguns vocábulos, como nos diz a informante TdGII-F: *“Eu falo o português, porque eu não aprendi o Kaingang, montá a língua, mas eu entendo assim, as palavra, só não consigo montá elas”*. Estes dados vão ao encontro do que nos diz Chambers & Trudgill (2004), de que as mulheres geralmente apresentam um maior uso da língua majoritária, no caso o português, do que os homens, e que são elas que normalmente iniciam a substituição linguística na comunidade (TRUDGILL, 2000; PILLER & PAVLENKO 2004).

Na pergunta 04, quadro abaixo, “Em que língua mais gosta de conversar? ”, obtivemos os seguintes resultados: dois informantes TdGII-M e TSGII-M afirmaram gostar de falar Português e Kaingang, e dois informantes, TsGI-M e TdGI-M, disseram gostar de falar mais o

Kaingang. Já no grupo das mulheres, três delas, TdGII-F, TsGII-F e TsGI-F, responderam que gostam de falar mais o português, e uma delas TdGI-F afirmou gostar de usar o Kaingang.

Quadro 3: Pergunta 04: Em que língua mais gosta de conversar?

Masculino	Feminino	LEGENDA	
			Kaingang
			Português / Kaingang
			Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os dados apontam que não há uma semelhança quando olhamos para os grupos Td e Ts, tanto masculino quanto feminino. Contudo, quando se trata da língua que mais gosta de conversar, percebe-se que para o gênero masculino, a GI gosta de falar o Kaingang, ao passo que a GII gosta de falar o português e o Kaingang. Podemos associar esse dado ao fato de que a GII, ao frequentar a escola, teve apenas o ensino da língua portuguesa, pois a língua indígena era proibida (MINDLIN, 2002, p. 109; LUCIANO, 2006 p. 124), ação essa que fazia parte da política integracionista a qual incentivava o abandono da língua indígena através do casamento com o não indígena (CLAUDINO, 2015, p. 48). A GI, por sua vez, viveu uma realidade diferente. Na escola, já se ensinava o Kaingang, devido à nova lei da Constituição de 1988, e, ao mesmo tempo, à luta pelos direitos indígenas foi vivenciada por essa geração. Na pergunta 10, “Como aprendeu o português?”, um dos informantes (TdGI-M) nos diz:

“Eu... foi bem difícil de ter o contato assim né, com a fala dos não indígenas, por causa que a escola onde eu estudei, até a escola onde eu estudei até terceira, antiga terceira série né, eu escrevia só em Kaingang. Então quando eu ia passar pra quarta série, aí que eu comecei a escrever em português e tentar falar em português”.

Já no grupo feminino, verifica-se maior tendência em usar o português, principalmente a GII. No caso da GI, a informante TdGI-F declara gostar de falar mais o Kaingang, enquanto que a informante TsGI gosta de falar o português. A informante TdGII-F nos disse: “*Eu falo o português... porque os meus pais não aprenderam, porque os avôs não ensinaram*”. Neste caso, percebemos que a opção entre uma ou outra língua não existe, pois tanto a informante TsGI-F como TsGII-F e TdGII-F não aprenderam o Kaingang, e, conseqüentemente, não ensinaram aos filhos.

Ao encontro do que nos diz a informante, a pergunta 25, do quadro a seguir: “Acha importante que os filhos aprendam Kaingang dos pais? Por quê?” teve as seguintes respostas:

Quadro 4: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam Kaingang dos pais? Por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Segundo os dados, todos os informantes acham importante ensinar a língua indígena para os filhos. Contudo, (por meio da observação) que muitos, apesar de responderem que acham importante, não ensinaram os filhos a falar ou, principalmente, não incentivam o uso da mesma. Quanto ao porquê ser importante ensinar a língua indígena, não obtivemos respostas significativas, já que simplesmente diziam que era importante. O informante TdGI-M comentou: “...*por causa que hoje, o último vestibular que saiu a pouco agora na UFSC a redação era em Kaingang... então não tem como deixar pra trás*”. Este dado nos revela a existência de uma crença, ou seja, uma forma de pensamento, uma maneira de ver e perceber o mundo e seus fenômenos (BARCELOS 2007 apud BOTASSINI, 2015, p.107) de que é importante ensinar o Kaingang aos filhos. Por outro lado, a atitude não se realiza, pois não se ensina, ou, como já mencionamos, não se incentiva o uso do Kaingang nas famílias.












Quando realizamos a pergunta 26 “Dizem que muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Kaingang). O que acha disso?” quatro informantes afirmam que acham ruim: TdGI-M, TdGI-F, TsGI-M e TsGII-M. A informante TdGII-F respondeu da seguinte forma: “*Eu acho que tinha que ter, eu acho que deveria aprender, pra eles valorizar mais a cultura da raça*”. Esse dado nos mostra que existe um pensamento, uma crença, de que a valorização da cultura indígena está ligada ao uso da língua indígena. Porém, o que discorre a informante TsGII-F sobre o que acontece com seus netos vai contra isso: “... *o dia que vão dar aula de Kaingang não querem ir na aula. Eu digo, se você não fala Kaingang você não é nada. Em certos lugares precisa saber*”. Desta forma, os dados apontam que os informantes acham importante ensinar a língua indígena; que é ruim os jovens não usarem mais a variedade, mas não há atitudes das famílias que busquem a manutenção e promoção da língua indígena. Se, conforme Aguilera (2008, p. 106), a atitude vai mostrar a direção de uma mudança linguística,

diante deste dado, o bilinguismo indígena na TIG está ameaçado. A necessidade de dominar a língua portuguesa, por uma questão de adaptação e sobrevivência (KONDO & FRAGA, 2013) faz com que essa, a língua majoritária, ganhe espaço por ter mais prestígio; e a língua minoritária, no caso, o Kaingang, sofra com a negação de seus falantes (KRUG, 2004, p. 10).

5.1.2 Análise a partir da dimensão diassexual

A partir da dimensão diassexual, ou seja, do gênero masculino e feminino, analisamos a pergunta 5: “De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou o português?”

Quadro 5: Pergunta 05: De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou o português?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Kaingang
					Português / Kaingang
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No grupo masculino, TdGII-M, TsGII-M e TsGI-M disseram que costumam falar o Kaingang e o português, ao mesmo tempo que o informante TdGI-M afirmou que costuma falar mais o Kaingang. No caso das mulheres, TdGII-F, TsGII-F e TsGI costumam falar mais o português e a informante TdGI-F costuma falar mais o Kaingang.

Novamente, verifica-se que no grupo masculino a maioria fala o português e o Kaingang, principalmente na GII. No que tange ao grupo feminino de uma forma geral, as mulheres costumam falar mais a língua portuguesa, tendo maiores índices na GII. No caso do grupo masculino, os informantes Ts apresentam uma uniformidade no uso do português e do Kaingang. A mesma uniformidade ocorre com o grupo Ts feminino, contudo, segundo os dados, esta uniformidade está mais voltada para o falar português.

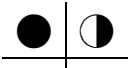
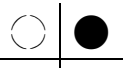

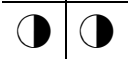
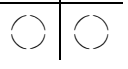


Dois informantes do grupo TdGI, um masculino e outro feminino, afirmaram que costumam falar mais o Kaingang. Ambos os informantes frequentaram escolas nas quais se ensinava o Kaingang. O informante masculino soube ler textos na língua portuguesa e Kaingang, enquanto que a informante feminina leu o texto em língua portuguesa e reconheceu os textos em Kaingang, mas não fez a leitura dos mesmos.

Por outro lado, o que pode levar os informantes a declararem que falam as duas línguas é o fato de haver um grande contato com os *fóg*, seja dentro ou fora da TI, como nos diz o informante TsGI-M: “*Uso mais Kaingang. Mas quando saio é mais português... os dois*”. Da mesma forma, o informante TdGI-F diz que: “*Mais é o Kaingang. Eu só falo o português com quem não sabe mesmo falar o Kaingang sabe, daí a gente se obriga a falar o português né*”. No que se refere à dimensão diasssexual, os homens falam mais a língua indígena quando comparados com as mulheres, por serem mais conservadores quanto às inovações e normas de prestígio, corroborando com o que diz Chambers & Trudgill (2004) a respeito das mulheres serem mais inovadoras às formas de prestígio.

Uma questão que podemos considerar na dimensão diasssexual é um comentário feito pela informante TsGII-F, de 96 anos, de que seu pai já não era índio puro, visto que era filho de um Argentino e de uma índia, conseqüentemente, ele não falava o Kaingang. Contudo, casou-se com uma índia pura, que, quando falava o Kaingang, era repreendida pelo marido. Assim, a própria informante diz que ela não aprendeu o Kaingang porque o pai não deixava a mãe ensinar aos filhos a língua indígena. Isso demonstra que a língua majoritária, quando dominada pelo homem, tem um poder de imposição reforçado, ainda mais se considerarmos o período em que esse fato ocorreu, pois, no passado, buscava-se civilizar os índios, obrigando-os a falar o português. Esse caso, mostra também os efeitos dos casamentos interétnicos, incentivo da política integracionista (CLAUDINO, 2015, p. 48).

A pergunta 06, vai de encontro ao que obtivemos de respostas na pergunta 5, “Quando vem visita, que língua prefere usar?”, quanto às preferências de uso das variedades linguísticas. Temos os seguintes resultados: um informante TdGII-M afirmou que prefere usar o Kaingang; os demais, TsGII-M, TdGI-M e TdGI-M, disseram que preferem usar o português e o Kaingang. No grupo feminino, três informantes afirmam que preferem usar o português, TdGII-F, TsGII-F e TsGI-F, enquanto uma delas, TdGI-F, prefere usar o Kaingang com as visitas.

Quadro 6: Pergunta 06: Quando vem visita, que língua prefere usar?

Masculino	Feminino	LEGENDA	
			Kaingang
			Português / Kaingang
			Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados mostram que o grupo feminino lidera a preferência pelo português tanto na GI quanto na GII, sendo que apenas o informante TdGI-F prefere o Kaingang. Já no grupo masculino, a preferência pela variedade indígena e portuguesa se faz presente, tendo uma maior inclinação para o uso do Kaingang, o que comprova que o homem é mais conservador comparado às mulheres. O que convém ressaltar é que, novamente, os informantes explicam que falam a língua que o outro (a visita) for usar, como nos diz o informante TsGII-M:

“Por exemplo, se ele puxar na língua português, eu sou obrigado a falar com ele na língua português, e se ele puxar na língua Kaingang eu sou obrigado a falar Kaingang, né, porque... respeitando as pessoas né, que chegam conversar com a gente”.

Da mesma forma, o informante TdGI-M corrobora:

“Ai depende né, porque hoje nós temos hoje bastante índios Kaingang né, que fala o português diariamente né, então se chega esse pessoal, a gente conversa com ele em, em português no caso né, daí se ele chega falando Kaingang a gente conversa em Kaingang”.

Esses dados revelam que o grupo masculino parece preocupar-se em adequar sua variedade linguística ao outro em uma espécie de acordo linguístico obrigatório para que a comunicação entre ambos ocorra. O que também se subentende é que, de uma forma geral, são os indígenas que se adaptam a falar o português, que nenhum indivíduo *fóg* chega até eles falando a variedade indígena. Isso ficará evidente quando apresentarmos os dados coletados no grupo *fóg/juruá*, no capítulo 5.3.

Todavia, o português está bastante presente no cotidiano indígena, de acordo com as respostas à pergunta 09: “Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang/ Guarani, mas insistia em só falar português?”.

Quadro 7: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang/ Guarani, mas insistia em só falar português?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Obtivemos os seguintes resultados: 4 informantes masculinos declararam que já ocorreu de estar com alguém que sabia a língua de casa/ Kaingang, mas insistia em falar em português e 3 informantes do grupo feminino afirmaram o mesmo. Uma delas, TsGII-F, disse que isso nunca aconteceu com ela.

Podemos considerar que praticamente todos os informantes afirmaram que passaram pela situação de estarem com alguém que sabia falar o Kaingang, mas insistia em falar o Português, pois o informante TsGII-F esclarece *“Não, só a minha família que não sabe falar o Kaingang”*. Na conversa inicial que tivemos com essa informante, ela nos disse que as famílias Sales e Ribeiro não falam a variedade indígena, e relatou também que suas noras, índias puras, não ensinaram o marido nem os filhos a falar Kaingang, mas que sua filha, que se casou com um índio puro, aprendeu a falar Kaingang e os filhos do casal também. Isso mostra que a língua que o homem usa vai ser adotada pela família, dentro deste grupo.

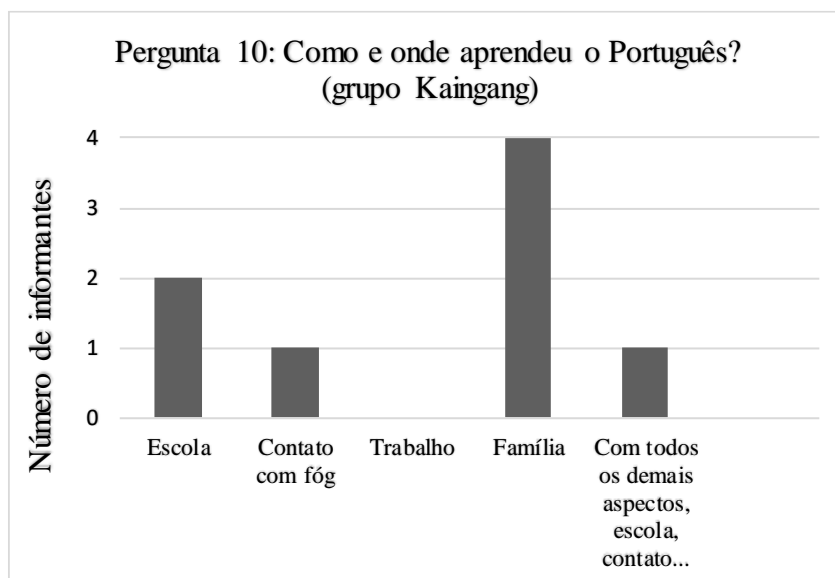
Quando questionamos os informantes (pergunta 08) “O que acha das pessoas que só falam português e nunca a sua própria língua de casa Kaingang/Guarani?”, o informante TdGI-M diz que:

“Eu, pra mim é uma desvalorização no caso daí, porque mesmo sabendo porque hoje tem alguns colegas também né mesmo eles sabendo falar, eles entendem tudo, mas eles falam que não entendem. Então, por que hoje em dia a nossa língua Kaingang é vista como uma língua feia né”.

Isso demonstra que a língua com maior prestígio e *status*, a variedade do português, se sobressai, e o Kaingang é visto como língua feia, uma crença que pode interferir na manutenção da língua indígena.

Ainda a respeito da língua portuguesa, levantamos dados sobre como ela é aprendida pelos informantes, por meio da pergunta 10 do questionário, sendo que foram obtidos os seguintes resultados, como podemos visualizar no gráfico seguinte:

Gráfico 1: Pergunta 10: Como aprendeu o português? (Grupo Kaingang)



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Segundo o gráfico, quatro informantes declararam que aprenderam a língua portuguesa com a família: TdGII-F; TsGI-F; TsGII-M e TsGII-F. Sendo este o número mais expressivo de respostas, podemos dizer que a língua portuguesa é falada na maioria das famílias, e que foram os informantes do grupo feminino (três de quatro) que aprenderam o português no grupo familiar. Ocorre também um aparecimento maior do grupo Ts e da GII neste dado, o que significa que o português é aprendido dentro da TIG nos núcleos familiares, principalmente para o grupo feminino TsGII.

Dois informantes declaram que aprenderam na escola: TdGI-M e TdGI-F, o que nos leva a crer que, para parte da GI do grupo Kaingang o primeiro contato com o português foi na escola. A maioria da GII, TdGII-F, TsGII-M e TsGII-F, não aprendeu o português na escola, e sim com a família, principalmente o grupo Ts feminino. O informante TsGI-M afirmou que aprendeu com tudo, com a família, com a escola, com o contato e o informante TdGII-M aprendeu com o contato com o *fóg*.

Os dados da tabela revelam que os informantes aprendem o português na família, na escola e no contato, nenhum deles indicou o trabalho como uma forma de aprender a língua do *fóg*, apesar de estar presente nas sugestões. Mas, é relevante mencionar que o trabalho realizado fora da TIG é um processo muito recente e provavelmente somente os indígenas que possuem uma boa fluência no português possuam vínculos empregatícios fora da TIG. Ou seja, ao alcançarem a idade para trabalhar os indígenas já possuem domínio na língua

portuguesa, por já terem aprendido quando criança ou jovem enquanto estavam na escola e na presença da família.

5.1.3 Análise diageracional

Ao realizar as análises, inicialmente, a partir da idade de nossos informantes Kaingang, seguimos com a pergunta 33: “Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?”:

Quadro 8: Pergunta 33: Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Obtivemos os seguintes dados: um informante TsGII-M disse que quando fala o português não mistura com a língua indígena; três deles TdGII-M, TdGI-M e TsGI-M, afirmaram que misturam o português com a língua indígena. No grupo feminino, com a informante TsGII-F não obtivemos resposta, enquanto que as demais, TdGII-F, TdGI-F e TsGI-F, disseram que quando falam o português misturam com a língua indígena.

Assim, no que se refere à geração, destacamos que a GI do grupo masculino e feminino, de forma geral, afirma que mistura a língua indígena. Da mesma maneira, em ambos os grupos, Td masculino e feminino, ocorre essa generalização da mistura do português com a língua indígena. Temos o informante TsGII-M que afirmou não haver mistura, e TsGI-F não soube responder. Não tivemos nenhum exemplo de palavras, mas percebemos durante o contato realizado, constando, no caderno de campo, que muitos informantes não usam o termo “não indígena” e sim *fóg*.

Na pergunta 34: “Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?” temos os seguintes dados, apresentados no quadro seguinte:

Quadro 9: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
●	●	●	●	●	Sim
○	○		●	○	Não

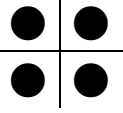
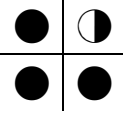



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No grupo masculino, dois informantes, TdGII-M e TdGI-M, disseram que quando falam a língua indígena misturam com o português. Os outros dois, TsGII-M e TsGI-M, disseram que não misturam. No grupo feminino, as informantes TdGII-F, TdGI-F e TsGI-F disseram que quando falam, misturam a língua indígena com o português. Para a informante TsGII-F não tivemos resposta.

Nesses resultados, a geração não apresenta a mesma uniformidade nos encontrados na questão 33. Aqui, apenas a GI do grupo feminino afirma que quando fala a língua indígena mistura com o português. Essa mesma uniformidade se faz presente no grupo Td, tanto masculino como feminino, onde esses afirmam que quando falam a língua indígena misturam com o português. Já o grupo Ts masculino, GI e GII, afirmam que não existe mistura. Contudo, prevalece a resposta de que ocorre mistura entre as línguas, perante a análise das perguntas 33 e 34, ou seja, existe o *Code Switching* e *Code Mixing*, fenômenos estes associados ao bilinguismo, e que só ocorrem, principalmente o *Code Switching*, quando o falante possui um bom domínio em ambas as línguas. Devido à falta de tempo e espaço, não podemos trazer aqui exemplos dessa mistura, apenas apresentamos as respostas dados pelos informantes.

Retomando o termo *fóg*, percebemos que ele é um termo que gera o *Code Switching*, segundo os dados da pergunta 19, quadro abaixo: “Como chamam as pessoas que não são de origem indígena?”

Quadro 10: Pergunta 19: Como chamam as pessoas que não são de origem indígena?

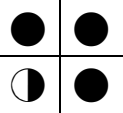
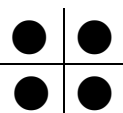



Masculino	Feminino	LEGENDA
		 Fóg (para os Kaingang)
		 Branco (e termos semelhantes)
		 Outro termo

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Todos os informantes, praticamente, usaram o termo *fóg*; apenas TdGI-F usou o termo “*kupri*”. Mesmo aqueles que dizem não falar o Kaingang conhecem e usam o termo.

Além de gerar o *Code Switching*, o termo mostra que existe aí uma questão de identidade indígena, do outro que é diferente de mim e do meu povo. Mesmo que eu não fale a língua indígena, eu me reconheço como indígena, o que é comprovado pela pergunta 13: “Como se sente: mais índio ou mais gaúcho?”

Quadro 11: Pergunta 13: Como se sente: mais índio ou mais gaúcho?

Masculino	Feminino	LEGENDA
		 Índio
		 Gaúcho
		 Os dois

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

De modo geral, todos os informantes Kaingang se sentem mais indígenas; apenas o informante TsGII-M disse que se sente gaúcho e índio. Juntamente com esse dado, associado ao fato de todos os informantes utilizarem o termo *fóg*, mesmo àqueles que não falam o Kaingang, fica evidente que a identidade indígena desses informantes se constitui no outro, ou seja, do grupo ao qual eu não pertencço, do que não sou, daquilo que eu me diferencio e não apenas de quem eu sou (TABOURET-KELLER, 1998; KRUG, 2004). Além disso, mesmo aqueles que não sabem falar o Kaingang se identificam como índio, mostrando que a língua indígena nem sempre é um fator de pertencimento a um grupo étnico, como afirma Fishman (2007).

O contexto parece influenciar na variedade, pois quando questionamos os informantes (pergunta 30) “Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? No mercado, nas lojas, no sindicato, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, no posto de gasolina e

no trabalho (venda de artesanatos)”, cinco informantes - TdGI-M, TdGII-M, TsGI-M, TsGII-M e TdGI-F - afirmaram que se estão com a família ou conhecidos, falam em Kaingang, e no mercado, por exemplo, ao chegarem no caixa para pagar o produto, falam em português. Três informantes, TdGII-F, TsGI-F TsGII-F, disseram que só falam em Português. Esse dado demonstra que as relações interétnicas se realizam na língua portuguesa. Destacamos a fala da informante TsGII-F: *“Falo só o português, sou índia mas não falo o idioma”*, confirmando o que diz Fishman (2007).

De acordo com a pergunta 32: “Em que situações você fala a língua indígena e em que a língua portuguesa”, aqueles que falam o Kaingang procuram falar essa língua em seus lares, em reuniões; e o português, quando em contato com o *fóg*. Pode ser também, uma estratégia perante o outro, pois, segundo um dos informantes, quando não querem falar sobre um assunto que é pertinente ao povo Kaingang, a língua indígena é utilizada:

“Se tu vê que em uma ocasião o pessoal não tá entendendo, ou se tu quer falar só com teu povo, eu né, se eu quiser trazer essa informação só pro meu povo pros fóg não ficar sabendo, porque tem momentos que você precisa falar só com o teu povo e os fóg não precisa tá sabendo, acho que é assim”.

Feita a análise de todos os dados deste grupo, verificamos que o grupo masculino, Td ou Ts, GII e GI preserva e usa mais a língua indígena, portanto, é bilíngue. No caso das mulheres, verificou-se que no grupo Ts GII e GI, usam somente o português, juntamente com a informante TdGII-F. Apenas uma delas, TDGI-F, mantém a língua indígena. Além disso, todo o grupo masculino, de uma forma geral, usa o Kaingang e o português, enquanto que no grupo feminino prevalece o uso do português. Na presença de visitas, os homens vão adequar a variedade de acordo com a visita, ou seja, se for Kaingang fala Kaingang, se for *fóg* fala a língua dos *fóg*. Já as mulheres irão falar apenas o português, exceto a informante TdGI-F.

Ainda, todos os informantes acreditam ser importante ensinar a língua para os filhos, mesmo para aqueles que não sabem falar o idioma, termo utilizado por alguns informantes. Contudo, grande parte dos informantes aprende o português na família, principalmente a GII masculino e feminino, seguido da escola e do contato com os não indígenas, como nos diz a informante TdGII-F *“Mais com os pais porque eu tive pouco tempo de escola”* e também o informante TsGII-M: *“Entre a família né, e a comunidade”*

A maioria dos informantes afirma que quando fala o português mistura com a língua indígena, em um total de seis informantes, e, quanto à mistura entre a língua indígena e português, a maioria, novamente, afirma que mistura, sendo 5 informantes em um grupo de 8.

Todos os informantes se consideram indígenas e todos souberam qual o termo Kaingang utilizado para se referir ao não indígena. Além disso, a maioria afirma que já esteve com indígenas que sabiam falar o Kaingang, mas insistiam em falar o português.












Nas relações fora da TIG, ou seja, em mercados, lojas, restaurantes e outros, os informantes que falam o Kaingang afirmam que entre a família e conhecidos usam o Kaingang e com os atendentes *fóg*, usam o português. Os informantes que falam só o português usam essa variedade dentro e fora da TIG.

5.2 GUARANI

5.2.1 Análise a partir da dimensão diastrática

Cabe aqui lembrar que a dimensão diastrática adotada para a presente pesquisa, será as relações entre os grupos topostáticos e topodinâmicos. Nesse sentido, daremos sequência às nossas análises a partir da pergunta 01: Que língua costuma falar em família?

Quadro 12: Pergunta 01: Que língua costuma falar em família?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Guarani
					Português / Guarani
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

É possível identificar que no grupo masculino, temos dois informantes TdGII-M, TdGI-M, que falam o português, enquanto dois informantes TsGII-M e TsGI-M, falam mais o Guarani. No grupo feminino, duas informantes afirmam que falam apenas o português, TdGII-F e TdGI-F; e as outras duas TsGII-F e TsGI-F falam mais em Guarani.

A partir dos dados é possível perceber que o grupo Td fala de forma geral o português e o grupo Ts mais o Guarani. Vale apontar também que, conforme os dados, não ocorrem mudanças na dimensão diassexual e diageracional, pois tanto os informantes TdGII-M e TdGI-M quanto as informantes TdGII-F e TdGI-F falam o português. Da mesma maneira, os informantes TsGII-M, TsGI-M e as informantes, TsGII-F e TsGI-F falam, por sua vez, o Guarani.












O maior uso da variedade Guarani pelo grupo Ts se explica pelo fato de haver pouco contato com o *juruá*. Durante as conversas que tivemos com esses informantes, ficou claro, que vão pouco para a cidade, além de não possuírem rádio e assistirem poucos programas de televisão. Contudo, os informantes TsGI dizem que os filhos gostam de assistir televisão.

O grupo Td usa de forma geral o português. Esse grupo de informantes vivia, inicialmente, em outro setor, na Capoeira dos Amaros. Este setor fica mais próximo aos indígenas Kaingang, fato esse que pode ter levado os informantes a utilizarem mais o português, pois segundo Grosjean (1982, p. 33 e 34) quando existe mais de uma língua local ou regional e uma língua nacional, a língua nacional pode ser utilizado na comunicação entre os grupos, o que leva a um estado de bilinguismo. Acrescido à questão do processo de aculturação que os indígenas sofrem, e sofreram, o português acabou se tornando a língua do grupo. Já o grupo Ts, por viver desde sua chegada no Gengibre e este ser o setor mais distante do centro, preserva mais sua língua, pois segundo Trudgill (1974 apud TRUDGILL, 2000) as inovações linguísticas seguem um padrão de hierarquia da cidade maior para a menor, até chegar ao campo e às vilas menores.

No que se refere à dimensão diasssexual, os grupos masculino e feminino apresentam grandes semelhanças, bem como na dimensão diageracional. No grupo masculino o informante TdGII-M afirma usar o português, e no grupo feminino a informante TdGII-F disse que fala o português e o Guarani. Na GI, tanto o informante masculino quanto feminino, usam o português. Já o informante TsGII-M e a informante TsGII-F falam o Guarani bem como os informantes masculino e feminino da GII. Ressaltamos que a informante TdGII-F que afirmou falar o português e o Guarani, disse na entrevista que os pais eram Guarani e que ela também é; que seu marido sabe umas palavras, mas não foi ela que ensinou, que ele aprendeu com outras pessoas. Altenhofen (2002, p. 08) destaca que, no caso de casamentos exogâmicos, nos quais marido e esposa são de grupos linguísticos diferentes, pode-se falar em língua paterna e materna, já que as crianças se tornam fluentes em ambas as línguas, sendo uma delas por parte do pai. No processo sócio histórico dos grupos indígenas, a língua imposta foi o português e a língua indígena proibida, pelo SPI (MINDLIN, 2002, p. 109; LUCIANO, 2006 p. 124), o que provoca nos pais uma atitude excludente de não ensinar a língua indígena para que os filhos não sofram, como os pais sofreram (ALTHENHOFEN, 2002. p. 18)

Na pergunta 04 feita ao grupo Guarani: “Em que língua mais gosta de conversar” os dados encontrados foram os seguintes:

Quadro 13: Pergunta 04: Em que língua mais gosta de conversar?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Guarani
					Português / Guarani
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A partir do quadro 2, vemos que dois informantes do grupo masculino, TdGII-M e TdGI-M, gostam de conversar em português e os outros dois, TsGII-M e TsGI-M, gostam mais de conversar em Guarani. No grupo feminino, uma informante, TdGII-F, disse que gosta de conversar em português e guarani, uma delas, TdGI-F, gosta de conversar em Português e duas delas, TsGII-F e TsGI-F, gostam de conversar em guarani.

Desta forma, percebemos que no grupo masculino o grupo Td gosta de conversar em português e o grupo Ts mais em Guarani. Todavia, os informantes Td não sabem falar o guarani, mas compreendem algumas palavras e expressões na língua, como nos disse o informante TdGI-M:

“Olha na minha família mais é o português né que, porque a minha esposa também é branca, não fala a língua e, até mesmo eu, conheço bastante da língua, só eu não so que nem a Teresa digamos né assim, se criou né. Aí a gente tem um pouco de dificuldade, mas a gente....”.

Da mesma forma, o informante TdGII-M nos diz: *“Português, mal e mal eu sei o Guarani”*. Além do fato de possuírem maior mobilidade, o casamento interétnico é um fator que colabora para que a cultura e a língua indígena percam espaço quando em disputa com a língua e cultura do *juruá*.

Já o grupo Ts gosta de usar mais o Guarani, em ambas as gerações. Os dois informantes TsGII-M e TsGI-M falam e compreendem o português, mas o usam somente quando estão na presença de um *juruá*. Novamente, o fato de possuir menor mobilidade e contato com o *juruá* faz com que esse grupo mantenha mais a língua indígena.

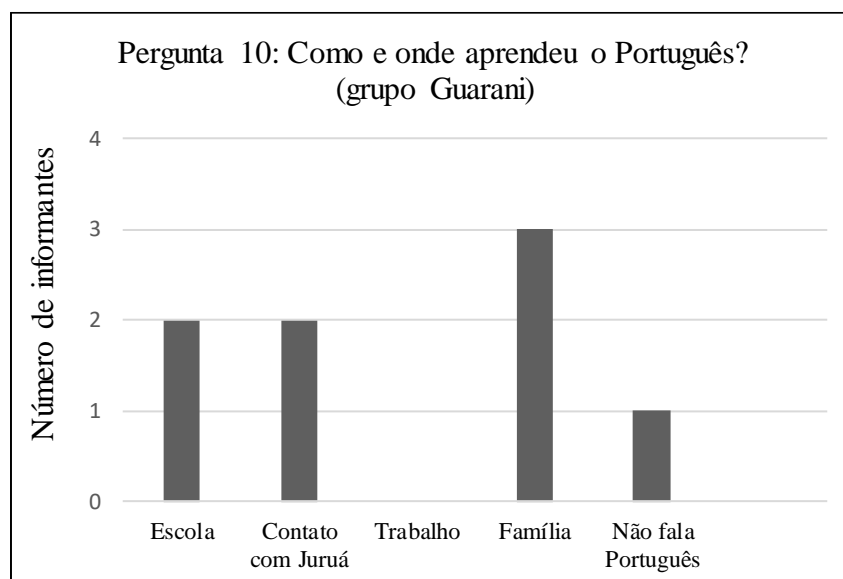
No grupo feminino, o grupo Td, de uma forma geral, também gosta mais de conversar em português, uma vez que a informante TdGII-F disse que gosta de conversar em português e em guarani, e a informante TdGI-F também prefere conversar em português, pois segundo ela, sabe bem pouco da língua guarani. Neste caso, as duas informantes são casadas com

juruá, mostrando, novamente, que no casamento interétnico entre indígenas e *juruá*, prevalece o uso e domínio da língua portuguesa.

O grupo Ts por sua vez, gosta de usar mais o Guarani, sendo que a informante TdGII-F não fala português, só o Guarani, e a informante TsGI-F fala o português e o Guarani. Esse dado vai ao encontro do que já fora dito sobre a cultura Guarani, na qual cabe ao homem o domínio do português e do espanhol para manter a comunicação com as demais sociedades, enquanto que as mulheres e crianças falam a língua nativa.

Assim, o grupo Ts tanto masculino ou feminino, GII ou GI, gosta mais de falar em Guarani, enquanto que o grupo Td, seja masculino ou feminino, GII ou GI, gosta de falar em português em sua maioria. Quando questionados sobre como aprenderam o português, pergunta 10, os informantes nos deram as seguintes respostas:

Gráfico 2: Pergunta 10: Como aprendeu o português? (Grupo Guarani)



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Dois informantes, TsGI-M e TsGI-F, disseram que aprenderam na escola. Outros dois, TsGII-M e TdGII-F, aprenderam através do contato. Três informantes relatam que aprenderam com a família, TdGI-M, TdGI-F e TdGII-M e uma informante, TsGII-F, não aprendeu o português, como dito anteriormente.

Os dados do gráfico mostram que para a GI do grupo Ts, a escola foi o local de aprendizagem da língua portuguesa e lá, não se trabalhava o Guarani, como atualmente. Já para os informantes TsGII-M e TdGII-F, que não frequentaram a escola, a forma pelo qual

aprenderam o português foi o contato com os *juruá*, mais especificamente, quando trabalhavam como empregados para os *juruá*. Três informantes nos disseram que aprenderam com a família, TdGI-M, TdGI-F e TdGII-M. Destes, dois pertencem ao grupo TdGII e um ao TdGI, o que revela que o português é aprendido na própria comunidade e falado em alguns núcleos familiares. Por outro lado, fica evidente que no grupo Ts fala-se o Guarani no núcleo familiar. Um exemplo disso é a informante TsGII-F, que só fala Guarani e nunca aprendeu o português.

Para essa informante, bem como o informante TsGII-M, a chefe da aldeia nos auxiliou nas entrevistas, que foram feitas de forma simultânea. Ela nos revelou que, se por ventura, aparecesse um *juruá* na aldeia e sua mãe estivesse sozinha, ela não receberia a pessoa e ficaria no interior de sua casa. Quando a informante vai à cidade para receber a aposentadoria, recebe ajuda de alguém da família que sabe falar português.

Os dados até o momento revelam que o grupo Ts preserva mais a língua que o grupo Td atualmente. Ao realizar a pergunta 25: “acha importante que os filhos aprendam o Guarani dos pais? Por quê?” Obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 14: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam o Guarani dos pais? Por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Todos os informantes, inclusive os que pertencem ao grupo Td, acham importante que os filhos aprendam o Guarani. Quanto ao por que ser importante, a informante TsGI-F relatou:

“Sim. Primeira palavra que eles aprenderam, Guarani. Sim, porque Guarani eu quero ensinar o Guarani, porque é muito importante pra nós, pra não perder nosso costume, perder nossa identidade né. Isso é importante falar Guarani. Então, tem que ensinar Guarani. Eu sempre ensino Guarani, sempre falo Guarani. Mas na escola já, eles aprenderam lá o que professor, dá aula pra eles. Então eu acho muito importante, pra eles aprender os dois”.

Através desse relato, é possível perceber que aprender e saber o português é uma necessidade, e que segundo Kondo; Fraga (2013) é uma questão de independência, os

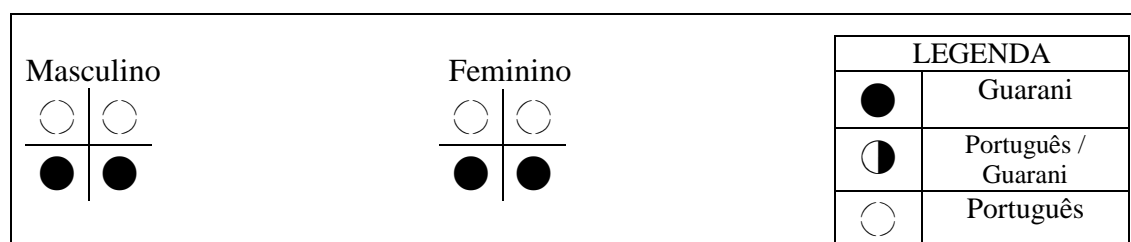
indígenas, independente do grupo que pertençam, necessitam saber o português para se defenderem, principalmente seus direitos e demais necessidades na sociedade do *jurua*.

Os informantes do grupo TdGI também ensinariam, e dizem: “*Eu acho, eu me cobro até hoje*” (TdGI-M), “*Se eu soubesse eu ensinaria*”(TdGI-F), mas não souberam dar respostas claras quanto ao fato dos jovens não falarem mais a língua dos pais, pergunta 26. Percebemos que no grupo Ts, durante as visitas que fizemos, os jovens falavam em Guarani com os pais, avós e irmãos.

5.2.2 Análise a partir da dimensão diassexual

Com base na dimensão diassexual, analisamos e relacionamos os resultados a partir do grupo masculino e feminino, observando semelhanças e diferenças encontradas nos dados. Inicialmente, analisamos a pergunta 5: “De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou o português?”:

Quadro 15: Pergunta 05: De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou português?



Fonte: Dados da pesquisa (2016).












É possível identificar que no grupo masculino, dois informantes TdGII-M e TdGI-M, falam o português, o que ocorre da mesma maneira no grupo feminino, no qual duas informantes TdGII-F e TdGI-F, afirmam que falam em português⁵⁹. Já os informantes masculinos, TsGII-M e TsGI-M, falam mais a língua Guarani, o que também ocorre com o grupo feminino, que de acordo com as informantes TsGII-F e TsGI-F falam mais o Guarani.

Assim, como apontam os dados, o grupo masculino e feminino Td, o português, tanto na GI como na GII. Já no grupo Ts, tanto o grupo masculino, quanto o feminino fala mais o Guarani, seja na GII ou na GI (praticamente só falam Guarani). O informante TsGI-M afirma

⁵⁹ No grupo Ts, os informantes TdGII-M, TdGI-M e TdGI-F, falam somente o português pois não aprenderam o Guarani, enquanto que a informante TdGII-F aprendeu o português e Guarani, mas fala em português com sua família.

que usa o Guarani o tempo todo: “*De manhã, de tarde, de noite*”. Da mesma forma, o informante TsGII-M diz que fala o guarani o tempo todo, e as demais pessoas do grupo familiar também e somente usa o português quando vem alguém de fora falar o português. No grupo Td a informante TdGII-F falava mais o português, e menos Guarani. Contudo, seus filhos e esposo diziam que a mãe/esposa não fala Guarani com a família. Também, a própria informante diz que o marido só fala português e que as palavras que o marido conhece no Guarani aprendeu com outras pessoas. Quando questionada, (pergunta 06): Quando vem visita, que língua prefere usar? Ela nos diz que ao receber visitas, gosta de conversar em Guarani, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 16: Pergunta 06: Quando vem visita, que língua prefere usar?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Guarani
					Português / Guarani
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os demais informantes mantiveram a preferência pelas variedades que apontaram no quadro anterior. O que demonstra que temos dois grupos distintos, que convivem no mesmo setor, mas que usam variedades diferentes em seus núcleos familiares, pois esta é a forma de organização social desse grupo étnico, pequenos núcleos estruturados a partir da “família grande” (MARKUS, 2009, p. 20) constituída por um, ou mais casais juntamente com os filhos. Para Romaine (2000, p. 526-250 apud FAGGION, 2011 p. 115) manter a língua minoritária no ambiente familiar é decisiva para que não ocorra uma mudança linguística.

Ainda, os informantes TsGI-M e TsGI-F, afirmam que se a visita falar só em português (pergunta 07) eles falam o português com ela. Já o informante TsGI-M diz: “*se fala português, eu falo português. Se fala Guarani eu vou tentar entender, mas daí eu traduzo em português*”. A informante TsGI-F diz que “*Se falar Guarani, a gente se aperta um pouco*”. Desta forma, a língua portuguesa acaba se tornando a língua utilizada na comunicação entre os grupos, por ser a língua compreendida por ambos, e que o *juruá* também não tem domínio da variedade Guarani. Essas constatações se reforçam, diante dos dados do próximo quadro. Os informantes foram questionados: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua

língua de casa Guarani, mas insistia em falar só português? (pergunta 09). E obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 17: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Guarani, mas insistia em falar só português?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os dados apontam que três informantes, TdGI-M, TdGII-F e TdGI-F dizem que já estiveram com alguém que sabia falar o Guarani, mas insistiam em falar o português. Isso pode ocorrer, devido ao fato de que os informantes desse grupo não dominem a variedade indígena, e que, como dito anteriormente, ocorra uma adaptação, para que aconteça a comunicação. Ainda, pode ser que os próprios informantes façam isso, e por isso afirmam que já passaram por essa situação. Vejamos que entre o grupo Ts, a resposta foi o oposto, TsGII-M, TdGII-F e TdGI-F afirmam que isso nunca aconteceu, pois eles falam e compreendem o Guarani, o que demonstra que entre eles, a língua indígena se manteve. Dos informantes, TdGI-M e TsGII-M, não temos respostas.

Quando questionamos os entrevistados sobre o que achavam das pessoas que só falam o português e nunca sua própria língua de casa/Guarani? (pergunta 08), a informante TsGI-F diz: *“Eu não acho muito bom não. Porque a gente é Guarani, mas é, mas tipo, a gente não precisa falar em português. Isso que eu acho muito estranho também pra mim, as vez os Guarani vem aqui e fala português, a gente não precisa falar né”*. Ela diz que quando morou em outras aldeias indígenas, ela recebia visitas que sabiam falar o Guarani, mas insistiam em falar o português e que quando percebem que a pessoa sabe falar o Guarani e não está falando, ela insiste em falar o Guarani demonstrando que se identifica como um membro do grupo Guarani.

Já o informante TdGI-M diz:

“No momento eu digo assim, eu acho até difícil de falar, porque quem fala só o Guarani, quando chega outra pessoa que só fala o Guarani, ele vai se entender muito bem. Só que hoje no mundo que nós temos nessa, eu digo assim que não tem a língua e o pessoal de fora que vem mesmo, ele vai ter que aprender o português de uma maneira, pra poder se defender. Acho que tanto uma como a outra precisa né”.

Como não falante do Guarani, o informante se mostra preocupado com o fato de não saber o português, e mostra a necessidade de dominar essa língua para interagir com a sociedade de fora da TIG, que vai de encontro ao que diz Kondo & Hass (2013; 2014), de que hoje é necessário que os indígenas saibam falar o português.

5.2.3 Análise a partir da dimensão diageracional

Seguindo a análise de dados, buscamos agora dar mais atenção à idade de nossos informantes, analisando a pergunta 33: “Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?”:

Quadro 18: Pergunta 33: Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O quadro mostra que dois informantes do grupo masculino, TdGII-M e TsGII-M afirmam que quando falam o português não misturam com a língua indígena enquanto que os outros dois informantes, TdGI-M e TsGI-M, dizem que ao falar o português misturam com a língua indígena. No grupo feminino, duas informantes, TdGI-F e TdGII-F afirmam que não misturam e a informante TsGI-F disse que não mistura. Da informante TsGII-F não temos resposta.

No grupo masculino a GII tanto Td como Ts diz que não mistura. Por sua vez, a GI, seja do grupo Td ou Ts, afirmam que sim, que ao falarem o português misturam com a língua indígena. Já no grupo feminino, a GII e GI do grupo Td dizem que não misturam, enquanto que a informante TsGI-F afirma que mistura o português com a língua indígena. Uma informante, TsGII-F, não soube responder. De uma forma geral, temos quatro informantes, TdGII-M, TsGII-M, TdGI-F e TdGII-F, que dizem que enquanto falam o português, não misturam com a língua indígena, ao lado de três informantes que dizem misturar TdGI-M e TsGI-M, TsGI-F.

Com um número mais elevado, a GII diz que não mistura, enquanto que a GI, em sua maioria diz que mistura o português com a língua indígena. Também não tivemos exemplos de palavras que sejam misturadas, mas novamente, percebíamos o uso da palavra *juruá* nas entrevistas e conversas que tivemos, além de sermos cumprimentados em Guaraní, com o termo *jaVY ju*.

Também questionamos os informantes, na pergunta 34: “Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?” e obtivemos os seguintes dados:

Quadro 19: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No grupo masculino dois informantes, TdGII-M e TdGI-M misturam a língua indígena com o português, e dois não misturam, TsGII-M e TsGI-M. No grupo feminino não temos resposta de duas delas, TdGII-F e TsGII-F. Já TdGI-F mistura, e, TsGI-F não mistura. Ou seja, temos três informantes que misturam, TdGII-M, TdGI-M e TdGI-F, e três que não misturam, TsGII-M, TsGII-M e TsGI-F.

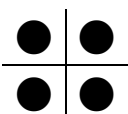
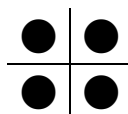



Dessa forma os dados mostram que no grupo masculino tanto a GII como a GI do grupo Td, misturam a língua indígena com o português, certamente pelo pouco domínio que possuem dela. Podemos chamar esse fenômeno de *Code Mixing*, que ocorre quando o falante está adquirindo um ou mais códigos. A ocorrência do *Code Mixing*, pode também revelar uma lacuna na competência linguística do falante (HAMERS & BLANC, 2004, p. 270). Os informantes do grupo Ts, GII e GI dizem não misturar a língua indígena com o português.

No grupo feminino, uma informante disse que mistura, TdGI-M. Em sua resposta ele explica: “*Quando tento falar, eu misturo*”. Isso confirma a existência de um *Code Mixing*, pois a informante busca elementos da língua Y para língua X, em todos os níveis desta língua X, mas o *Code Switching* também pode ser observado, uma vez que o *Code Mixing* pode ser incorporado do *Code Switching* (HAMERS & BLAN, 2004, p. 270) A informante TsGI-F, por

sua vez, não mistura a língua indígena com o português. Não temos respostas de duas informantes, TdGII-F e TsGII-F

Dentre o grupo Ts o termo *juruá* (não indígena) é bastante utilizado, o que gera o *Code Switching*, e quando realizamos a pergunta 19: “Como chamam as pessoas que não são de origem indígena? (na língua indígena e no português?)”, tivemos as seguintes constatações:

Quadro 20: Pergunta 19: Como chamam as pessoas que não são de origem indígena? (na língua indígena e no português?)

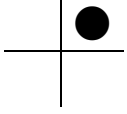
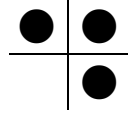



Masculino	Feminino	LEGENDA	
			Juruá (para os Kaingang)
			Branco (e termos semelhantes)
			Outro termo

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Sob todos os pontos, os dados mostram que de modo geral, os informantes utilizaram o termo *juruá* para se referir às pessoas de fora da terra indígena, inclusive aqueles que afirmaram não falar a variedade indígena Guarani Mbyá. Prova disso, é que em resposta dada à pergunta 31: “Quando você encontra um estranho fora da Terra Indígena em que língua você fala com ele”, a informante TsGI-F disse: “*Se for Juruá, eu falo em português... Se for índio: Aí eu falo em Guarani*”. Quanto ao termo utilizado em português, não conseguimos extrair esse termo através da pergunta, pois grande parte não entendia a questão.

Além de todos os informantes reconhecerem o significado de *juruá*, os dados da pergunta 13, quadro a seguir: “Como se sente mais? Índio? Gaúcho?” dão indícios de que o grupo se identifica como indígenas, mesmo sem falar a língua indígena

Quadro 21: Pergunta 13: Como se sente mais? Índio? Gaúcho?

Masculino	Feminino	LEGENDA	
			Índio
			Gaúcho
			Os dois

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O quadro acima nos mostra que de quatro informantes não temos a resposta e quatro deles, responderam que se sentem mais indígenas, sendo eles TdGI-M, TdGII-F, TdGI-F e TsGI-F. Desses quatro informantes, três deles TdGI-M, TdGII-F e TdGI-F disseram na pergunta 01 que falam o português em família, e uma informante, TsGI-F, respondeu que fala o Guarani. Esses dados confirmam o que diz Fishman (2007) de que a ligação entre língua e etnia é variável, pois para alguns a língua é o principal indicador de pertencimento a um grupo étnico, enquanto para outros a língua é um fator opcional.

Quando questionamos sobre em que situações você fala a língua indígena e em que situações fala a portuguesa (pergunta 32), o grupo Ts afirma que só usa o português quando vem o *juruá*. Já o grupo Td, de forma geral, usa o português. Por outro lado, quando questionamos a respeito da saída dos indígenas para a cidade (pergunta 30), quando vão ao mercado, nas lojas, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, no posto de gasolina, na venda de artesanatos, o informante TsGI-M explicou: *“Daí fala o juruá...tem pão, tem queijo... tem que falar português quando entra no mercado”*. A informante TsGI-F foi detalhista e explicou: *“Quando vai com duas pessoas eu falo em Guarani. Na cidade mesmo eu falo Guarani. Converso Guarani....Quando fala com a dona do mercado aí eu falo português”*. Isso revela, que nas relações intra-étnicas os indígenas usam a língua portuguesa para comunicação. O grupo Td consequentemente, fala o português. Nos comércios locais não verificamos a existência de pessoas que dominassem a língua indígena de nenhum dos grupos.

De todos os dados apontados, verifica-se que o grupo Td usa o português como língua de comunicação, sendo esta, de forma geral, a única variedade usada pelo grupo. Já o grupo Ts, usa a variedade Guarani em seu núcleo familiar, usando o português quando em contato com o *juruá*. Para o grupo Ts, a língua que mais gostam de usar é o Guarani.

O português foi aprendido ou adquirido na família pela maioria, três deles são do grupo Td, sendo que a informante TdGII-F aprendeu no contato (essa informante disse que sabe falar o Guarani, mas não fala com sua família). No grupo Ts, a GI aprendeu na escola, na GII, o informante masculino aprendeu com o contato, e a informante feminina não aprendeu o português.

Dos quatro informantes que responderam a pergunta 13, todos dizem se sentir mais índios, inclusive os que falam somente o português. Ainda, todos souberam qual é o termo utilizado na língua Guarani para se referir ao não indígena.

Assim, o grupo Td fala, de forma geral, o português e quando vêm visitas é essa língua que utilizam, dentro e fora da aldeia. Contudo, a informante TdGII-F afirma que quando

recebe visitas fala o Guarani. O grupo Ts, por sua vez, de forma geral usa sempre o Guarani, inclusive quando recebe visitas. Mas, se a visita for um *juruá*, falam a língua do *juruá*. O grupo Ts quando vai para a cidade, em mercados, lojas, restaurantes, entre a família e conhecidos, usa o Guarani e para negociar com o *juruá* fala o português.

Quanto ao *Switching*, quando falam o português, a GII do grupo masculino, TdGII-M e TsGII-M, afirmam que não misturam, assim como o grupo feminino Ts, GII e GI. Já os informantes GI do grupo masculino e a informante TsGI-F, dizem que misturam o português com o Guarani. Ou seja, de oito informantes, quatro dizem que não misturam. Quando falam a língua indígena, todo o grupo Ts afirma que não mistura com o português, e todos do grupo Td afirmam que misturam.












5.3 FÓG/JURUÁ

O foco do nosso trabalho está nos grupos indígenas, e é sobre eles que nos debruçamos para que possamos alcançar nossos objetivos. Contudo, os dados do grupo *fóg/juruá* nos ajudam a compreender como os indígenas são vistos e compreendidos pelo outro, por aquele que não faz parte do grupo indígena. Deste modo, apresentamos a seguir, as análises realizadas com os dados coletados no grupo *fóg/juruá*.

5.3.1 Análise a partir da dimensão diastrática

Da mesma forma como analisamos os grupos Guarani e Kaingang, iniciamos nossa análise partindo da dimensão diastrática, analisamos os dados coletados do grupo dos não indígenas, sendo a pergunta 01 a primeira a ser vista no quadro abaixo: “Que língua costuma falar na família? Que língua o índio costuma falar na família?”. Quanto a primeira parte da pergunta, o português aparece como forma unânime, falado em todas as famílias. A informante TdGII-F afirma que entende o italiano, mas para falar lhe faltam as palavras. Da mesma forma, a informante TsGII-F diz que entende, mas não fala, pois o italiano “se perdeu”. Esse dado mostra que o fato de viverem em colônias mistas, fez com que as gerações mais jovens deixassem de usar a língua de imigração usada pelos primeiros colonizadores da região.

Quadro 22: Pergunta 01: Que língua costuma falar na família? Que língua o índio costuma falar na família?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Língua Indígena
					Português / Língua Indígena
					Português












Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quanto a segunda parte da pergunta “Que língua o índio costuma falar na família?” o quadro anterior mostra que três informantes masculinos, TdGII-M, TsGII-M e TsGI-M, afirmam que os indígenas falam a língua indígena com a família. Um informante desse grupo, TdGI-M, disse que os indígenas falam o português e a língua indígena na família. No grupo feminino três informantes, TdGII-F, TsGII-F, TsGI-F, afirmam que os indígenas falam a língua indígena na família e uma informante, TdGI-F, afirma que os indígenas usam mais o português, mas complementa dizendo que acredita que os mais velhos falem a língua indígena.

O quadro deixa evidente que para os informantes (seis afirmações de um total de oito) dos grupos, Td masculino e feminino e Ts masculino e feminino, a língua que os indígenas usam em família é a língua indígena. Ocorre uma pequena diferença na GI do grupo Td, masculino e feminino onde os informantes mencionam o português e a língua indígena TdGI-M, ou somente o português TdGI-F.

Seguindo a análise, vejamos a pergunta 04, quadro seguinte: “Em que língua você acredita que o índio mais gosta de conversar?”

Quadro 23: Pergunta 04: Em que língua você acredita que o índio mais gosta de conversar?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Língua Indígena
					Português / Língua Indígena
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

É possível identificar que no grupo Ts e Td, GII e GI dos informantes masculinos, afirmam que os indígenas gostam de conversar na língua indígena. Destacamos a resposta do

informante TdGII-M: *“olhando pra esses que ainda preservam, assim como temos família que já perderam esse contato com a língua, mais a gente sente que eles gostam de falar o Kaingang”*. Muitos dos informantes não indígenas, se referem aos indígenas como Kaingang, e alguns diziam desconhecer a existência dos Guarani na TIG. Era necessário esclarecer, logo no início da entrevista, que estávamos realizando uma pesquisa sobre os indígenas Guarani e Kaingang que vivem na TIG.

No grupo feminino, três informantes, TdGII-F, TsGII-F e TsGI-F, também acreditam que os indígenas gostam mais de conversar na língua indígena. A informante TdGI-F acredita que os indígenas gostem mais de conversar em português. Essa informante visitou a TIG uma vez. Tem um conhecido, mas ele vive, atualmente, na cidade, além de afirmar que não convive com pessoas da TIG. De todos os informantes, ela parece ser a informante com menor contato com os indígenas.

Quanto a pergunta 25: “Acha importante que os filhos aprendam Kaingang/Guarani dos Pais?” obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 24: Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam Kaingang/Guarani dos Pais?

Masculino	Feminino	LEGENDA
● ●	● ●	● Sim
● ●	● ●	○ Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Podemos ver no quadro que todos os informantes acham importante que as crianças falem a língua indígena, e em todas as respostas, é dito que a língua faz parte da cultura das comunidades indígenas.

“Ah sem dúvida, fico encantado quando vejo as crianças, ver que ali está se preservando um elemento forte da cultura deles que é a língua” (TdGII-M). *“Não só importante como essencial, pela questão de preservação da sua origem, da sua tradição, da sua cultura, para que isso se passe as gerações vindouras e...”* (TsGI-M). *Muito importante para conservar essa cultura para depois levar adiante para seus filhos e seus netos* (TdGII-F). *“Acho que é importante. Pois é preservar a cultura...”* (TsGII-F).

O mesmo aconteceu quando falamos sobre os jovens, na qual a perda da língua é visto como algo negativo:












“Como eles estão muito inseridos em escolas não indígenas no 2º grau, e aí o adolescente quer se unir a uma tribo igual a ele, ele não quer ser diferente, já é índio. Então não falando a língua, ele vai tá se igualando aos brancos. Ele começou a adquirir costumes dos brancos, inclusive do crack” (TsGI-F). “Quem sabe uma quebra de cultura deles né, que eu acho que eles tão convivendo tanto com os brancos que eles tão acabando pegando os costumes aqui da cidade né” (TdGI-F).

Esses dados refletem o que dizem as pesquisadoras Kondo & Fraga (2013) de que existe uma cobrança dos *fóg/juruá* para que os indígenas mantenham sua cultura e principalmente sua língua. Os dados ainda demonstram o que as mesmas pesquisadoras dizem a respeito da ideia de que se o índio não fala sua língua, ele deixa de ser indígena. Para o grupo dos *fóg/juruá* a língua identifica o grupo indígena, assim como verificamos na pergunta 29: “Se fosse dizer o que mais identifica um Kaingang/Guarani, diria que é o que?”, a língua aparece em primeiro lugar, seguida de hábitos e costumes e em terceiro, as características físicas.

5.3.2 Análise a partir da dimensão diassexual

A partir da dimensão diassexual, ou seja, análises feitas com base nos grupos masculino e feminino, analisamos a pergunta 5, quadro a seguir: “De modo geral, o índio costuma falar mais a língua indígena ou português?”

Quadro 25: Pergunta 05: De modo geral, o índio costuma falar mais a língua indígena ou português?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Língua Indígena
					Português / Língua Indígena
					Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O quadro nos mostra que no grupo masculino os informantes TdGII-M e TdGI-M afirmam que os indígenas falam o português e a língua indígena. E os informantes TsGII-M e TsGI-M dizem que é a variedade indígena que se fala na TIG. No grupo feminino, as informantes TdGII-F e TsGI-F afirmam que os indígenas usam a língua indígena, enquanto

que as informantes TdGI-F e TsGII-F dizem que é o português a língua que os indígenas falam.

No que tange a dimensão diassexual, no grupo masculino, a língua indígena aparece nas respostas de todos os informantes, mas acompanhado do português para os informantes TdGII-M e TdGI-M que pertencem ao grupo Td, enquanto que para a GII e GI do grupo Ts, aparece a língua indígena. No grupo feminino duas informantes afirmam que os indígenas falam o português, TdGI-F e TsGII-F, e as outras duas acreditam que se fale a língua indígena na TIG. Essas respostas não possuem uma uniformidade em Td ou Ts, nem em GI e GII. Apenas o grupo masculino e feminino TsGI compartilha da mesma resposta: língua indígena.

A resposta do informante TsGII-M: *“Eu acho que mais indígena, por que as crianças também já tem a maioria de professor indígena e fazem trabalhos em indígena e português”*. A importância da escola para a preservação da língua e cultura também aparece na fala dos informantes.

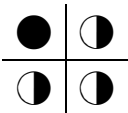
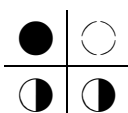



Nessa pergunta obtivemos uma descrição interessante sobre a TIG:

“É, dentro da TIG que é dividido em setores existe setores que são muito próximos a cidade, então a cultura da língua não é tão utilizada, principalmente pelos jovens né, que as vezes, tem até indígenas que falam mais a língua né devido ao contato diário com brancos na cidade. Mas em si também tem setores que são bem retirados, alguns povoados, mas mais acesso diário, então nesses setores, eles mantêm a cultura do Kaingang bem forte, inclusive em muitas reuniões que a gente trabalha com eles, visita, é feita a reunião em Kaingang, aí existe uma pessoa que traduz pra nós. Então os mais antigos preservam muito, tanto é que eles têm dificuldade em entender o português”.

Segundo ele, os setores de Bananeira, Laranjeira e Missão, são os que falam mais o Kaingang, no caso.

Para a pergunta 06: “Quando o indígena recebe visita, que língua ele prefere usar?”, os informantes nos deram as respostas que podemos verificar no quadro seguinte.

Quadro 26: Pergunta 06: Quando o indígena recebe visita, que língua ele prefere usar?

Masculino	Feminino	LEGENDA	
			Língua Indígena
			Português / Língua Indígena
			Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Conforme o quadro, vemos que um informante masculino TdGII-M afirma que o indígena prefere usar a língua indígena, enquanto três deles, TdGI-M, TsGII-M e TsGI-M afirmam que quando recebem visita, os indígenas usam o português e a língua indígena. No grupo feminino, a informante TdGII-F disse ser a língua indígena, enquanto que para a informante TdGI-F é o português que é utilizado. Para as informantes TsGII-F e TsGI-F as duas variedades, indígena e portuguesa, são utilizadas quando recebem visitas.

O grupo Ts de forma generalizada, tanto GII e GI, masculino e feminino, afirmaram que quando os indígenas recebem visitas eles preferem usar o português e a língua indígena. No grupo Td os informantes do grupo masculino, o informante TdGII-M, aponta a língua indígena, e o informante TdGI-M indicou o português e a língua indígena. Para o grupo feminino, a informante TdGII-F diz ser a língua indígena, mesma resposta dada pela GII do grupo masculino, já a informante TdGI-F disse ser o português a língua utilizada.

Para o grupo *fóg/juruá* pareceu ser uma pergunta bem abstrata, pois era preciso imaginar em que contexto essa visita ocorreria e quem era essa visita. Percebe-se pelas falas dos informantes:

“Eu acho que de acordo com a visita. Eu particularmente já visitei indígenas e conversaram comigo em português né. Mas entre eles, a gente observa que usam bastante a língua, sua própria língua” (TsGI-M). *“Com uma outra pessoa ele fala o português, mas com os deles ele fala continuar falando Kaingang, mesmo”* (TsGI-F). *“Eu acho que se for português é português né, se for Kaingang da mesma raça, acho que eles preferem Kaingang”* (TsGII-M). *“Entre indígenas eles falam a língua indígena, e se é branco eles falam a portuguesa”* (TsGII-F).

Perguntamos também (pergunta 09) “Já lhe aconteceu de estar com um índio que sabia o português, mas insistia em só falar a sua língua indígena Kaingang/ Guarani?” e tivemos as seguintes repostas:

Quadro 27: Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com um índio que sabia o português, mas insistia em só falar a sua língua indígena Kaingang/ Guarani?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

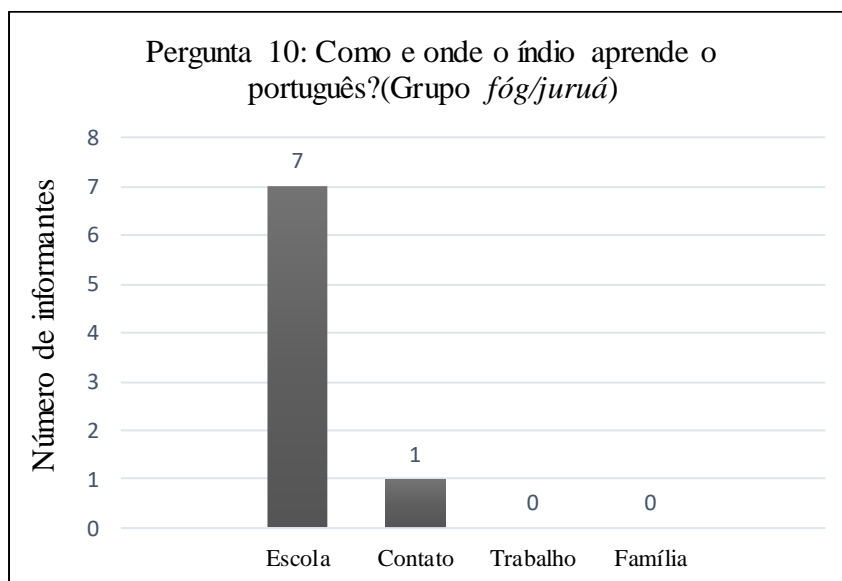
No grupo masculino os informantes TdGII-M e TdGI-M, dizem que sim, que isso já ocorreu, enquanto os informantes TsGII-M e TsGI-M dizem que nunca ocorreu. No grupo

feminino três informantes, TdGII-F, TdGI-F e TsGII-F nos responderam que não passaram por essa situação, e uma informante TsGI-F afirmou ter passado pelo fato.

Assim, no grupo masculino a GII e GI do grupo Td, já viveu a situação, bem como a informante TsGII-F, totalizando três ocorrências do fato. Os demais informantes masculinos, TsGII-M e TsGI-M, bem como três informantes do grupo feminino, TdGII-F, TdGI-F e TsGII-F, afirmam que não estiveram com um indígena que sabia falar o português, mas insistia em falar a língua indígena. Isso revela que na presença do *fóg/juruá* a maioria dos indígenas busca adaptar a variedade para que seja compreendido. Mas o fato de insistirem em falar só a língua indígena é uma marca de identidade, de estarem entre as mesmas pessoas do seu grupo, como comenta o informante TdGII-M: *“Já... a gente já presenciou bastante isso. Especialmente em reuniões que há algum debate em que eles abandonam a discussão em português e dialogam na linguagem como forma de articular a discussão”*.

A maneira como os indígenas aprendem a língua portuguesa também foi questionada, como podemos ver no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Pergunta 10: Como o índio aprende o português? (Grupo *fóg/juruá*)



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

De um total de oito informantes, sete (TdGII-M, TdGI-M, TsGII-M, TdGII-F, TdGI-F, TsGII-F e TsGI-F), afirmam que os indígenas aprendem o português na escola e um deles, acredita que seja através do contato, foi o informante TsGI-M. O papel da escola, o preparo e comprometimento dos professores é comentado pelos informantes, sob uma opinião de que

melhoras no ensino das escolas indígenas precisam ser feitas, nas respostas da pergunta 11: “Como vê o uso do Kaingang/ Guaraní na escola?”.

5.3.3 Análise a partir da dimensão diageracional

Seguindo a análise, observamos inicialmente a dimensão diageracional e apresentamos os resultados que obtivemos na pergunta 33: “Quando fala português, o índio mistura com a língua indígena? Se sim, o que ele mistura e por quê?”

Quadro 28: Pergunta 33: Quando fala português, o índio mistura com a língua indígena? Se sim, o que ele mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Dois informantes masculinos do grupo TdGII-M e TdGI-M afirmam que os indígenas misturam o português quando falam a língua indígena e dois informantes, TsGII-M e TsGI-M afirmam que a mistura não ocorre. No grupo feminino, uma informante, TdGII-F, diz que não ocorre mistura e três informantes, TdGI-F, TsGII-F e TsGI-F dizem que ocorre mistura quando o indígena fala o português juntamente com a língua indígena.

Podemos ver no quadro que no grupo masculino não existe uma semelhança nas gerações. O que vemos é que para o grupo Ts, tanto GII quando GI, a mistura entre português e língua indígena não ocorre. Já para o grupo Td, tanto GII e GI afirma que ocorre. Essa mesma afirmação é dada por duas informantes femininas, do grupo Ts, GII e GI, e uma do grupo TdGI-F. Uma das informantes TdGII-F diz que a mistura entre português e língua indígena não ocorre. Desta forma, os dados mostram que a maioria dos informantes afirma que o *Code Switching* ocorre quando os indígenas falam o português. Como destacam Appel & Muysken, (2005, p. 177) “o *Switching* não é um fenômeno isolado, mas uma parte central do discurso bilíngue”.

A pergunta contrária também foi realizada (pergunta 34): “Quando fala a língua indígena, o índio mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?”

Quadro 29: Pergunta 34: Quando fala a língua indígena, o índio mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Sim
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Percebemos através do quadro que entre os informantes masculinos, dois deles, TdGII-M e TsGI-M, afirmam que quando os indígenas falam a língua indígena, misturam com o português, e dois deles, TdGI-M e TsGII-M, dizem que não ocorre mistura. No grupo feminino, duas informantes, TdGII-F e TsGI-F, responderam que não ocorre mistura e duas delas, TdGI-F e TsGII-F responderam que ocorre.

Quanto a esses dados, não existe uma uniformidade entre eles. O que pode ser visto é que quatro informantes responderam que ocorre mistura, TdGII-M, TSGI-M, TdGI-F e TSGII-F, e os outros quatro TdGI-M, TsGII-M, TdGII-F e TSGI-F, afirmam que enquanto falam a língua indígena, os indígenas não misturam com o português.

Nos dados do grupo indígena, tanto Kaingang quanto Guarani, e também pelas observações que realizamos, constatamos que cada grupo usa um termo para se referir ao não indígena. Questionamos os informantes *fóg/juruá* se eles também sabiam esse termo (pergunta 19), e apenas três informantes souberam [o termo *fóg*], que foram os informantes TdGII-M, TdGI-M e TsGII-F. Esse dado revela o pouco conhecimento que os *fóg/juruá* têm sobre os indígenas, e que apesar do pouco convívio que se estabelece, esse ainda é maior com o grupo Kaingang.

Perguntamos inclusive “O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões”, (pergunta 21):

Quadro 30: Pergunta 21: O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões.












Masculino		Feminino		LEGENDA	
<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Soube
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não soube

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O quadro mostra que de oito informantes, cinco deles souberam alguns termos, como: TdGI-M: *fóg*; TdGII-M: *fuva*, *Kumi*; TsGI-M: *sĩnvĩ*, *Kórég*; TsGII-F: *fóg* e a informante TsGI-F disse que sabia a expressão que significa ato sexual, mas não encontramos no dicionário Kaingang, nada semelhante ao que ela disse. Os demais informantes não souberam nenhum termo. Novamente, os dados mostram que o conhecimento dos *fóg/juruá* é maior para com os Kaingang.

Também questionamos se na visão de não indígena “Como o indígena se sente: mais gaúcho ou mais indígena?” (pergunta 13), a partir do quadro 31 abaixo:

Quadro 31: Pergunta 13: Como o indígena se sente: mais gaúcho ou mais indígena?

Masculino		Feminino		LEGENDA	
					Índio
					Gaúcho
					Os dois

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Os resultados do quadro mostram que, de forma geral, é como indígena que Kaingang e Guarani se sentem na visão do *fóg/juruá*, o que vai de encontro aos dados do grupo Kaingang e Guarani que afirmam se sentirem mais indígenas. Esse dado revela, inclusive, que esse grupo que está fora do contexto indígena, percebe o sentimento de ser indígena que provém dos habitantes da TIG.

Os informantes *fóg/juruá* de forma geral, dizem que quando os indígenas estão fora da TIG, em mercados, lojas, farmácias e demais espaços dominados pelo *fóg/juruá*, usam o português, mas que entre eles, no grupo e no lar usam a língua indígena (pergunta 30). É justamente nas situações de contato com o *fóg/juruá* que eles usam o português e nos demais casos, a língua utilizada é a língua indígena (pergunta 32). Também é levantada a questão da forma como os indígenas usam a língua indígena, pois ela é usada, quando falam sobre algo que não deve ser entendido pelos *fóg/juruá*, como diz o informante TdGI-M: “*Eles utilizam bastante em reuniões gerais deles, e quando eles não querem que a gente entenda né*”.

Depois de todos esses dados, verifica-se que nesse grupo, todos falam o português e nenhuma língua indígena. Além disso, todo o grupo Ts acredita que os indígenas falem a língua indígena em família, bem como todos os informantes da GII. O informante TdGI-M acredita que usa-se a língua indígena e o português, e a informante TdGI-F acredita que seja

usado o português. De forma geral, todos acreditam que os indígenas gostem mais de conversar na língua indígena, exceto a informante TdGI-F. De forma unânime, acham que é importante ensinar a língua indígena para as crianças indígenas, como forma de preservar a cultura.

De modo geral, o grupo masculino Td GII e GI acredita que o índio use o português e a língua indígena, ao contrário do grupo Ts masculino, GII e GI, o qual acredita que de forma geral, seja a língua indígena a mais utilizada. No grupo feminino as informantes TsGII-F e TdGI-F acreditam que no geral, os indígenas usem a língua indígena, enquanto que para as informantes TdGI-F e TsGII-F seja o português. Assim, a maioria acredita que a língua indígena seja usada de forma geral.

Ainda, perante a uma visita, todo o grupo Ts diz que os indígenas usam o português e a língua indígena, assim como o grupo masculino GI. Para os informantes TdGII-M e TdGII-F é utilizada a língua indígena. E para a informante TdGI-F é o português que se utiliza. Prevalece para o grupo o uso do português e da língua indígena.

Os *fóg* do grupo Ts GII e GI masculino, afirmam que já estiveram com indígenas que sabiam português mas insistiam em falar a língua indígena, bem como a informante TsGI-F. Os demais disseram que isso nunca aconteceu. Sete informantes disseram que a língua portuguesa deve ser aprendida na escola, um deles, TsGI-M, pelo contato.

Quanto a mistura que ocorre entre as línguas, cinco informantes, isto é, todo o grupo masculino Ts, GII e GI, o grupo feminino Ts, GII e GI, mais a informante TdGI-F, disseram que os indígenas quando falam o português misturam com a língua indígena. Os demais disseram que isso não acontece. E para a mistura da língua indígena com o português quatro informantes acreditam que a mistura ocorre, TdGII-M, TsGI-M, TsGII-F e TdGI-F. Os demais afirmam que essa mistura não ocorre: TdGI-M, TsGII-M, TdGII-F e TsGI-F.

Todos os informantes desse grupo, consideram que os indígenas, se sentem mais indígenas do que gaúchos. Alguns informantes sabiam certas palavras em Kaingang, e de modo geral, afirmam que a língua indígena é usada nas famílias, nos encontros entre indígenas, e que o português é usado para se comunicar, para negociar com pessoas fora da TIG.

5.4 ANÁLISE DIATÓPICA E CRUZAMENTO DOS DADOS

Nesta sessão, faremos a análise diatópica de nossos dados, é importante ressaltar que, normalmente, são realizadas análises das variações linguísticas faladas nos diferentes pontos

de inquérito por falantes da mesma variedade. A análise será feita a partir da identificação de crenças e atitudes que possam ser observadas, quanto ao uso que cada comunidade faz de sua variedade ou não. Em seguida, será realizado o cruzamento e o relacionamento dos dados, conforme a metodologia pluridimensional e relacional.

5.4.1. Análise diatópica

O trabalho com crenças e atitudes linguísticas, se torna importante, pois uma atitude linguística é um fator que atua na mudança ou alternância de línguas, além de ampliar a noção de identidade, a partir da atitude que o falante assume, o que se pode definir como um conjunto de características que permite diferenciar os grupos entre si (AGUILERA, 2008, p. 105).

Iniciamos nossa análise pela pergunta 29: “Se fosse dizer o que mais identifica um Kaingang/Guarani, diria que é o que?”. No ponto indígena Kaingang três informantes, TdGI-F, TsGI-F e TsGII-M, dizem que é a língua que identifica um Kaingang/Guarani. Já os informantes TdGII-F, TsGI-M, afirmam ser a língua e os costumes, enquanto para os informantes, TdGII-M e TsGII-F, é a festa do índio. Um dos informantes, TdGI-M, diz ser a religião, mas ele explica que se refere à religião antiga dos povos Kaingang. Também surgiram comentários a respeito das casas, que atualmente são diferentes das casas em que viviam no passado, as quais eram feitas de capim, no meio do mato e que aprenderam com o “branco” a fazer as casas diferentes.

No ponto Guarani, a língua como único elemento não apareceu, mas sim associado aos demais aspectos, sendo que três informantes afirmam ser a língua e a casa, TsGI-M, TsGII-M, TsGII-F. A informante TsGI-F disse ser a língua, a caça e a pesca e a informante TdGII-F disse ser a língua e o modo de ser. Aparecem outros aspectos como o modo de ser, a dança, o jeito de ser, informante TdGI-M, e os costumes, informante TdGI-F. Do informante TdGII-M não temos resposta.

Como já expomos na sessão anterior 5.3, o ponto não indígena: *fóg/juruá*, em sua quase totalidade afirma ser a língua, juntamente com outro aspecto (características físicas, festas, hábitos e costumes) que mais identifica os índios da TIG, pois apenas uma informante, TsGII-F diz ser os hábitos e costumes. Percebe-se que a língua se mostra como um forte fator que o grupo não indígena associa aos Guarani e Kaingang da TIG. E para o grupo indígena tanto Kaingang como Guarani, a língua também está associada à identidade indígena.

Segundo Krug (2004, p.18) “a língua aparece como elemento constitutivo importante, porém não exclusivo” sendo que outras marcas simbólicas como danças, comidas, trajes e etc., também compõe a identidade de um grupo, por vezes sendo mais importante que a língua. E apesar de nem todos os indígenas usarem a variedade indígena, ela é a principal marca para identificar um indígena, seja Kaingang ou Guarani. Temos aqui uma atitude que não vai de encontro com aquilo que os informantes acreditam, ou seja, na crença que possuem.

Maiores percepções quanto a identidade são reveladas pelos dados da pergunta 15: “E quando pensa no índio? Como ele é?”. No ponto Kaingang duas informantes, TdGII-F e TdGI-F, apresentam uma visão semelhante e respondem que os índios querem ser *fóg*. Uma delas, TdGII-F, diz que devido ao fato de terem maior poder aquisitivo, resultado do trabalho nas firmas, os índios querem comprar as coisas do *fóg*. Essa informante inicia a fala dizendo “*Eu penso que o índio, tá meio querendo ser fóg...*”, dando a entender que são os índios, não ela. Mas, em certa parte da resposta ela se inclui do grupo que quer ser *fóg*: “*...Então a gente vê isso né, por que cada um quer se vestir bem, basta trabalhar e ganhar dinheiro que a gente vai comprar aquilo que a gente quer nas vitrine né...*”.

Ainda, a informante TdGI-F diz que todos são iguais, que “brancos” e índios têm o seu valor, e que a lei dos “brancos” presente na área indígena faz com que muitos Kaingang não se vejam como Kaingang, por usarem a lei dos brancos. Adicionalmente, o informante TdGI-M, diz que quando pensa no índio imagina alguém que quer buscar conhecimento, fazer magistério, faculdade. Outro informante, TdGII-M disse que quem nasce índio é índio. O informante TsGI-M explica que o índio não é aquele que vive de “tanguinha”, que ele é uma pessoa normal. A informante TsGII-F, afirmou ser chamada de “bugre” e que fica muito brava quando isso acontece, e que esse preconceito também é sentido pelos netos. Não temos as respostas dos informantes TsGII-M e TdGI-M.

De acordo com Luckmann & Falcade (2008) o Kaingang incorporou muitos elementos da sociedade dos *fóg* em suas relações interétnicas, mas isso não o faz deixar de ser Kaingang. Segundo os mesmos autores, o povo Kaingang incorpora certos aspectos de uma maneira própria.

Além disso, na pergunta 17: “O que identifica o índio típico daqui?” os informantes, de forma geral, apontaram a identidade, valorização da cultura, as escolas e casas, a beleza dos índios, e a fala, que foi mencionado por dois informantes. Além disso, a descrição de que são todos iguais também aparece.

No ponto indígena Guarani, em resposta à pergunta 15: “E quando pensa no índio? Como ele é?”, a informante TdGII-F disse que para ela, os Kaingang e Guarani são parecidos, somente a fala que é diferente. O informante TsGII-M diz que o índio Guarani vive, o que viviam seus pais e seus avós, de forma a manter o “nosso” costume e “nossa” fala, ensinar as crianças a viver o modo de ser Guarani. Diz também que o que diferencia Kaingang de Guarani é a estrutura corporal. O informante TdGI-M também observa que o índio é aquele que faz valer sua cultura, faz ter respeito, respeitar para ser respeitado. A informante TsGI-F, por sua vez, disse não saber responder essa pergunta na língua portuguesa: *“Índio... é, diferente dos branco né, tipo...eu imagino normal né, penso normal tipo, eu não sei explicar no português”*. Não temos a resposta dos demais informantes.

Já para a pergunta 17: “O que identifica o índio típico daqui?” a informante TsGI-F relatou que são alguns objetos, e que ao irem para a cidade procuram usá-los, são brincos, colares... E, de fato, sempre que os visitamos, mesmo que estivesse capinando na terra, ela (a informante) usava alguns colares e pulseiras. Os informantes TsGII-M e TsGII-F afirmam que os *juruá* não conhecem os Guarani, que não vem visitá-los. O informante TdGI-F explicou que o índio típico é aquele parecido com o *Karaí*. Já a informante TdGI-F diz: *“A cultura deles”*. O termo “deles” demonstra que a informante não faz parte do grupo de índios típicos, ou não possui os mesmos hábitos culturais. Da mesma forma, o informante TdGII-M relatou: *“Mas olha, da minha parte eu acho que assim uma gente legal sabe. São gente boa, como eu não posso me queixar, nem eles se queixam de nós. Se acertemo bem”*. Esse informante, da mesma forma que a informante anterior, se exclui do grupo de indígenas, deixando uma percepção de que ele não é indígena, “eles”, os outros que são. Dos demais informantes não obtivemos respostas

No ponto não indígena, em resposta à pergunta 15, os informantes TdGII-M e TsGI-F dizem que é uma pessoa sofrida, seja pela discriminação ou corrupção. Os informantes TdGII-F e TsGII-M respondem que os indígenas estão ficando ou se tornando iguais aos não indígenas, que estão se adaptando à cultura do não indígena. Dois informantes, TsGI-M, TdGI-M e TsGII-F, se detiveram às características físicas e psicológicas, como: ser moreno, forte, que por vezes não se dispõe a conversar, é calmo, tranquilo, sabe escutar mais do que falar, são “bons de lidar”, não pensam no futuro... A informante TdGI-F disse que não, que nunca pensou sobre isso.

Na pergunta 17, “O que identifica o índio típico daqui?”, o artesanato é lembrado por quatro informantes: TdGII-M, TsGII-M, TsGI-F e TsGI-M, seguido de características físicas

como a cor dos cabelos, a forma de caminhar, o modo de se vestir, com roupas bastante coloridas, o cheiro e também a valorização da cultura e da língua, que foram citados pelos informantes. Percebe-se que, a assimilação de elementos da cultura do *fóg/juruá* é vista pelos não indígenas, como uma perda de cultura principalmente no grupo Kaingang, o qual assume que muitos Kaingang querem ser *fóg*.

Em contraste, questionamos os informantes sobre como é o *fóg*, pergunta 18, e também quais as características do *fóg*, pergunta 20. No ponto indígena Kaingang, três informantes, TdGI-F, TdGII-F, TsGII-F, revelam ser a aparência a maior diferença entre *fóg* e Kaingang. Por sua vez, os informantes TdGI-M, TsGI-F afirmam que o *fóg* é atualmente um parceiro dos índios. Os demais informantes apontam a língua como principal diferença entre indígenas e não indígenas, e ressaltam que mesmo que muitos *fóg* queiram se parecer ou ser indígena, ele não fala a língua indígena, e isso não o permite ser indígena. Esse dado revela, novamente, que a língua é um fator de identidade para alguns informantes.

Na pergunta 20, que complementa a pergunta 18, “Características do *fóg/juruá*?”, nos respondem que são parceiros e pessoas boas (informantes TdGI-M e TdGI-F), e a língua é a principal característica para os informantes TsGI-M e TsGI-F. Já para os demais, a descrição de que não se pode confiar em todos os *fóg* se destaca e relatos a respeito de situações em que os *fóg* se aproveitam ou enganam os indígenas são mencionados pelos informantes.

No que diz respeito às perguntas anteriores, mas no ponto indígena Guarani, as respostas para a pergunta 18, o que mais se destacou como característica foi a língua e a pele (informantes TsGI-F, TsGII-M, TsGII-F, TdGI-M) e uma informante, TdGI-F, disse ser o jeito de ser. Não temos respostas dos demais informantes.

E para a pergunta 20, os dados de ambos os grupos são bem semelhantes, uma vez que os informantes Guarani (TsGI-F, TsGII-M, TsGII-F) responderam que desconfiam muito das intenções do *juruá*, pois algumas de suas intenções para com o povo Guarani não são boas, e isso é sentido pelos informantes. Um informante declarou que gosta do *juruá* (TsGI-M) e outro disse que as culturas são diferentes, mas que ninguém é melhor do que ninguém (TdGI-M). Dos demais informantes não temos resposta.

No ponto dos não indígenas, as respostas da pergunta 18, focaram as características físicas. Os informantes (TdGI-F, TdGII-M, TdGII-F, TsGII-M, TsGII-F) dizem que a cor da pele é diferente, que o cabelo também é diferente. Outros informantes descrevem as características psicológicas como individualista (TdGI-M), uma pessoa mais disponível, uma

vez que o índio é uma pessoa mais fechada (TsGII-M) e um informante disse ser o sotaque (TsGI-M).

Até hoje existem alguns casos em que muitas pessoas oriundas de fora da TIG procuram tirar proveito de algumas situações. Em uma conversa que tivemos com um professor Guarani, ele pediu que voltássemos para mostrar os resultados da pesquisa, pois muitas pessoas já haviam estado ali, com o mesmo intuito, mas nunca mostraram o que concluíram, e isso não ajuda a comunidade.

Para a pergunta 20: “Características do *fóg/juruá*. Como é esse *fóg/juruá*? as respostas se detiveram nas características psicológicas e sociais. Um informante (TdGI-M) nos disse que na visão dos indígenas os não indígenas jogam as palavras ao vento. No mesmo sentido, o informante TdGII-M explica que o indígena não é apegado às coisas materiais como o não indígena. Os indígenas vivem com pouco, almejam pouco para sobreviver, enquanto o *fóg/juruá* é apegado ao consumismo e a juntar riquezas. Segundo os informantes é essa diferença que faz com que a sociedade do entorno da TIG não aceite o indígena. Para o informante TsGII-M o *fóg/juruá* é mais trabalhador e no mesmo sentido, a informante TsGII-F diz que o *fóg/juruá* é mais responsável, que pensa no futuro. Os informantes TdGI-F, TsGI-M e TsGI-F retomam as características físicas, como formato do rosto, estatura, cor de pele e cabelos. E uma informante, TdGII-F aborda a questão de que o não indígena não preservou a língua dos pais e avós como o indígena fez e tenta fazer.

Nas respostas da questão anterior, percebe-se que para alguns a diferença cultural está mais clara e compreendida, como a questão do apego material, mencionado por um dos informantes. Por outro lado, as respostas que afirmam que os não indígenas são mais trabalhadores, mais responsáveis, que se preocupam mais com o futuro são respostas que emergem do preconceito para com as comunidades indígenas, fruto, talvez, do desejo de que os indígenas sejam como os não indígenas, mas que seja nesse aspecto, no trabalho, na responsabilidade, no pensar no futuro. Isso revela, que o índio precisa ser índio e ao mesmo tempo deve se adaptar aos costumes e cultura do *fóg/juruá*. Essas questões demonstram as crenças (como o índio deveria ser) e atitudes (como o *fóg/juruá* lida com isso no convívio com os indígenas).

Também questionamos os informantes “Como acha que as pessoas de fora veem as pessoas originárias, que nascem na Terra Indígena? (Quanto à língua, aspectos físicos e sociais)”, pergunta 12. No ponto indígena Kaingang os informantes de modo geral, apontaram para coisas que não existem mais, como o uso de cocares, pintura corporais, que comem o que

caçam e pescam e que ainda vivem em casas de barro (informantes TsGI-F, TdGII-F e TdGI-M). A informante TdGI-F afirma que as pessoas de fora veem os indígenas de uma forma bem diferente, o informante TdGII-M, por sua vez, diz que as pessoas de fora acham que os indígenas são pessoas de bem. Já o informante TsGI-M afirma que as pessoas de fora têm curiosidade para saber das comidas, do jeito das danças. Não temos resposta de dois informantes, TsGII-M e TsGII-F.

No ponto indígena Guarani, temos a resposta de apenas dois informantes, TsGI-F e TdGI-M, mas suas respostas são muito semelhantes com as respostas dadas pelo grupo Kaingang, como: achar que vivem no meio do mato, que não vestem roupas, que vivem em ocas. Contudo, dizem que quando as pessoas vêm conhecer a aldeia percebem que não é assim, e que ali é um lugar bom de viver e acham interessante a cultura do povo Guarani.

No ponto *fóg/juruá*, as respostas não deixam de trazer os mesmos aspectos das respostas dos indígenas. Duas informantes, TdGII-F e TsGI-F afirmam que muitas pessoas acreditam que os indígenas vivem em ocas, no meio do mato, só pescando e caçando, sobrevivendo com algumas coisas que plantam, outros pensam que ele não vai para a cidade, se espantam ao saber que jogam bola, e que no caso, a cidade de Redentora seja povoada somente por índios. Mas, o que mais aparece são fatos relacionados ao preconceito, o informante TdGI-M diz que tudo que se relaciona ao indígena é ruim:

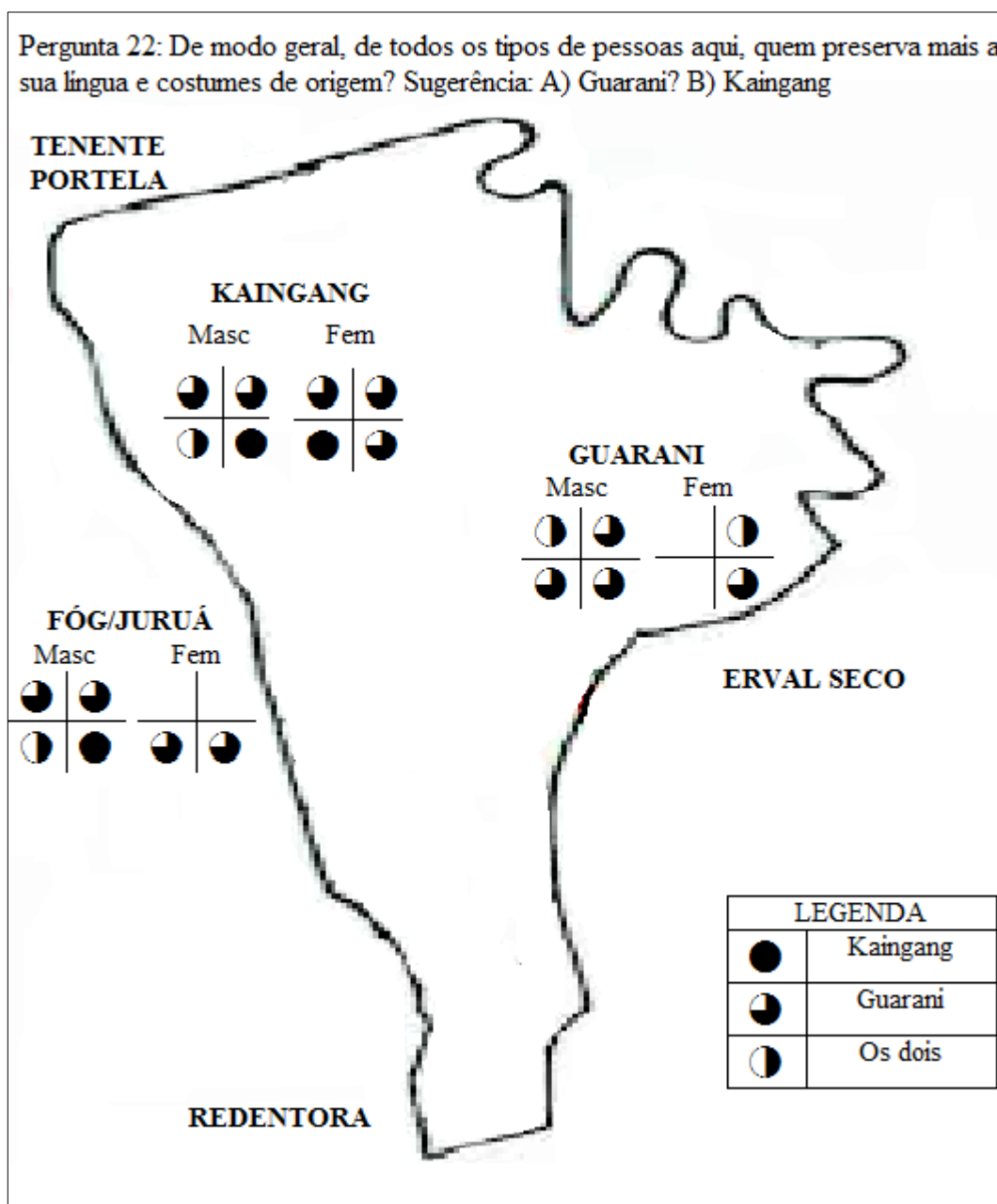
“Eu sempre do o exemplo “ ah quando vem alguém e diz, ah tem indígena sentado na praça na grama, comendo salgadinho ou refrigerante ou sanduíche...isso é coisa de índio. Eles conseguem um recurso financeiro pra ir no restaurante, ah não vou lá porque lá tem índio” Então nenhum tá bom, se é índio é ruim, é a visão que o povo tem”.

Do mesmo modo, para o informante TdGII-M os indígenas são vistos com maus olhos, o que vai de encontro com a resposta do informante TsGI-M, no sentido de que os indígenas são vistos como pessoas que não gostam de trabalhar, que não agregam muito à sociedade, além de serem muito beneficiados pelo governo, são privilegiados e que são mal instruídos intelectualmente. Corroborando à essa resposta, o informante TsGII-M relata a visão de que os indígenas têm pouca cultura, são menos alfabetizados e com isso sofrem muito preconceito. A informante TsGII-F, em sua resposta, afirma que, quem não convive possui um pensamento de que índio não quer nada com nada, que o índio dá problema e que índio é preguiçoso. Ainda, que sofrem muito preconceito, principalmente pelos não indígenas mais

velhos. Por fim, diz que os índios são pacíficos, guerreiros e que nunca roubam nem mexem no que não é deles. Da informante TdGI-F não temos resposta.

Dando continuidade, olhamos agora para a pergunta 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? Sugerência: A) Guarani? B) Kaingang. Os dados coletados estão apresentados no cartograma a seguir:

Figura 7: Cartograma da pergunta 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? Sugerência: A) Guarani? B) Kaingang



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Inicialmente, no ponto Kaingang cinco informantes responderam que são os Guarani que mais preservam sua língua e costumes, todos os informantes masculinos e femininos, GII e GI do grupo Td, e um informante TsGI-F. Para os dois informantes TsGI-M e TsGII-F são os Kaingang e para o informante TsGII-M são os dois povos que preservam.

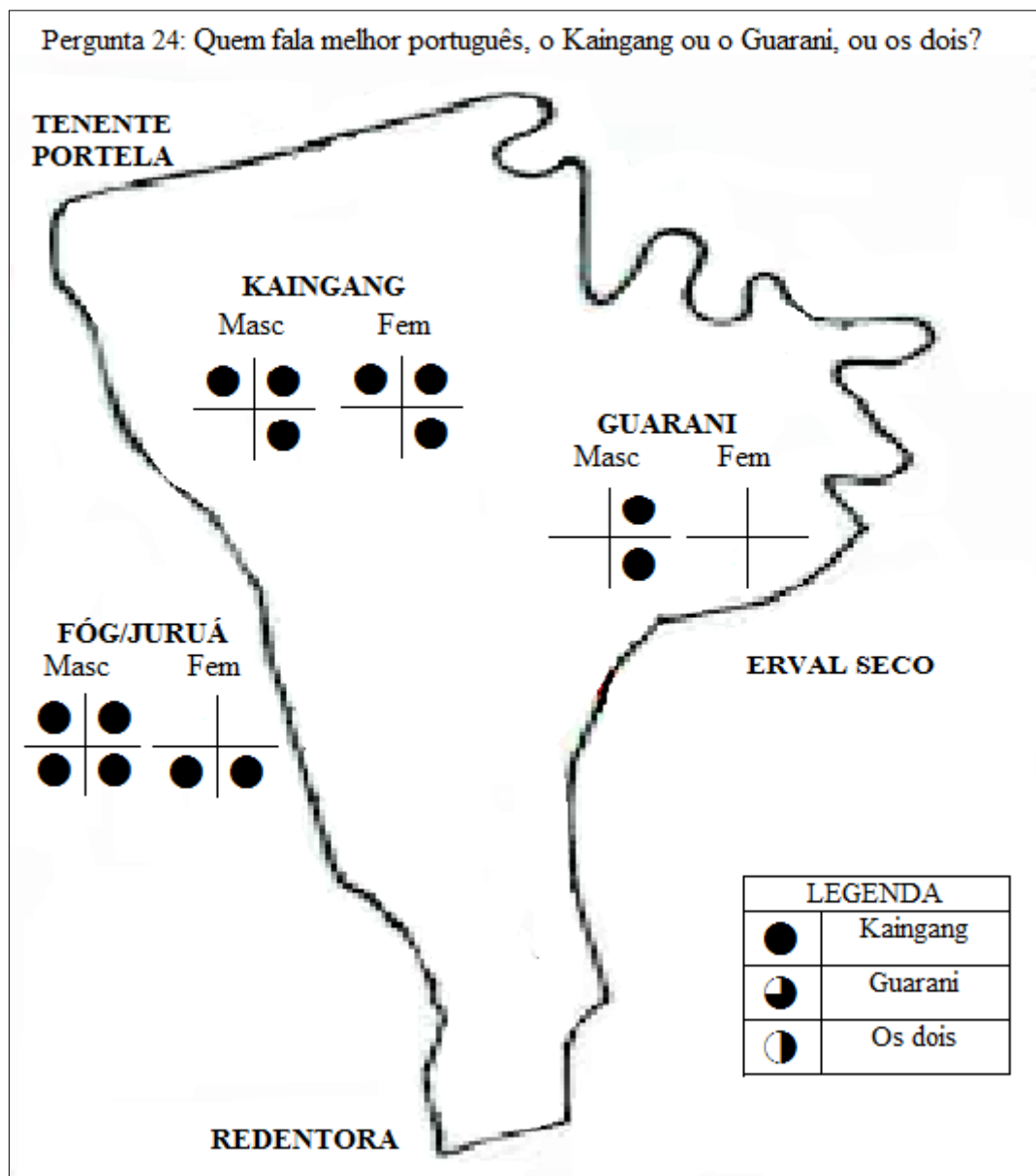
No ponto indígena Guarani dois informantes TdGII-M e TdGI-F dizem ser os dois grupos indígenas que preservam enquanto quatro informantes, TsGI-M, TsGII-M, TdGI-M e TsGI-F, dizem que é o povo Guarani que mais preserva. Não temos respostas dos informantes TdGII-F e TsGII-F.

No ponto não indígena *fóg/juruá*, um informante disse que os dois povos preservam TsGII-M, enquanto um, TsGI-M respondeu que é o povo Kaingang. Os demais, TdGII-M, TdGI-M, TsGII-F e TsGI-F, acreditam que seja o povo Guarani que mais preserva. De duas informantes TsGII-F e TsGI-F não temos resposta. De forma geral, o grupo Guarani aparece na maioria das respostas, 13 no total de 24, sendo que desses 13 resultados, 5 deles provém do grupo Kaingang, o que mostra que esses 5 informantes Kaingang percebem que é o grupo Guarani que mais preserva a língua e os costumes.

Resumidamente, visualizamos no cartograma que o maior número de dados que aponta o grupo Guarani como grupo que mais preserva língua e costumes, foi dado pelo grupo Td, Td masculino e feminino Kaingang e Td masculino *fóg/juruá*. Em contrapartida, os informantes que responderam ser os Kaingang que mais preservam, embora em pequeno número, pertencem todos ao grupo Ts, por outro lado, os informantes Ts masculino do grupo Guarani, apontaram o próprio grupo. No que tange a geração, a GI feminina Kaingang e GI masculina Guarani, respondeu, em maiores proporções, ser o grupo Guarani o que mais preserva, uniformidade não encontrada para a GII de nenhum dos grupos. Os dados de forma geral, se apresentam de forma bastante variada.

Quando questionados, quem fala melhor português, o Kaingang ou o Guarani, pergunta 24, obtivemos os seguintes dados.

Figura 8: Cartograma da pergunta 24: Quem fala melhor português, o Kaingang ou o Guarani, ou os dois?



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

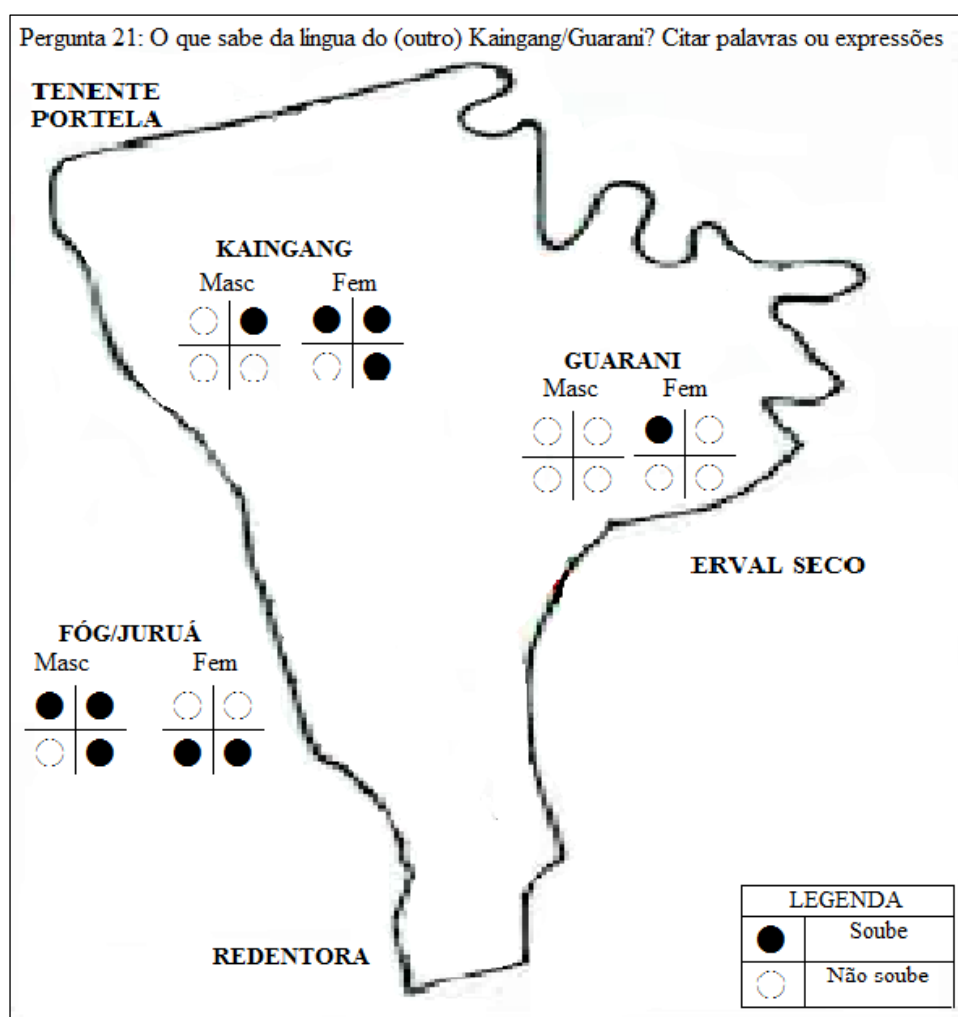
No ponto indígena Kaingang, com exceção dos informantes TsGII-M e TsGII-F, todos os demais afirmam que são os Kaingang. No ponto indígena Guarani por sua vez, apenas dois informantes responderam à pergunta, TdGI-M e TsGI-M, para eles também são os Kaingang que falam melhor o português. No ponto não indígena, a resposta se repete, duas informantes TdGII-F e TdGI-F disseram não saberem responder, mas os demais afirmam ser os Kaingang que falam melhor o português. Desta forma, todos os informantes dos três pontos, que souberam responder, afirmam que os Kaingang falam melhor o português, o que vai de

encontro aos dados de que é o grupo Guarani que mais preserva a língua e cultura, consequentemente não utilizam tanto o português.

Assim, relacionando os três grupos, verifica-se que o grupo masculino *fóg/juruá* apontou de forma geral o grupo Kaingang como os melhores falantes da língua portuguesa, seguido do grupo Td masculino e feminino, GII e GI, do grupo Kaingang. Além da GI, masculino e feminino Kaingang, o grupo GI, masculino Guarani também apontou o grupo Kaingang como melhores falantes da língua portuguesa. Em acréscimo as respostas dadas pelo grupo Td, masculino e feminino Kaingang, todo o grupo Ts *fóg/juruá* também apontou os Kaingang como melhores falantes do português.

Na pergunta 21: “O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões” obtivemos as seguintes respostas:

Figura 9: Cartograma da pergunta 21: O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões.



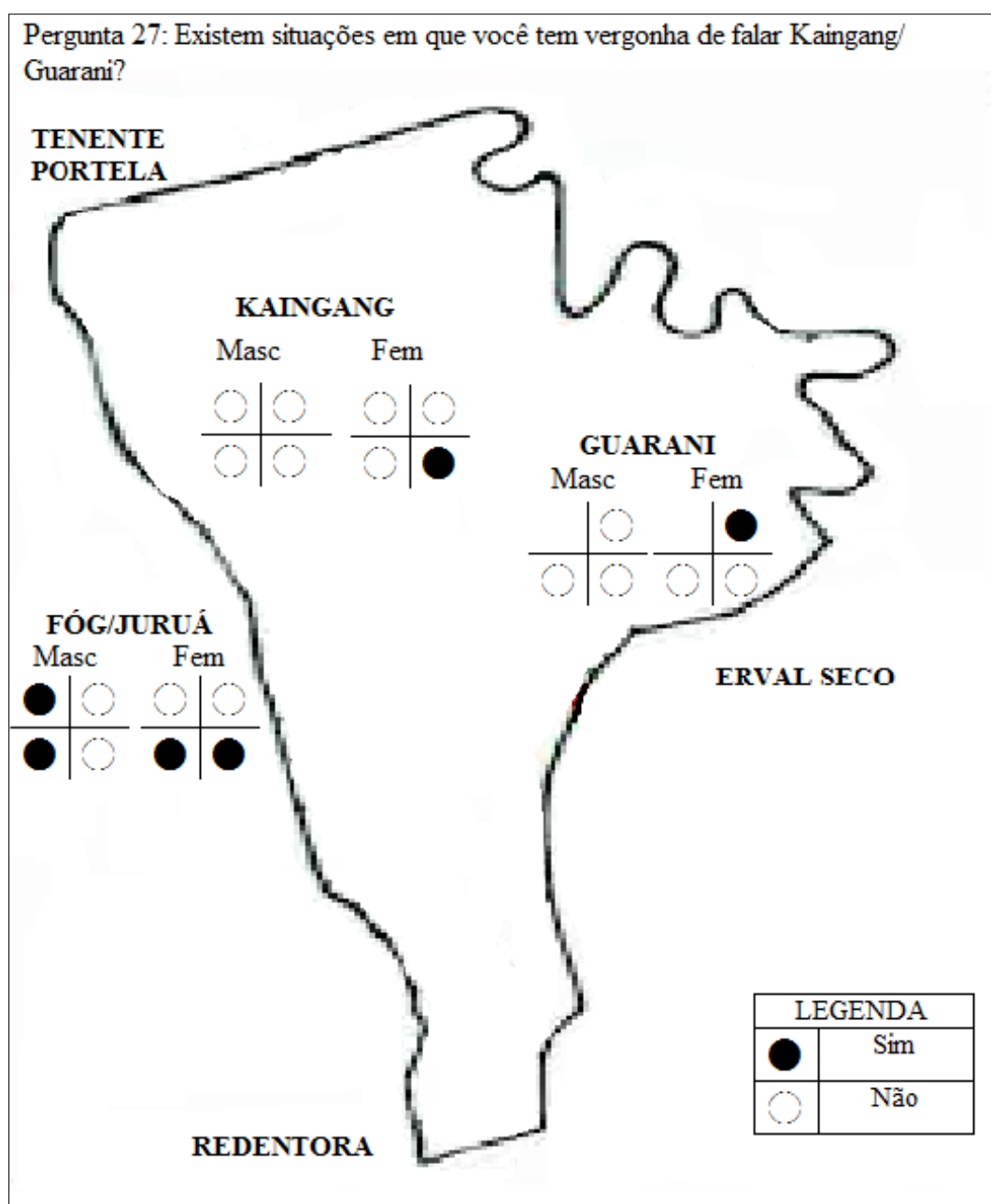
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No cartograma acima, verificamos que no ponto indígena Kaingang, quatro informantes, TdGI-M, TdGII-F, TdGI-F e TsGI-F falam que sabem e citaram algumas palavras. Os demais informantes não souberam nenhum termo. No ponto indígena Guarani, apenas um informante, TdGII-F disse que sabia algumas palavras em Kaingang, mas não mencionou nenhum termo. Já no ponto não indígena *fóg/juruá*, como já vimos na seção 5.3, de oito informantes cinco deles souberam alguns termos: TdGI-M: *fóg*; TdGII-M: *fuva*, *Kumi*; TsGI-M: *sĩnvĩ*, *Kórég*; TsGII-F: *fóg* e a informante TsGI-F disse que sabia a expressão que significa ato sexual. São de forma geral, termos em Kaingang. A partir desses dados, percebe-se que os grupos sabem poucos termos da língua um do outro, e que os *fóg/juruá* tem maior conhecimento da variedade Kaingang, devido ao fato de muitos Kaingang estarem vivendo próximos à cidade, de visitarem a cidade com maior frequência e estudarem fora da TIG.

Entre si, o número de informantes que soube mais termos da língua do outro foram as mulheres, grupos Ts, GII e GI *fóg/juruá*, Td GII e GI Kaingang e Td GII Guarani. Para o grupo masculino, toda a GI *fóg/juruá* soube algum termo, o que se assemelha com a GI feminino Kaingang, o que revela que entre os mais jovens ocorre maior contato entre si. Por outro lado, a GII masculina, Kaingang e Guarani, afirmou não saber nenhum termo, o que mostra que entre a GII não houve contato entre si, bem como todo o grupo Ts Guarani, que em sua totalidade não soube termos da língua Kaingang. Destacamos em particular que os grupos indígenas souberam poucos termos entre si, ou seja, Kaingang soube pouco Guarani, e Guarani soube pouco Kaingang, principalmente a GII masculina de ambos os grupos. Ainda, o que sabiam eram apenas termos, nenhum informante disse ser capaz de se comunicar na língua do outro grupo.

Finalizando nossa análise diatópica, trazemos a pergunta 27: “Existem situações em que você tem vergonha de falar Kaingang/ Guarani?”. Apresentamos o cartograma abaixo:

Figura 10: Cartograma da pergunta 27: Existem situações em que você tem vergonha de falar Kaingang/ Guarani?



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A partir do cartograma, no ponto indígena Kaingang, apenas uma informante, TsGI-F, disse ter tido vergonha de falar a língua indígena, os demais informantes, afirmam que nunca tiveram vergonha de falar. No ponto indígena Guarani cinco informantes afirmam que nunca sentiram vergonha, TdGI-M, TsGII-M, TsGI-M, TsGII-F e TsGI-F, uma informante, TdGI-F disse já ter sentido vergonha e de dois informantes, TdGII-M e TdGII-F não temos resposta.

No ponto não indígena tivemos quatro informantes, TdGII-M, TsGII-M, TsGII-F e TsGI-F, que acreditam que os indígenas tenham vergonha em falar a língua indígena e quatro informantes, TdGI-M, TsGI-M, TdGII-F e TdGI-F, acreditam que os indígenas não tenham vergonha em falar a língua indígena.

Verifica-se que todo o grupo masculino Kaingang e todos os informantes masculino Guarani, que falam a variedade indígena, afirmaram não sentir vergonha. Todavia, a GII masculina *fóg/juruá* disse que os indígenas sentem vergonha, bem como o grupo Ts feminino *fóg/juruá*. A GI masculina dos grupos indígenas afirmou não sentir vergonha em falar a língua indígena, indo ao encontro das respostas dadas pelo grupo GI masculino *fóg/juruá*. Esse dado revela que a GI masculina demonstra ter maior aceitação da própria identidade de ser indígena. Por outro lado, os informantes que declararam sentir vergonha de falar a língua indígena ou que acreditam que os indígenas tem esse sentimento em falar a variedade, foram as informantes do grupo feminino GI, ou seja, ocorre o oposto do que percebemos na GI masculina.

Contudo, a pergunta 08: “O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, Kaingang/ Guarani?”, o informante TdGI-M Kaingang diz que alguns colegas de trabalho sabem falar o Kaingang, mas dizem que não sabem, o que acaba obrigando os que sabem falar em Kaingang falar em português. Os informantes Guarani TsGII-M e TsGII-F expõem que não é bom quando um Guarani sabe falar a variedade, mas insiste em falar português, que não se pode ter vergonha de falar sua língua. A informante Kaingang TsGI-F acredita que se a pessoa sabe falar a língua indígena e não a fala é por vergonha: “*Talvez, sei lá, por ter vergonha de falar o próprio idioma. Por vergonha das outras pessoas*”. Esses dados nos revelam que muitas pessoas sabem a língua indígena, mas preferem usar o português, uma questão de atitude negativa que leva a substituição linguística, de acordo com Grosjean (1982), além de demonstrar uma crença de que “não sentimos vergonha”, mas na verdade sentimos.

Resumindo os dados analisados nesta sessão, podemos dizer que a língua é um fator que identifica os indígenas, tanto Guarani como Kaingang, mesmo que não seja falada pelos indivíduos indígenas, seguidos por fatores como o modo de ser e seus costumes. Quanto a sua descrição, o grupo Kaingang diz que muitos indígenas querem ser parecidos com os *fóg*, e além disso, atualmente o índio busca pelo conhecimento, pela valorização da sua cultura, língua e identidade. Por sua vez, o grupo Guarani vê o indígena como aquele que vive sua

cultura. E para o grupo não indígena *fóg/juruá* o indígena hoje, busca ser como o não indígena, e o que mais o identifica é o artesanato.

Já o não indígena é visto pelo grupo Kaingang como parceiros, gente boa, mas que se deve ter cautela com essas pessoas, pois nem sempre os *fóg* são parceiros, e os indígenas ficam desconfiados diante daqueles que não conhecem. O grupo Guarani também traz a questão da confiança para com os *juruá*, e acrescentam que o não indígena tem outra língua, outra cor de pele, cabelos e outro jeito de ser. Já para o grupo *fóg/juruá* as características físicas e psicológicas são diferentes, como o fato dos *fóg/juruá* serem mais trabalhadores, mais responsáveis e que pensam mais no futuro. Do nosso ponto de vista, são essas visões dos indígenas que geram preconceito.

Na visão do grupo Kaingang e também do grupo Guarani, as pessoas de fora, ou seja, aquelas que vivem distantes da TIG pensam que os indígenas vivem nus, moram em ocas, usam cocar e vivem com pinturas pelo corpo e se alimentam daquilo que caçam e pescam. Já para o grupo *fóg/juruá*, as colocações feitas pelos grupos indígenas também aparecem, mas o que mais aparece é o preconceito. As pessoas de fora, veem os indígenas como um povo sem cultura, preguiçosos, que vivem dos benefícios do governo e são privilegiados pelo mesmo. Em resumo, são vistos com maus olhos, e mais, ser indígena é ruim.

Ao olharem para os grupos entre si, percebemos que para os grupos indígenas quem mais preserva a língua e os costumes é o grupo Guarani, o que também é citado pelo grupo dos *fóg/juruá*. Por consequência, o grupo que fala melhor o português é o Kaingang, para os dois grupos indígenas e na visão do *fóg/juruá* também. Ainda, no que tange ao conhecimento que um grupo possui sobre a língua do outro, constatamos que se conhece pouco da língua do outro, pois nem Kaingang sabia o Guarani, nem o Guarani sabia o Kaingang. No grupo *fóg/juruá* os informantes também sabem muito pouco, e o pouco que sabem se concentra em termos da língua Kaingang.

E quando questionados se alguma vez já sentiram vergonha de falar a língua indígena, os grupos Guarani e Kaingang afirmam que não, o mesmo para o grupo *fóg/juruá*, mas que o fato de algum indígena saber falar a variedade indígena e insistir em falar o português é visto como negativo e que pode ser reflexo do sentimento de vergonha que certas pessoas tem falar o “idioma”. Ou seja, aqui temos uma atitude que não é assumida, mas que acontece, que é sentir vergonha de falar a própria língua, pois, como já mencionamos a fala do informante TdGI-M do grupo Kaingang, “a língua do índio é feia”.

5.4.2 Cruzamento dos dados

Após a análise dos grupos Kaingang, Guarani e *Fóg/Juruá*, realizamos o cruzamento dos dados com ênfase nos grupos Guarani e Kaingang. Também faremos uso dos dados levantados com o grupo *fóg/juruá* para contrastar e comparar com os dados dos grupos indígenas.


Entre os grupos Guarani e Kaingang, em relação à manutenção do bilinguismo dos grupos masculino e feminino, verificou-se que no grupo Kaingang foi o grupo masculino, tanto GII quanto GI e tanto Td e Ts, que se mantém bilíngue, pois são eles que afirmam falarem a língua indígena e o português. Já para o grupo guarani, foi o grupo masculino TsGII e TsGI que apresentou ser bilíngue, enquanto o grupo masculino TdGII e TdGII falam apenas a variedade do português, sabendo apenas alguns termos na língua Guarani. Ressaltamos que, os informantes bilíngues do grupo Guarani, utilizam na maior parte do tempo a língua indígena e que é a língua que mais gostam de usar. Os dados podem ser visualizados no quadro abaixo:


Quadro 32: Cruzamento dos dados I


Pergunta 01: Que língua costuma falar em família?


GRUPO KAINGANG

Masculino













Feminino













GRUPO GUARANI

Masculino
















Feminino









LEGENDA	
	Língua Indígena
	Português / Língua indígena
	Português

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

No grupo feminino Kaingang a maioria das mulheres usa o português, pois apenas TdGI-F fala o Kaingang e o português. Já no grupo Guarani, as informantes Ts usam mais o Guarani, sendo que uma delas, TsGII-F, não fala o português, ou seja, não é bilíngue, mas

mantém a língua indígena. O Guarani é também a língua que mais gostam de usar. Por outro lado, as informantes Guarani Td, usam mais o português sendo que uma delas, TdGI, só fala o português e a outra, TdGII, disse que quando pequena falava o Guarani, mas que atualmente fala mais o português.

Os falantes bilíngues, sejam Kaingang ou Guarani, afirmam que sempre que recebem visitas, utilizam a variedade falada pela pessoa que chega até eles. Em contraponto, o grupo *fóg/juruá* afirmou que na presença de visitas, os indígenas usam o português e a língua indígena.

Para relações entre grupos topostáticos (Ts) e topodinâmicos (Td), o grupo Kaingang não apresentou regularidades que pudessem dar pistas sobre como se comportam os informantes de cada grupo, como é possível observar no quadro 32. Já para o grupo Guarani, os dados deixam evidentes que o português é a língua dos informantes Td, tanto GII e GI quanto masculino e feminino; e que o Guarani é a língua dos informantes Ts tanto na GII e GI, quanto no grupo masculino e feminino, de modo que quando se referem à língua portuguesa, a chamam de “língua do *juruá*”. Esses dados também podem ser visualizados no quadro anterior.

Para o grupo de informantes *fóg/juruá*, o grupo Ts acredita que a língua mais usada pelos informantes seja a língua indígena, assim como todos os informantes masculinos e femininos da GII. Os demais informantes acreditam que os indígenas falam o português e a língua indígena.

A respeito das gerações, os dados apresentam pouca uniformidade. Contudo, quando se refere a forma e local como aprenderam o português, os informantes TdGI-M, TdGI-F do grupo Kaingang aprenderam na escola, assim como os informantes TsGI-M e TsGI-F do grupo Guarani, também aprenderam o português na escola. Os informantes de ambos os grupos da GII aprenderam o português por meio do contato com a família, com o contato com o *fóg/juruá*, o que demonstra que o português é usado por muitas famílias indígenas.

Todos os indígenas se consideram indígenas e não gaúchos, mesmo aqueles que não falam a língua indígena. Ainda, todos os informantes afirmaram ser importante ensinar a língua indígena aos filhos, contudo, muitos não ensinaram, na maioria dos casos, por não saberem falar. Aliás, muitos dos que não aprenderam, relataram que seus pais e avós não lhes ensinaram. O grupo *fóg/juruá* também afirma ser importante ensinar a língua indígena às crianças como forma de preservar a cultura do povo indígena, e também afirmam que os indígenas se sentem como indígenas e não como gaúchos.

Todavia, existem dados que deixam claro a existência de crenças, e que algumas não vão ao encontro das atitudes dos informantes. Como vemos no quadro 33, logo abaixo, todos os indígenas acham importante ensinar a língua indígena para crianças, principalmente na escola, e veem como negativo o fato dos mais jovens não usarem a língua indígena pois a língua e cultura precisam ser preservadas, ou seja, suas crenças indicam que a língua indígena deve ser aprendida e usada. Por outro lado, revelaram que já estiveram na presença de indígenas que sabiam a língua indígena, mas insistiam em falar em português, principalmente no grupo Kaingang.

Quadro 33: Cruzamento de dados II

<p>Pergunta 25: Acha importante que os filhos aprendam Kaingang/Guarani dos pais?</p> <p>GRUPO KAINGANG</p> <p>Masculino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>●</td><td>●</td></tr></table> <p>Feminino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>●</td><td>●</td></tr></table> <p>GRUPO GUARANI</p> <p>Masculino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>●</td><td>●</td></tr></table> <p>Feminino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>●</td><td>●</td></tr></table>	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	<p>Pergunta 09: Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang/guarani, mas insistia em falar só português?</p> <p>GRUPO KAINGANG</p> <p>Masculino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>●</td><td>●</td></tr></table> <p>Feminino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td>●</td></tr></table> <p>GRUPO GUARANI</p> <p>Masculino</p> <table><tr><td></td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td></td></tr></table> <p>Feminino</p> <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td>○</td></tr></table>	●	●	●	●	●	●	○	●		●	○		●	●	○	○
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
●	●																																
○	●																																
	●																																
○																																	
●	●																																
○	○																																
	<table><tr><td colspan="2">LEGENDA</td></tr><tr><td>●</td><td>Sim</td></tr><tr><td>○</td><td>Não</td></tr></table>	LEGENDA		●	Sim	○	Não																										
LEGENDA																																	
●	Sim																																
○	Não																																

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Além disso, o português é aprendido no núcleo familiar, o que perante o fato dos informantes acreditarem ser importante ensinar e falar a língua indígena, não condiz, pois se é importante, a língua indígena deveria ser aprendida nas famílias, e não ser uma responsabilidade da escola. Para o grupo *fóg/juruá* o ensino da língua indígena para as crianças é importante, e revelam que quem menos fala a língua indígena são os jovens.

Sobre a ocorrência da mistura ou alternância entre as línguas, *Code Mixing* e *Code Switching*, vemos no próximo quadro que no grupo Kaingang prevalece a afirmação de ocorrência desses fenômenos, pois quando fala o português mistura este com a língua

indígena, e quando fala a língua indígena mistura com o português. Já no grupo Guarani, metade dos informantes, isto é, quatro, afirmam que não misturam o português com a língua indígena, e quatro deles dizem que misturam. Já quando falam Guarani, todo o grupo Ts disse que não mistura com o português, ao passo que todo o grupo Td afirma que mistura a língua indígena com o português. No grupo *fóg/juruá* cinco informantes de um total de oito afirmaram que a mistura entre português e língua indígena ocorre. Já para a mistura da língua indígena com o português, metade dos informantes, o que seria quatro informantes, dizem que ocorre e a outra metade dizem que a mistura não ocorre.

Quadro 34: Cruzamento dos dados III

Pergunta 33: Quando fala português, você mistura com a língua indígena?		Pergunta 34: Quando fala a língua, você mistura o português?																	
GRUPO KAINGANG Masculino <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td>●</td></tr></table> Feminino <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td></td><td>●</td></tr></table>		●	●	○	●	●	●		●	GRUPO KAINGANG Masculino <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>◐</td><td>◐</td></tr></table> Feminino <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td></td><td>●</td></tr></table>		●	●	◐	◐	●	●		●
●	●																		
○	●																		
●	●																		
	●																		
●	●																		
◐	◐																		
●	●																		
	●																		
GRUPO GUARANI Masculino <table><tr><td>○</td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td>●</td></tr></table> Feminino <table><tr><td>○</td><td>○</td></tr><tr><td></td><td>●</td></tr></table>		○	●	○	●	○	○		●	GRUPO GUARANI Masculino <table><tr><td>●</td><td>●</td></tr><tr><td>○</td><td>○</td></tr></table> Feminino <table><tr><td></td><td>●</td></tr><tr><td></td><td>○</td></tr></table>		●	●	○	○		●		○
○	●																		
○	●																		
○	○																		
	●																		
●	●																		
○	○																		
	●																		
	○																		
		LEGENDA <table><tr><td>●</td><td>Sim</td></tr><tr><td>○</td><td>Não</td></tr></table>		●	Sim	○	Não												
●	Sim																		
○	Não																		

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ainda, para os informantes que constatamos serem bilíngues, ou seja, aqueles informantes que mantêm a língua indígena, o grupo masculino Kaingang e o grupo Ts Guarani, em suas relações fora da TIG, seja para a venda de artesanatos, compras em mercados e lojas e demais estabelecimentos públicos, a língua que utilizam com os *fóg/juruá* é o português. E quando estão na presença da família, falam entre eles a língua indígena. Isso de certo modo revela no grupo *fóg/juruá* um pequeno desconforto, pois sentem que os indígenas estão falando algo sobre eles, e pelo fato de falarem em tom mais baixo que os *fóg/juruá*, atribui-se que eles estejam “cochichando”.

Os indígenas vendem seus artesanatos pela região e entre eles falam baixo e em Kaingang⁶⁰, e muito se percebe que os *fóg/juruá* não gostam disso, e parecem demonstrar a exigência de que os indígenas falem o português. Por outro lado, afirmam que preservar a língua é sinônimo de preservar a cultura, como visto na sessão 3.2.

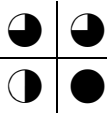
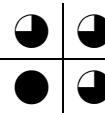
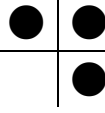
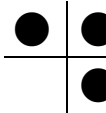
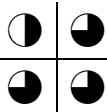
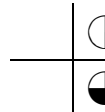
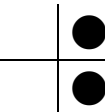
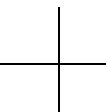









Quanto à análise diatópica, as principais variações referentes às crenças e atitudes, foi possível verificar que, como já mencionamos anteriormente, a existência de uma crença sobre o valor que devemos dar a língua, ensinando às crianças e jovens, mas a atitude perante isso é outra, pois muitas crianças e jovens já não falam mais a língua indígena, e algumas iniciando o movimento de ir estudar nas escolas da cidade. Durante nossas observações ouvimos de alguns indígenas que as escolas na TIG não são boas e que os professores não são comprometidos. Isso ocorria principalmente com falantes que vivem próximos a zona urbana.

Além do mais, no grupo Kaingang, alguns informantes afirmavam que muitos Kaingang querem ser como *fóg*, que querem comprar e ter o que os *fóg* tem. Já no grupo Guarani, mesmo no pouco período de tempo que estivemos na comunidade, percebemos que existe uma diferença entre os núcleos familiares, nos quais, a família da cacica é considerada como “índios puros” pois falam a variedade Guarani, além de preservarem seus costumes e sua religião de modo a manter sua cultura. Os demais núcleos familiares, ou demais membros da comunidade, não são índios puros, pois no geral, casaram-se com *juruá*, não falam a variedade indígena e apresentam poucos aspectos da cultura Guarani presentes em suas vidas.

Assim, para a maioria dos informantes, tanto indígenas, como não indígenas, quem mais preserva a língua e cultura indígena é o grupo Guarani. Por outro lado, quem fala melhor o português é o grupo Kaingang, como podemos ver no quadro 35, logo abaixo:

⁶⁰ Pois os Guarani não possuem o hábito de sair vender o artesanato, apenas os Kaingang.

Quadro 35: Cruzamento dos dados IV

Pergunta 22: De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?		Pergunta 24: De modo geral quem fala melhor o português?									
GRUPO KAINGANG <div> <div>Masculino</div> <div>  </div> </div> <div> <div>Feminino</div> <div>  </div> </div>		GRUPO KAINGANG <div> <div>Masculino</div> <div>  </div> </div> <div> <div>Feminino</div> <div>  </div> </div>									
GRUPO GUARANI <div> <div>Masculino</div> <div>  </div> </div> <div> <div>Feminino</div> <div>  </div> </div>		GRUPO GUARANI <div> <div>Masculino</div> <div>  </div> </div> <div> <div>Feminino</div> <div>  </div> </div>									
<table> <tr> <th colspan="2">LEGENDA</th> </tr> <tr> <td></td> <td>Kaingang</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Guarani</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Os dois</td> </tr> </table>				LEGENDA			Kaingang		Guarani		Os dois
LEGENDA											
	Kaingang										
	Guarani										
	Os dois										

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Sobre a língua falada pelos grupos indígenas nenhum grupo soube falar algum termo ou frase do grupo oposto. Os *fóg/juruá* por sua vez, souberam falar poucas palavras e todas eram em Kaingang.

Ainda, o convívio existente entre *fóg/juruá* e indígenas revela uma relação de desconfiança. Para a maioria dos informantes indígenas os *fóg/juruá* são pessoas boas, parceiras dos povos indígenas, mas ao mesmo tempo não se pode confiar em todos os *fóg/juruá*, pois muitos podem não ter boas intenções. Essa foi uma dificuldade encontrada durante a seleção, onde a equipe da Emater, que auxiliou na seleção de informantes, priorizou a apresentação de informantes que fossem mais receptivos e que de fato respondessem às perguntas realizadas. A principal diferença entre *fóg/juruá* dita pelos informantes, foi a língua falada e as características físicas e psicológicas.

Para concluir, diante da pergunta que lhes foi feita a respeito de sentir vergonha, a maioria afirmou que nunca sentiu, mas novamente, trazemos a atitude de que alguns indígenas insistem em falar português, o que pode estar relacionado à vergonha em falar a língua indígena. Além do mais, persiste a crença de que a língua do indígena é feia, mesmo perante o trabalho de revitalização da língua indígena realizado por escolas e comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades indígenas geralmente vivem ameaçadas sob vários aspectos, seja na proteção de suas terras, de seus direitos como cidadãos, de suas culturas, de suas línguas, dentre outras (BECKER, 1976). São discriminados pela forma como vivem, como são e como falam. Em virtude disso, esta pesquisa investigou a partir de questões linguísticas que envolvessem crenças e atitudes dos povos indígenas da Terra Indígena Guarita e chegamos nas seguintes conclusões:

Para o primeiro objetivo: “Constatar quais são as línguas usadas na TIG e nos municípios de Tenente Portela e Redentora”, constatamos que na TIG ainda são faladas a língua Kaingang entre os Kaingang, Guarani Mbyá entre os Guarani e o português nas duas comunidades, porém os *fóg/juruá* não falam nenhuma variedade indígena, também não encontramos falantes de Nandeva. Assim, nossa hipótese foi confirmada em partes.

Para o segundo objetivo: “Verificar quais são as variedades linguísticas indígenas usadas na comunicação intra e intergrupais da TIG”, verificamos que de forma geral as variedades utilizadas nas relações intragrupais é o português e a língua Kaingang, para o grupo Kaingang, bem como o português e a língua Guarani no grupo Guarani. Nas relações intergrupais, a língua que utilizam é o português, que demonstrou fortes evidências de ser bem dominada pelos indígenas. Novamente, nossa hipótese é confirmada em partes.

Para o terceiro objetivo específico “Identificar quando, como e onde a variedade linguística indígena é usada pela comunidade, assim como quando, como e onde é usada fora da comunidade” identificamos inicialmente, que parte dos informantes não é mais bilíngue, como parte do grupo feminino Kaingang e o grupo Td Guarani, o que significa que utilizam o português em todos os momentos e lugares. Já os demais informantes bilíngues ou monolíngues (na língua indígena) usam a referida língua nas conversas com a família (em suas casas), com vizinhos e com a comunidade. As crianças, mesmo as que não dominam a língua indígena, seja Kaingang ou Guarani, tem contato com o idioma na escola. Já quando se encontram fora da TI, verificou-se que aqueles que dominam a variedade indígena a utilizam entre si, mas com o *fóg/juruá* utilizam a variedade do português para negociar a venda de artesanatos e também quando vão aos estabelecimentos comerciais para adquirir produtos alimentícios, de vestuário e outros serviços. Isso acontece, pois, o comércio local e regional não domina a língua indígena, nem demonstra interesse em atender os indígenas em sua variedade linguística. Assim, nossa hipótese é novamente, confirmada em partes.

Em relação ao quarto objetivo: “Analisar, através das dimensões diassexual, diastrática e diageracional, as perspectivas dos falantes da língua indígena, quanto à importância da língua em suas vidas e, principalmente, para sua cultura, no que se refere à manutenção e preservação”, analisamos que todos os indígenas, tanto informantes Td e Ts, GII e GI, masculino e feminino afirmaram ser importante ensinar a língua indígena às crianças e grande parte dos informantes menciona a língua como uma das principais características dos povos indígenas e percebem que se nada for feito a respeito da preservação a língua indígena, ela corre o risco de ser substituída pelo português. Nossa hipótese foi confirmada.

Quanto ao quinto objetivo específico: “verificar qual a consciência que os indígenas têm, referente à perda da língua materna e qual a consciência do não indígena referente a essa perda no que tange as dimensões diassexual, diastrática e diageracional”; verificamos que a língua portuguesa está atualmente muito presente na vida da TIG principalmente dos Kaingang. Como já mencionamos, praticamente todo o grupo feminino não domina a língua Kaingang. Já no grupo Guarani, todo o grupo Td só falam a língua portuguesa. Nesse ponto, nossa hipótese não se confirma. Mas, os indivíduos que falam as duas variedades, utilizam a língua indígena em seus lares e na comunicação intra grupal.

Contudo, de forma geral, seja diassexual, diastrática e diageracional, a comunidade apresenta uma preocupação quanto à manutenção da língua e da cultura. Conhecemos uma escola que desenvolve um projeto de diagnosticar o número de alunos bilíngues ano após ano, e promove em suas atividades a conscientização sobre a manutenção linguística. O grupo *fóg/juruá* deixou claro que a língua indígena é a principal característica que identifica um indígena, ou seja, talvez se deixar de falar não será mais visto como indígena, conforme Kondo & Fraga (2013). Para as autoras, os indígenas não deixam de ser indígenas por não falarem sua língua característica, bem como, por usarem celular, assistirem TV entre outros. Desta forma, essa constatação confirma parte da hipótese.

Para o sexto objetivo específico “levantar, a partir da visão dos informantes, e através da dimensão diatópica, diastrática, diageracional e diassexual, o real percentual de indivíduos falantes da língua indígena”; inicialmente, não foi possível visitar todas as comunidades para verificar a existência ou não de indivíduos bilíngues tanto nas comunidades próximas ao centro urbano, quanto as distantes. Todavia, procuramos investigar através de conversas com pessoas da comunidade, as quais nos relataram que nas comunidades próximo à cidade, no caso Tenente Portela, os indígenas falam pouco a língua indígena enquanto que nas

comunidades mais isoladas, prevalece o uso da língua indígena. Assim, nossa hipótese se confirma.

Conforme Trudgill (1974 apud TRUDGILL, 2000) as inovações seguem uma hierarquia de grandes centros para o menor, isto também ocorre com a variedade da língua portuguesa que ainda não se faz presente na vida dos informantes que vivem distantes dos centros urbanos. Quanto a dimensão diastrática, não houve manutenção ou perda da variedade indígena no grupo Kaingang. Já no grupo Guarani os informantes que pertencem ao grupo Ts são aqueles que mantêm e preservam a língua indígena, enquanto que os informantes do grupo Td não falam a variedade indígena. Desta forma, nossa hipótese é confirmada em partes. Quanto a dimensão diageracional, não averiguamos manutenção, preservação ou perda da língua indígena perante as gerações dos informantes, desta maneira a hipótese que prevíamos foi refutada.

No que trata da dimensão diasssexual, para o grupo Kaingang as mulheres fazem maior uso da língua portuguesa, ou seja, a língua majoritária, tanto que já não falam mais a língua indígena. Já o grupo masculino se mantém falando a língua indígena, ocorre aqui, o que prevê Chambers & Trudgill, (2004) sobre a mulher usar a variedade de maior *status* comparado aos homens e o que prevê Piller & Pavlenko (2004) a respeito das mulheres serem responsáveis pelas inovações linguísticas. No grupo Guarani, as mulheres, segundo dados, são as que menos usam o português, principalmente as informantes do grupo Ts. Uma delas inclusive, não domina a língua portuguesa. Os informantes do grupo masculino, por sua vez, falam o português e a língua indígena. Por isto, a hipótese inicial é confirmada em partes.

Sobre o sétimo objetivo específico “identificar as principais crenças e atitudes dentro da dimensão diatópica, analisando as variações dessas crenças e atitudes de um grupo para o outro”, como previsto, e em resposta ao nosso **objetivo geral**, identificamos a existência de crenças que não vão de encontro com a atitude, como dizia Kaufmann (2011). A principal crença verificada de forma geral é da importância de se preservar a língua indígena, de valorizar, de manter e além disso, que o indígena é identificado pela língua que fala. Porém, no seu dia a dia a língua portuguesa está ganhando maior espaço e acaba conquistando maior importância, pois é ela que lhe abrirá melhores oportunidades, além de ser vista pela comunidade indígena como uma língua feia.

Ainda sobre as crenças, é importante ensinar às crianças e aos jovens, que não devem sentir vergonha em falar a língua indígena, mas esse é um movimento que parte da escola e não da comunidade e da família como deveria acontecer. São os professores e diretores que

buscam refletir sobre essas questões, mas para que de fato a revitalização e manutenção ocorra, faz-se necessário que a comunidade e as famílias se conscientizem sobre a questão linguística e saibam como tratar disso em seus lares e comunidade, uma ação *in vivo* que segundo Oliveira & Altenhofen (2011) tem maiores probabilidades em gerar resultados satisfatórios.

Identificamos também, como vimos no item anterior, que as crenças e atitudes são praticamente as mesmas, apesar dos grupos apresentarem culturas e línguas diferentes. Cabe destacar que o grupo que mais se aproxima de ter crenças e atitudes coerentes é o grupo Ts Guarani, que usa a língua Guarani o tempo todo em seu grupo familiar inclusive com as crianças, que devem falar o português na escola, mas ao chegar em casa, falam a língua Guarani. Por fim, verificamos que, no grupo indígena, apesar de viverem no mesmo território o contato entre os dois grupos é muito pequeno, e pouco sabem uns dos outros, inclusive a respeito da língua. Isso também ocorreu com os informantes *fóg/juruá*, no qual tivemos informantes que pouco visitaram a TIG e afirmavam saber pouco dos indígenas, por outro lado, tivemos aqueles que mantêm contato direto com a comunidade indígena. Todavia, sobre a língua indígena souberam poucos vocábulos. Assim, nossas hipóteses são confirmadas em partes.

Com os dados analisados neste trabalho, podemos inferir que os falantes bilíngues da TIG, são os informantes masculinos no grupo Kaingang, e os informantes Ts no grupo Guarani, o qual usa a língua Guarani praticamente o tempo todo. O grupo *fóg/juruá* possui pouquíssimo conhecimento sobre a língua indígena, e o pouco que sabe é sobre a língua Kaingang. Além disso, relacionam a língua como uma identidade aos grupos indígenas e à manutenção cultural dos mesmos.

Desta forma, esperamos que esse trabalho possa servir como ferramenta para futuras pesquisas não só no meio acadêmico, mas também no ensino e no aprimoramento dos professores que ensinam nas escolas dentro das aldeias, além disso, possa auxiliar na manutenção e preservação das línguas indígenas, principalmente as do sul do Brasil, que aparecem muito pouco como cenário de pesquisas linguístico. Esperamos também que o presente trabalho sirva de apoio para que a comunidade possa desenvolver políticas linguísticas e, desta forma, manter vivo esse elemento tão forte, rico e bonito que é sua língua. Que mais trabalhos como o nosso possam ser desenvolvidos a fim de contribuirmos ainda mais com as comunidades indígenas do país, principalmente para evitarmos a morte precoce

das línguas indígenas, pois como diz Costa (2014, p. 135) “Quando uma língua morre, morrem com ela sistemas inteiros de cultura, de crenças e de conhecimentos”.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Valdeci de Andrade. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que Dizem os Falantes das Capitais Brasileiras. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2008, p. 105-112.

ALTENHOFEN, Cléo V. O Conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português). In: **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, nº:49, p. 141-161, 2002. [ISSN 1677.051X].

ALTENHOFEN, Cléo V; MARGOTTI, Felício Weeling. O Português de Contato e o Contato com as línguas de Imigração do Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo V; MORELLO, Rosângela. Rumos e Perspectivas das Políticas Linguísticas para Línguas Minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: FARENZENA, Nalú. (Org.). **Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2013, p. 19-26.

APPEL, R; MUYSKEN, P. **Language Contact and Bilingualism**. London: Edward Arnold, 2005.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>.

_____. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988.

BECKER, Ítala Irene Basile. O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul. **Antropologia**. São Leopoldo: nº: 29, 1976.

_____. O que sobrou dos Índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré História do Rio Grande do Sul**. Documentos 05. 2ª ed. São Leopoldo: 2006, p. 125-148.

BENITES, Teresa Fernandes; FALCADE, Noeli Teresinha; LUCKMANN, Sandro. Cotidiano no Tekoa Ka'aguy Porã – Uma experiência de convívio e diálogo. In: MARKUS, Cledes; ALTMANN, Lori; GIERUS Renato. (Org.). **Saberes e Espiritualidades Indígenas**. 2014, p. 143-156.

BOTASSINI, Jacline Ortelan Maia. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **Revista SIGNUM: Estudos Linguísticos**. Londrina, nº 18/1, 2015, p. 102-131.

CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: editora Parábola, 2002.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. especial, p. 385-417, 1999.

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge University Press: 2ª edição, 2004 [1998].

CLAUDINO, Cleci. **O Papel Social da Mulher Kaingang na Terra Indígena Guarita**. Trabalho de conclusão de Curso. UFSC. Florianópolis, 2015.

COSERIU, Eugenio. **Sentido Y Tarefas de la Dialectologia**. Cuadernos de Linguistica. México, 1982.

COSTA, Januacele da. Um Tema em Debate: Revitalização das Língua Minoritárias. In: BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. (Org.). **Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/EGBA, 2014. 232p.

DALLEASTE, Ana Paula. **Crenças e Atitudes Linguísticas**: Um estudo da Língua e da cultura Italiana em Matelândia/PR. Dissertação de Mestrado. Unioeste. Cascavel-PR. 2015.

D'ANGELIS, Wilmar. Línguas Indígenas no Brasil: Urgência de Ações para que sobrevivam. In: BOMFIM, Anari Braz; COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. (Org.). **Revitalização de Língua Indígena e Educação Escolar Indígena Inclusiva**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/EGBA, 2014. 232p.

D'ANGELIS, Wilmar R; VEIGA Juracilda. Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado. **Cadernos do Ceon**. Chapecó: nº 18., 2003, p. 213-242.

EMATER/RS ASCAR. **Relatório Diagnóstico da Situação Comunidade – TI Guarita**. Escritório da Unidade Indígena de Tenente Portela, 2014.

FAGGION, Carmen Maria. Bilinguismo e Cultura. In: FROSI, Vitalina Maria; FROSI, Maria; DAL CORNO, Gisele Olivia Mantovani. **Estigma: Cultura e Atitudes Linguísticas**. Editora: Educs. 2010.

FRANCHETTO, Bruna. Que País Multilíngue é Este? In: RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. **Povos Indígenas no Brasil – 2006/2010**. Instituto Socioambiental.

FISHMAN, Joshua. Language and Ethnicity: The View from Within. In: COULMAS, Florian. **The handbook of Sociolinguistics**. Blackwell Reference Online. December, 2007.

GASPARETO, Luciane M.O. Tenente Portela dos Índios: os Séculos da Presença Indígena nos Cinquenta Anos do Município de Tenente Portela. In: LOPES, Fátima Marlise M. R; DANETTE, Vera Regina. (Org.). **Memórias de Tenente Portela e Municípios Descendentes**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006, p. 17-36.

GARCIA, Mariana de Souza. O Papel das Atitudes Linguísticas na Manutenção ou não da Língua Indígena em Comunidades Indígenas Bilíngues: O caso Ipegue/Terena. **Revista Via Litterae**. Anápolis: v. 01, nº: 01, p. 99-118, 2009.

GEWEHR- BORELLA, Sabrina. “**Tu dampém fala assim?**”: **Macroanálises pluridimensionais da Variação de Sonorizações e Dessonorizações de Oclusivas do Português de Falantes Bilíngues Hunsriqueano-Português**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2014.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Harvard University Press, 1982.

HAMERS, F. Josiane; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2ª edição, 2004.

HORST, Aline. **Variação e Contatos Linguísticos do Vestfaliano Rio-Grandense Falado no Vale do Taquari**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2014.

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Identidade e Comportamento Étnico-linguístico em um Contexto Multilíngue no Sul do Brasil: Teoria e Prática. **Revista Nonada**, Porto Alegre, nº 24, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características Gerais dos Povos indígenas**. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/tab_3_01.pdf>. Acesso em: 15/09/2014.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

KONDO, Rosana Hass. FRAGA Letícia. O Índio só é índio se fala língua indígena: representações de identidade indígena. **Revista Língua & Literatura**. Frederico Westphalen: v. 15, nº 25, 2003, p. 213-239.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. Direitos reservados: FAPERGS/UFS, 2013.

_____. **Os Bilíngues Teuto-Brasileiros frente à Metafonia Funcional do Português**. Tese de Doutorado. Kiel, Westensee-Verl. 2011

_____. **Identidade e Comportamento Linguístico na Percepção da Comunidade Plurilíngue Alemão – Italiano – Português de Imigrante – RS**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KUARAY PEREIRA, Joel. Passado e Presente Guarani. Não é do Pensamento dos Povos Indígenas Tradicionais quererem ficar ricos. In: BALLIVIAN, José Manuel Palazuelos. (Org). **Tecendo Relações Além da Aldeia**. Artesãos Indígenas em cidades da Região Sul. São Leopoldo: Oikos, Comin, 2014, p.11-12.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: 2008.

_____. **Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation**. 1984.

LAMELI, Alfred. **Linguistic Atlases – Tradicional and Modern**. In: AUER, Peter; SCHIMIDT, Jürgen Erich. (eds.). *Language and Space: Theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

LASAGABASTER, David. Attitud. In: GRUYTER, Walter de. **Sociolinguistics V**. Vol. 1. Berlin-New York, 2007, p. 399-404.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. ISBN 85-98171-57-3

LUCKMANN, Sandro; FALCADE, Noeli Teresinha. **Gufã ag Kajró**: Ti ãg Kajrã get u ãg nt. Terra Indígena Guarita. Editora Oikos, São Leopoldo, 2008.

MACKEY, W. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, J. **Deadening in the Sociology of Language**. 3ª ed. The Hague, Monton, 1972

MANTELLI, Jussara; CANABARRO, Ivo dos Santos. A Organização Cultural do Espaço Agrário no Noroeste do Rio Grande do Sul. In: **XIX ENGA**, São Paulo, 2009.

MARKUS, Cledes. **Semana dos Povos indígenas 2009**: Modo de Ser Guarani Mbya Reko Regua. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda, Comin, 2009.

MARQUES, Taciane Marcelle; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Crenças e Atitudes na Sala de Aula. **Linguasagem**, São Carlos, 2015.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. Os contatos Linguísticos e o Brasil – Dinâmicas pré-históricas, Históricas e Sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56.

MINDLIN, Betty. A Política Educacional Indígena no Período 1995-2002. In: **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.1, n.2, dez. 2004, p.101-140.

MOORE, Denny. Línguas Indígenas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 217-239.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JÚNIOR, Nilson. **O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas**. Museu Goeldi – MCT, 2008.

MOZZIOLLO, Isabella. O Code-Switching: Fenômeno Inerente ao Falante Bilíngue. **Papia**. v. 19, 2009, p. 185-2000.

OLIVEIRA, Gilvan Müller; ALTENHOFEN, Cléo V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da

diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011, p. 187-216.

PASTORELLI, Danielli Silva. Línguas em Contato: A crença e a Atitude Linguística do Capanemense. **Línguas e Letras**. v. 12, nº 22. 2011, p. 13-41.

PILLER, Ingrid; PAVLENKO, Aneta. Bilingualism and gender. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 489-510.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Revista Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, pp. 35-38. Disponível em: < <http://www.etnolinguistica.org/artigo:rodrigues-2005> > Acesso em: 20/06/2014.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. Oxford: Blacmvell. 2ª ed, 1995.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré História do Rio Grande do Sul**. Documentos 05. 2ª ed. São Leopoldo: 2006, p. 31-64.

SELLA, Aparecida Feola et al. Crenças e Atitudes Linguísticas em Foz do Iguaçu: perceptíveis por meio do léxico. In: SELLA, Aparecida Feola Sella; ROMAN, Elódia Constantino; CORBARI, Alcione Tereza. (Org.). X Celsul: Congregando Pesquisas. 2016, p. 145-166.

SILVA, Hélen Cristina da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. O Poder de uma Diferença: Um estudo sobre Crenças e Atitudes Linguísticas. **Revista Alfa**. São Paulo, 2014, p. 703-723.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sócio Linguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

THUN, Harald. **Movilidad Demográfica y Dimension Topodinámica. Los montevidianos em Riveira**. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (orgs.) *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl. 1996

THUN, Harald. **La Geolingüística como Lingüística Variacional General (com ejemplos del Atlas Diatópico y Diastrático de Uruguay)** In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. V. 5.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio. *O Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR)*. Um Trabalho necessário para Atualizar informações linguísticas sobre o Guaraní e o Espanhol do Paraguai. In: **Cadernos de Tradução do IL-ALGR-Guarani Espanhol**. Tradução: ALTENHOFEN, Cléo Vilson. 1999.

THUN, Harald. A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org). **Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald. Pluridimensional Cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language Mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010, p. 506-523.

THUN, Harald. Variety Complexes in Contact: A Study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: **Language and space: theories and methods**. AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds). Berlin/New York: de Gruyter, 2010b, p. 706-723

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to Language and Society**. London: Penguin Books, 2ª edição. 2000 [1974].

VANDEKERCKHOVE, Reinhild. Urban and Rural Language. In: **Language and Space: Theories and Methods**. AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds). Berlin/New York: de Gruyter, 2010, p. 315-332 (HSK).

_____. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society** (v.2). 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 1318-1332.

WILTSHIRE, Ariana Berardi; PETRUCCI, Peter; MAIA, Marcus. Revitalização de Língua Indígena na Nova Zelândia: o caso exemplar das escolas do povo Māori. In: JANUÁRIO, Elias; SILVA, Fernanda Selleri. **Cadernos de Educação Escolar Indígena**. Cuiabá: Editora Merireu, v.12, n.1, 2015

WISNIEWSKI, Fernanda. **A terra Indígena do Guarita -RS e o Seu Processo de Formação.** Disponível em:
<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300876916_ARQUIVO_ArtigoAnpuh.pdf>. Acesso em: 01/07/2014.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário

QUESTIONÁRIO PLURIDIMENSIONAL DO ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA⁶¹

III. ASPECTOS (META)LINGUÍSTICOS

As perguntas realizadas aos informantes, tratam do conhecimento metalinguístico, ou seja, o que os informantes sabem/conhecem/pensam sobre sua língua e sobre a língua do outro, voltado inicialmente para a questão da identidade.

I – Questões de Identidade

INFORMANTE INDÍGENA:

1. Que língua costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?) (Krug, 2004, Steffen 2007)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

1. Que língua costuma falar na família??) Que língua o índio costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007)

INFORMANTE INDÍGENA:

2. Que tipo de português/kaingang/guarani é? Como se chama? Podia falar “um pouquinho sobre o que é português/kaingang/guarani”? O que disse que você colocou você acha que apresenta? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

2. Retirada

INFORMANTE INDÍGENA:

3. Tem diferença entre o Kaingang/Guarani do fala em outras tribos indígenas e o daqui? Qual a diferença? (Krug 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

3. Tem diferença entre o Kaingang e do Guarani? É a mesma língua falada em outras tribos indígenas? Qual a diferença? (Krug 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

4. Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

4. Em que língua você acredita que o índio mais gosta de conversar? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

5. De modo geral, costuma falar mais a língua indígena ou português? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

5. De modo geral, o índio costuma falar mais a língua indígena ou português? (Krug, 2013)

⁶¹ O questionário está adaptado para a pesquisa intitulada: Manutenção, Preservação e Perda do Bilinguismo: Português/Guarani/Kaingang na Reserva do Guarita – RS.

INFORMANTE INDÍGENA:

6. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Krug, 2004).

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

6. Quando o indígena recebe visita, que língua ele prefere usar? (Krug, 2004).

INFORMANTE INDÍGENA:

7. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala Kaingang/ Guarani? (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

7. O índio se sente melhor quando é uma visita que também fala Kaingang/ Guarani ou quando a visita fala português? (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

8. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, Kaingang/ Guarani? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

8. O que acha dos índios que só falam a língua indígena? (Que não falam o português) (Krug, 2013).

INFORMANTE INDÍGENA:

9. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa Kaingang/ Guarani, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

9. Já lhe aconteceu de estar com um índio que sabia o português, mas insistia em só falar a sua língua indígena Kaingang/ Guarani? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

10. Como aprendeu o português? (Lembretes: escola, contato, trabalho...) (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

10. Como o índio aprende o português? (Lembretes: escola, contato, trabalho...) (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

11. Como é/foi na escola o uso do Kaingang/ Guarani? (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

11. Como vê o uso do Kaingang/ Guarani na escola? (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

12. Como acha que as pessoas de fora veem as pessoas originárias, que nascem na Terra Indígena? (Quanto a língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

12. Como acha que as pessoas de fora veem as pessoas originárias, que nascem na Terra Indígena? (Quanto a língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

13. Como se sente mais? Índio? Gaúcho? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

13. Como o indígena se sente, mais Gaúcho ou mais indígena? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

14. Quem nasce na Guarita é.... (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

14. Quem nasce na Guarita é.... (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

15. E quando pensa no índio? Como ele é? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

15. E quando pensa no índio? Como ele é? (Krug, 2013)

16. Questão retirada.

Em seguida serão feitos questionamentos sobre como ocorre a variação e intensidade da identidade de um grupo para o outro.

II Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

INFORMANTE INDÍGENA:

17. O que identifica o índio típico daqui? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

17. O que identifica o índio típico daqui? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

18. E o não índio? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

18. E o não índio? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

19. Como chamam as pessoas que não são de origem indígena? (na língua indígena e no português?) (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

19. Como chamam as pessoas que não são de origem indígena? (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

20. Características do fogue/djuruá (Krug, 2004)

Como é esse fogue/djuruá?

Sugerências:

a) De pele escura? B) só fala português c) Provém da cidade? D) Confiável? E) gosta de trabalhar? F) organizado? G) Amigo? H) conversador? I) hospitaleiro? J) desconfiado?

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

20. Características das pessoas que não são indígenas (Krug, 2004)

Como é essa pessoa?

Sugerências:

A) De pele escura? B) só fala português c) Provém da cidade? D) Confiável? E) gosta de trabalhar? F) organizado? G) Amigo? H) conversador? I) hospitaleiro? J) desconfiado?

INFORMANTE INDÍGENA:

21. O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

21. O que sabe da língua do (outro) Kaingang/Guarani? Citar palavras ou expressões (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

22. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? Sugerência: A) Guarani? B) Kaingang? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

22. De modo geral, dos índios que vivem na TI, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? Sugerência: A) Guarani? B) Kaingang? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

23. Retirada

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

23. Tem diferença entre o português falado em *Tenente Portela* e em *Miraguaí* ou *Redentora*? A que se deve isso? Dê exemplos. (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

24. De modo geral, quem fala melhor português, o Kaingang ou o Guarani? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

24. De modo geral, quem fala melhor português, o Kaingang ou o Guarani? (Krug, 2013)

Dando continuidade, as questões a seguir se referem ao papel da língua relacionado ao ponto cultural do informante.

III – Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

INFORMANTE INDÍGENA:

25. Acha importante que os filhos aprendam Kaingang/Guarani dos pais? Por quê? (Krug, 2004)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

25. Acha importante que as crianças indígenas aprendam Kaingang/Guarani dos pais? Por quê? (Krug, 2004)

INFORMANTE INDÍGENA:

26. Dizem que muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Kaingang/Guarani). O que acha disso? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

26. Dizem que muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Kaingang/Guarani). O que acha disso? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

27. Existem situações em que você tem vergonha de falar Kaingang/ Guarani? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

27. Existem situações em que o índio tem vergonha de falar Kaingang/ Guarani? (Krug, 2013)

28. Questão retirada.

INFORMANTE INDÍGENA:

29. Se fosse dizer o que mais identifica um Kaingang/Guarani, diria que é o que? (Krug, 2013)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Suas características | <input type="checkbox"/> sua religião |
| <input type="checkbox"/> Sua língua | <input type="checkbox"/> seus hábitos e costumes |
| <input type="checkbox"/> Sua música | <input type="checkbox"/> suas festas |
| <input type="checkbox"/> Sua casa | <input type="checkbox"/> seus nomes |
| <input type="checkbox"/> Seu jeito de ser | <input type="checkbox"/> outro _____ |

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

29. Se fosse dizer o que mais identifica um Kaingang/Guarani, diria que é o que? (Krug, 2013)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Suas características | <input type="checkbox"/> sua religião |
| <input type="checkbox"/> Sua língua | <input type="checkbox"/> seus hábitos e costumes |
| <input type="checkbox"/> Sua música | <input type="checkbox"/> suas festas |
| <input type="checkbox"/> Sua casa | <input type="checkbox"/> seus nomes |
| <input type="checkbox"/> Seu jeito de ser | <input type="checkbox"/> outro _____ |

Finalizando o questionário, procuramos tratar de perguntas que revelem se o informante é bilíngue, ou melhor, se ele fala a língua indígena e a língua portuguesa, ou apenas uma delas, e em que situações.

IV – Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

INFORMANTE INDÍGENA:

30. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Schmidt, 1997)

- 30.1 Retirada
- 30.2 No mercado
- 30.3 Nas lojas
- 30.4 No sindicato
- 30.5 No restaurante
- 30.6 Na prefeitura
- 30.7 No posto de saúde
- 30.10 Retirada
- 30.11 No posto de gasolina
- 30.12 No trabalho (quando vende os artesanatos)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

30. Que língua o índio fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Schmidt, 1997)

- 30.1 Retirada
- 30.2 No mercado
- 30.3 Nas lojas
- 30.4 No sindicato
- 30.5 No restaurante
- 30.6 Na prefeitura
- 30.7 No posto de saúde
- 30.10 Retirada

- 30.11 No posto de gasolina
30.12 No trabalho (quando vende os artesanatos)

INFORMANTE INDÍGENA:

31. Quando você encontra um estranho fora da Terra Indígena em que língua você fala com ele? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

31. Quando você encontra um índio fora da Terra Indígena em que língua você fala com ele? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

32. Em que situações você fala a língua indígena e em que a língua portuguesa? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

32. Em que situações o índio fala a língua indígena e em situações a língua portuguesa? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

33. Quando fala português, você mistura com a língua indígena? Se sim, o que você mistura e por quê? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

33. Quando fala português, o índio mistura com a língua indígena? Se sim, o que ele mistura e por quê? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

34. Quando fala a língua indígena, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê? (Krug, 2013)

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

34. Quando fala a língua indígena, o índio mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê? (Krug, 2013)

INFORMANTE INDÍGENA:

35. a) Que língua aprendeu primeiro? Língua indígena ou português?

b) Em que língua você pensa?

c) Que língua você fala?

d) Em que língua você sonha?

INFORMANTE INDÍGENA:

35. Retirada

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

35. Como você vê o indígena da Guarita?

INFORMANTE INDÍGENA:

36. Retirada

INFORMANTE NÃO INDÍGENA:

36. O que diferencia o índio do não índio?

ANEXO B1 – Texto “A Parábola do Filho Pródigo” em Português

II. Lucas 14, 15 Parábola do Filho Pródigo

Jesus disse também: “Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: “Pai, tenho a idéia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence.” O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para os seus campos guardar e cuidar de porcos. Desejava encher o estômago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou: “Eu minguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores.”

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse logo aos empregados: “Tragam depressa a melhor roupa e vistam-lho. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés. Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter

desobedecido às tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres de má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que minguês mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz.”

O pai disse-lhe com voz tênue: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmo-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.”

ANEXO B2 – Texto “A Parábola do Filho Pródigo” em Mbya Gurani

Tupã ra'y aipoe'í avi : ''peteĩ ava anhentẽ gua oguereko raka'e mokoĩ gua'y kue'í ry .Kyrĩve va'e ojerure nguú pe:''Xeru,areko xe mba'e rexa'ã jaru ve haguã nhandereko ha'e aikuaa ve pota haguã.Eme'ẽ rereko va'e xevy .''Tuu,ndoipotai ni, peteĩ 'ĩ rive ojopy vy mokoĩ ve pe omboja'ó .Ára oaxa rire.kyri ve va'e ojopy pa ma vy oo yvy mboae re mombyry hete re,pereta oguereko va'e kue omomba rive.

Ndoguereko vei ma vy perata,oiko ma karuai oo hague py,ojexavai ma apy oeka ombaepo i hagua ojou okaru hagua havi oikoapy.ha'e rami apy ojexavai hete mavy ojevy xe ayvu ju nguú apy .

Há'e rami hapy py opu'ã ojevy ju nguú apy ,Tuu ae vy oexa kuaa mombyry teĩ ,Ovy'a hete revê,onha gua'y aguaĩxĩ,oikua va mba'í há'e oayvu pa'í ju.Ha'e ramo tuu aipoe'í opeõ kuery pe:'' xera'y haó ra pejou ipora veva'e he'ĩ`ovy'a vy [...].

Tyke'y mombyry gui rive oexa vy oenoi nguú peõ pe vy oporandu mba'tu oiko he'í há'e kuery pe ramo ,nderyvy rima ouju pendero py omombe'u.Ovy'a tyke'y[...].ovy'a vy ojapo nguú revê

ANEXO B3 – Texto “A Parábola do Filho Pródigo” em Kaingang

Û KÓSIN VÃFOR KÃME

Topẽ kósin vỹ tag tó mũ: “ũ vỹ tóg kósin régre ja nĩgtĩ”. Kỹ ti kósin tỹ ãgno tóg ti panh mỹ: “ha uri inh mỹ inh isũ nĩm ã tỹ inh mỹ nén nĩm ke mũ ãn ti”. Kỹ ti panh tóg ti krẽ mỹ tit ã vẽnhpãm mũ sir. Kãnhmar ti kósin kyrũ tóg ti mỹ ti tũ mãn kỹ ãmã ã ra tĩ mũ.tá tóg vãm kãn mũ, nén ã kórég kar to. Kejẽn tóg tá prỹg han mũ ser, ãmã ãn tá. Kỹ tóg kókĩr mũ ser. Kỹ tóg tá ke ã mré vãmén mũ, tit a ti mỹ vẽnhrãnrãj nĩm jé. Kỹ tóg ti mỹ ti ti mễg tỹ ti porco ki rĩr jé ti jẽnễg mũ ser, ti safra ra. Kỹ tóg ti mễg jẽn kosór mũ, ti kókĩr tỹvĩ nin kỹ. kỹ tóg kejẽn ti krĩ há han mũ. To jykren tóg mũ ser. Inh panh mỹ rãnrãj tĩ ag vỹ ãmĩ ko mág tĩ. Ag jẽn tóg ag mỹ Ken tĩ. Jô sog kókĩr kỹ ter sór mũ há, ke tóg mũ. Inh jé inh panh kukãm tĩg mãn ha, ke tóg. Kỹ sóg ti mỹ paj kanhkã ta nĩ ãn vĩ mranh inh, ã vĩ ti ke gé. Kỹ sóg vẽnhmỹ tỹ ã camarada nĩj ke nĩ ha ke jé sóg mũ, ke tóg mũ to jykren kỹ.

ANEXO B4 – Texto em Kaingang

Ka Penĩ tóg tin tĩ hãra ti ne nin'su ve mũ Ser. Kĩ nin'su ne Penĩ mũ mũnĩ kanhignhir jé, ke mũ. Kĩ Pénĩ tóg hej ke mũ kĩ nin'su vỹ Pénĩ mũ mũnĩ kurã tēgtũ tu fi jé kemũ Ser, kĩ Pénĩ vỹ hej kemũ, kĩ nin'su kar Pénĩ tỹ ag ãn ra mũ mũ Ser. Kĩ kar nin'su vỹ Pénĩ ja vãnũ vár mũ hãra' ti ne ti ve mũ. Kĩ ti ne Pénĩ mũ. Mũnĩ venh kajran jé ke mũ, ka ag ne tóg ke mũ ka Pénĩ ne ãgno kã Sá nĩ. Nin'su vã Pénĩ rē mũ kĩ nin'su tỹ tá jun mũ Ser. Kĩ pénĩ vỹ nin'su mũ ag ne. Vãnũ kĩ tỹ kemãn jé ke mũ mã'ãg ky. Kĩ tỹvaj ka ag ne tỹ ke mãn mũ gé. Hãra nin'su vỹ Pénĩ ré mãn mũ gé kĩ nin'su vỹ tájun kĩ tu. Jo pénĩ vỹ ěg no tá jug mãn mũ gé Ser, kĩ nin'su vỹ Pénĩ mũ vãnũ kĩ ěg tỹ troféu tu kenh mũ ke mũ. Kĩ tỹ vãnũ kĩ ag vỹ ke mãn ke mũ gé Ser. Kĩ ag vỹ ke mũ Ser, kejẽn nin'su tóg vẽnũ nón ěvãnũ mũ. Harã pénĩ tóg ěg no há tá kãtĩ nĩ. Kĩ nin'su vỹ inh hã nỹ ti tu mãn tũ nur sĩ han ke mũ. Kĩ nin'su tóg ka tu nĩ kĩ nũr nĩ nĩ. Hãra ti tỹ mrĩn ke mãr penĩ vỹ tá jũn mũ Ser, kĩ Pénĩ vỹ troféu vyn mũ ser.

Kĩ há vỹ inh ó kãme ti.

ANEXO B5 – Texto em Mbyá Guarani

Kaxo

Haguara'i ha'e jaxyta.
Peteingue jê haguara'i peixa ijayvu ni petei nda'ipo xegui onhave
va'e he'i. Xeerei nhi'ã, anhavy ní xekane'õ va'e'y he'i je haguara'i.
Ha'e rire je haguara'i oo jaxyta ropy, onha água re ijayu vy.
Ha'e gui je haguara'i omoi mokoi ayvu onha aguã re. Peteinhgue
onhaapy ikane'õ voi vaé ma jauga gue ndogueraai rá he'i haguara'i.
Ha'e gui haguara'i ijayvu onha aguã re oikuaa py jaxyta onha va'e'y
ria.
Ha'e rire jê jaxyta aipoe'i gue nõ he'i nha nha vy he'i onha aguã
ova?'y mbove je jaxyta ijayva oir? jaxyta mboaepe, ha'e gui je jaxyta
haguara'i revê onha va'e rá onha aguã py oi ha'e amboae je ava?
aguã py oi.
Ha'e rire je haguara'i onha ma je ovy, ha'e rá ova? ra'ipy je oma'?
rá jaxyta je ha'e py ma je uguapy oinhy, há'e je haguara'i ojevy ju
onha revê, há'e rá jê ova? ra'ipy ma je oma'e rá jê jaxyta ha'e py ju
ma je jaxyta oi jekuaa.
Hagaura'i je ha'e rami je ojevy-jevy hare rá je haguara'i ikane'õ, ha'e
vy je haguara'i omanõ'i ikane'õ gui.
Haguara'i ndoikuuai je mba'e gui pa omanõ'i raka'e.

**Vire a página e
descubra que
história o vovô
indígena Guarani
contou para
o neto**



Aldeia Itaju/SC